

PPGACV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARTE E CULTURA VISUAL

FAV
FACULDADE DE
ARTES VISUAIS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

**IMPRESSÕES DA HISTÓRIA DA PERSONAGEM TRANSGÊNERO NO
CINEMA BRASILEIRO**

CRISTIANO DE OLIVEIRA SOUSA

Goiânia,
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Cristiano de Oliveira Sousa

3. Título do trabalho

"IMPRESSÕES DA HISTÓRIA DA PERSONAGEM TRANSGÊNERO NO CINEMA BRASILEIRO"

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Rosa Maria Berardo, Professor do Magistério Superior**, em 28/08/2024, às 11:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiano De Oliveira Sousa, Discente**, em 12/09/2024, às 16:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4776017** e o código CRC **A1512FB1**.

PPGACV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARTE E CULTURA VISUAL

FAV
FACULDADE DE
ARTES VISUAIS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**IMPRESSÕES DA HISTÓRIA DA PERSONAGEM TRANSGÊNERO NO
CINEMA BRASILEIRO**

CRISTIANO DE OLIVEIRA SOUSA

Dissertação de pesquisa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Arte e Cultura Visual.

Área de concentração: Artes, Cultura e Visualidades.

Linha de pesquisa: Poéticas Artísticas e Processos de Criação.

Orientação: Profa. Dra. Rosa Maria Berardo

Goiânia, 2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Sousa, Cristiano de Oliveira
Impressões da História da Personagem Transgênero no Cinema Brasileiro [manuscrito] / Cristiano de Oliveira Sousa. - 2024.
CXVI, 116 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Rosa Maria Berardo .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-graduação em Cultura Visual, Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui fotografias, abreviaturas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. representação. 2. cinema brasileiro. 3. LGBTI+. 4. cultura visual. 5. diversidade. I. , Rosa Maria Berardo, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 09/2024 da sessão de Defesa de **Dissertação** de Mestrado de **Cristiano de Oliveira Sousa**, que confere o título de **Mestre** em Arte e Cultura Visual, na área de concentração em Artes, Cultura e Visualidades.

Aos 27 dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro, a partir das nove horas e trinta minutos, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "**IMPRESSÕES DA HISTÓRIA DA PERSONAGEM TRANSGÊNERO NO CINEMA BRASILEIRO**". Os trabalhos foram instalados pela Orientadora Professora Doutora Rosa Maria Berardo (PPGACV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora, membro titular interno Professor Dr Flavio Gomes de Oliveira(PPGACV/FAV) e membro titular externo Dr Dostoiewski Mariatt de Oliveira Champangnatte (FACMAIS - Inhumas - Comunicação).

Durante a argüição, os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **Aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Rosa Maria Berardo, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos 27 dias do mês de março de 2024.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Rosa Maria Berardo, Professor do Magistério Superior**, em 27/08/2024, às 12:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavio Gomes De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 27/08/2024, às 20:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dostoiewski Mariatt de Oliveira Champangnatte, Usuário Externo**, em 29/08/2024, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4776008** e o código CRC **66341F18**.

Referência: Processo nº 23070.010800/2024-96

SEI nº 4776008

PPGACV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARTE E CULTURA VISUAL

FAV
FACULDADE DE
ARTES VISUAIS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

**IMPRESSÕES DA HISTÓRIA DA PERSONAGEM TRANSGÊNERO NO
CINEMA BRASILEIRO**

CRISTIANO DE OLIVEIRA SOUSA

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosa Maria Berardo (Orientadora) Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Flávio Gomes de Oliveira (Examinador
Interno) Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Dostoiewski Mariatt de Oliveira Champangnatte (Examinador Externo)
Faculdade de Inhumas – FacMais (Goiás)

Prof. Dr. Edgar Silva Franco
(Suplente Interno) Universidade Federal de Goiás

Prof. Marciel Aparecido Consani
(Suplente Externo) Universidade de São Paulo

Goiânia, 2024

PPGACV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARTE E CULTURA VISUAL

FAV
FACULDADE DE
ARTES VISUAIS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

"Em homenagem ao meu amor e companheiro de 24 anos, Ivan Martins, e em memória de Karla Ariella, uma mulher trans maravilhosa, linda, artista, guerreira e apaixonada pela vida, morta durante a pandemia de COVID-19."

RESUMO

A pesquisa proposta tem como objetivo central a realização de 10 entrevistas junto a pessoas transgênero no contexto brasileiro, com o intuito de identificar, analisar e registrar suas reações em relação às representações que lhes são atribuídas no âmbito do cinema brasileiro, como referência histórica. Este estudo se caracteriza por uma abordagem analítica do processo criativo nas esferas artísticas e da cultura visual, focalizando especificamente a temática LGBTI+. Para tal fim, adotou-se uma metodologia qualitativa embasada em uma perspectiva histórica pessoal, ancorada no conhecimento e ativismo relacionados à questão LGBTI+, e respaldada pela história do cinema nacional pertinente ao tema em questão. A fundamentação teórica baseou-se nas contribuições de Michel Foucault, Stuart Hall à Judith Butler, cujas proposições destacam a representação do gênero na cultura visual. O cerne desta pesquisa é a criação de um produto audiovisual que explore as interações entre teorias que abordam as questões LGBTI+, as narrativas dos entrevistados e as linguagens audiovisuais, especialmente com foco na construção da imagem cultural e cinematográfica contemporânea.

Palavras-chave: representação; cinema brasileiro; LGBTI+; cultura visual; diversidade.

ABSTRACT

The proposed research aims at conducting 10 interviews with transgender individuals in the Brazilian context, in order to identify, analyze, and document their reactions regarding the representations assigned to them within Brazilian cinema, as a historical reference. This study is characterized by an analytical approach to the creative process in artistic and visual culture spheres, specifically focusing on the LGBTI+ theme. For this purpose, a qualitative methodology was adopted, based on a personal historical perspective, rooted in knowledge and activism related to the LGBTI+ issue, and supported by the relevant national cinema history on the subject. The theoretical foundation draws from the contributions of Michel Foucault, Stuart Hall, and Judith Butler, whose propositions emphasize gender representation in visual culture. The core of this research is the construction of an audiovisual product that explores the interactions between theories addressing LGBTI+ issues, the narratives of the interviewees, and audiovisual languages, particularly focusing on the construction of contemporary cultural and cinematic imagery.

Keywords: representation; brazilian cinema; LGBTI+; visual culture; diversity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Still do documentário <i>Temporada de Caça</i>	21
Figura 2 – Pastor André Valadão durante pregação nos EUA.....	22
Figura 3 – Foto do I DIGO Festival (2016) na Praça Cívica em Goiânia, GO.....	29
Figura 4 – Foto do II DIGO Festival (2017) no Centro Cultural da UFG.....	30
Figura 5 – Equipe do II DIGO Festival (2017) no Centro Cultural da UFG.....	33
Figura 6 – Ator Carlos Kroeber, como Timoteo, no filme <i>A Casa Assassina</i> (1971).....	40
Figura 7 – Milton Gonçalves, como Diaba, no filme <i>Rainha Diaba</i> , de Antônio Carlos Fontoura (1974).....	41
Figura 8 – Frame do filme <i>Os Anjos da Noite</i> (1987).....	43
Figura 9 – Flávio Migliaccio, Erasmo Carlos e Reginaldo Faria em <i>Os Machões</i> (1972).....	43
Figura 10 – Cartaz do filme <i>Estou com Aids</i> , do diretor David Cardoso (1985).....	44
Figura 11 – A atriz Lady Francisco em <i>Rapazes das Calçadas</i> (1981), de Levi Salgado.....	44
Figura 12 – Frame do filme <i>Os Imorais</i> (1979), de Geraldo Vietri.....	45
Figura 13 – Ana Beatriz Nogueira em <i>Vera</i> , de Sérgio Toledo.....	45
Figura 14 – Still do filme <i>Augusto Anibal quer casar</i> (1923).....	50
Figura 15 – Diretor Lu Hiroshi no I DIGO Festival (2016), em Goiânia.....	54
Figura 16 – A atriz Badu Morais e Aury Porto representando um homem trans.....	58
Figura 17 – Pôster do filme <i>Kátia</i> , de Karla Holanda.....	61
Figura 18 – Julia Katharine e atrizes no curta <i>Tea for Two</i> (2019).....	68
Figura 19 – Danny Barbosa no set do seu curta <i>Café com Rebu</i> (2019).....	69
Figura 20 – Atriz Anne Celestino Mota em <i>Alice Júnior</i> (2019).....	70
Figura 21 – José Dumont em <i>O Homem que virou Suco</i> (1980).....	70
Figura 22 – A primeira entrevistada, Leandra Gitana, atriz, cigana e <i>drag queen</i>	73
Figura 23 – Camilla Miss Mundo – Bastidores gravações em Goiânia.....	75
Figura 24 – Julia Katharine, Diretora de curtas-metragens e atriz de cinema.....	76
Figura 25 – Bernardo de Assis, Diretor de curtas-metragens e ator de cinema e novelas.....	77
Figura 26 – Rogéria, atriz, cantora, vedete, ex-maquiadora, a travesti da família brasileira.....	78
Figura 27 – Thelma Lipp foi modelo, atriz e jurada de TV, além de performista e transexual.....	80
Figura 28 – Roberta Close, atriz, <i>socialite</i> e ex-supermodelo, brasileira naturalizada suíça, como Brigitte no filme <i>Escorpião Escarlata</i> , de Ivan Cardoso.....	81
Figura 29 – Ator Daniel Veiga no filme <i>Monstro</i> , de Diogo Leite.....	82
Figura 30 – Renata Carvalho, atriz, roteirista, dramaturga, diretora.....	83
Figura 31 – Com Renata Carvalho na 4ª Conferência Nacional de Cultura LGBTQIA+, em Belo Horizonte.....	84

Figura 32 – Brenda Oliveira, criador de conteúdo digital.....	88
Figura 33 – Ato durante a exibição do filme <i>Agreste</i> , na Reserva Cultural, localizada na avenida Paulista.....	89
Figura 34 – Gabriel Lodi, ator.....	90
Figura 35 – Katherine Lazar, líder espiritual e terapeuta.....	91
Figura 36 – Leona Jhovs, diretora, atriz e transfeminista.....	91
Figura 37 – <i>Still</i> da animação documentário <i>Impressões da Personagem</i> <i>Transgênero do Cinema Brasileiro</i>	95
Figura 38 – <i>Still</i> da animação documentário <i>Impressões da Personagem</i> <i>Transgênero do Cinema Brasileiro</i>	96
Figura 39 – <i>Still</i> da animação documentário <i>Impressões da Personagem</i> <i>Transgênero do Cinema Brasileiro</i> , atriz Leona Jovhs.....	97
Figura 40 – <i>Still</i> da animação documentário <i>Impressões da Personagem</i> <i>Transgênero do Cinema Brasileiro</i> – ator Bernardo Assis.....	97
Figura 41 – Gravação música original <i>Transcinema</i> , cantora Cabrilha Trindade.....	100
Figura 42 – Comentários sobre o lançamento do documentário no <i>Instagram</i> do <i>Mais Goiás</i> ...	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Curadoria de entrevistados e entrevistadas – local e mês.....	74
Tabela 2 – Objetivos e justificativas.....	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. OBJETIVOS – ESTUDOS DE GÊNERO E CULTURAIS.....	11
1.1 Trajetória Pessoal.....	17
1.2. Ativismo Audiovisual.....	18
1.3. Audiovisual como ferramenta de pedagogia cultural.....	20
2. DIGO FESTIVAL.....	25
2.1 Cinema LGBTI+ no Brasil, desafios e dificuldades.....	33
2.2 Promoção da conscientização por meio de resultados da pesquisa.....	38
2.3 Escolha do tema sobre a representação transgênero.....	50
3. QUEM REALIZA AS PESQUISAS TRANS NO CINEMA?.....	53
3.1 Pesquisas sobre o corpo transgênero no cinema.....	55
4. A RELEVÂNCIA DESTA INVESTIGAÇÃO PARA O CORPO TRANSGÊNERO E SUA REPRESENTAÇÃO NA INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA.....	66
5. DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: O DESAFIO DA REPRESENTAÇÃO TRANSGÊNERO NO CINEMA BRASILEIRO E A NECESSIDADE DE NARRATIVAS AUTÊNTICAS.....	73
5.1 A percepção da representação.....	86
5.2 Produção – metodologia, animação e destaques.....	93
5.3 Transcinema é a revolução.....	98
5.4 Divulgação e exibição.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	109

INTRODUÇÃO

Já parou para pensar qual foi o primeiro longa-metragem brasileiro que você assistiu com uma personagem transgênero, em uma sala de cinema? Esta pesquisa tem como propósito realizar uma análise abrangente, abordando tanto o âmbito teórico quanto o prático do processo artístico. Concentra-se, de maneira específica, na intenção de estudar e experimentar as interações entre teorias, narrativas e linguagens no contexto da produção de expressões artísticas. Diante desse questionamento, de quem você se recordou?

Com destaque para a presente indagação e respaldado pelo histórico como diretor de curtas-metragens que abordam temáticas relacionadas à sexualidade, além de atuar como curador e diretor de um festival de cinema dedicado à diversidade sexual e de gênero em Goiás, o Digo; intenciono abordar este tema específico ao longo deste trabalho acadêmico. No âmbito do projeto, reconhecido como um espaço de práticas culturais e artísticas, realizo uma análise centrada na experiência de aprendizado proporcionada por esse contexto em relação ao cinema transgênero.

Ao longo desta pesquisa, empreendi a elaboração de um produto que se concretizou por meio dos intrincados processos criativos e representativos envolvidos na construção da personagem transgênero no cenário cinematográfico brasileiro. Essa materialização se efetivou mediante a produção de um curta-metragem documental, constituindo-se como um registro audiovisual meticuloso que explora e analisa as vivências e perspectivas de indivíduos transgênero.

Com o intuito de alcançar esse desiderato, conduzi um conjunto de 10 entrevistas com participantes transgênero, cujas respostas foram obtidas por meio de questionários elaborados para investigar não somente suas experiências históricas individuais, mas também para promover reflexões acerca da problematização das visualidades que contribuem para a legitimação ou deslegitimação da violência associada à condição sexual, conforme representada nas produções cinematográficas brasileiras. Adicionalmente, buscou-se explorar as possíveis ramificações e consequências dessas representações na percepção individual dos entrevistados. Esse enfoque metodológico foi concebido com o propósito de oferecer uma compreensão abrangente e aprofundada das dinâmicas subjacentes à representação da identidade transgênero no contexto cinematográfico nacional.

Criei um produto audiovisual com o propósito intrínseco de chamar a atenção para o papel crucial das visualidades na construção e desconstrução de estereótipos de gênero, bem como nas manifestações de violências a eles associadas. Adicionalmente, a pesquisa empreendida visou a analisar as discussões e as produções visuais que emergiram a partir dos encontros realizados com o grupo constituído para o desenvolvimento dessa ação.

O embrião deste projeto remonta ao desejo e à oportunidade de reintegrar-me à vida acadêmica, circunstância essa que se concretizou na mesma instituição onde concluí meu curso de Artes Visuais, há duas décadas. Esse ambiente proporcionou um cenário propício para a expressão e catarse de vivências pessoais, notadamente em um contexto político marcado por um período de governo de extrema-direita no Brasil. Jacques Derrida argumenta que, raramente, existem oposições neutras; geralmente, um dos polos da oposição domina. Em uma oposição binária, há sempre uma relação de poder, utilizada para capturar a dimensão do poder do discurso (Derrida, 1967).

Como homem *gay* branco cisgênero e membro da comunidade LGBTI+ que engloba uma ampla diversidade representada pelas siglas LGBTQQICAAPF2K+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Curiosos, Assexuais, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, Familiares, 2-espíritos e Kink), percebo uma urgência significativa em discutir a representação desses personagens no cinema brasileiro. A ausência de figuras transgênero no audiovisual nacional levanta questões essenciais: onde estão as pessoas transgênero na produção cinematográfica brasileira? Como essas pessoas se enxergam nesse cenário?

A falta de representatividade transgênero no cinema não apenas reflete um vazio no retrato da diversidade humana, mas também suscita a necessidade de explorar como as pessoas transgênero percebem sua ausência e como essa falta de representação impacta em suas identidades e experiências. Essas questões revelam a importância de iniciar diálogos e empreender iniciativas que promovam a inclusão e a visibilidade de histórias transgênero no cinema brasileiro, contribuindo para um entendimento mais completo e respeitoso da diversidade dentro da comunidade LGBTI+. Somente com a diferença, podemos construir um significado através do diálogo com o “outro”. Segundo Mikhail Bakhtin – o significado surge na troca, metade da palavra pertence ao outro, servindo as intenções de outras pessoas, é de lá que devemos tomar a palavra e torná-la nossa.

1 OBJETIVOS – ESTUDOS DE GÊNERO E CULTURAIS

O projeto de pesquisa que apresento tem como objetivo uma reflexão profunda e instigante sobre o papel da cultura visual através do cinema brasileiro, especialmente no que diz respeito às representações das personagens transgênero. Inspirado tanto pela minha experiência pessoal quanto por uma extensa pesquisa de filmes nacionais ao longo da minha vida, este trabalho busca trazer à tona discussões importantes sobre as violências impostas às pessoas trans¹ e como o cinema pode contribuir para a mudança desse cenário.

Na minha função como curador e produtor de um festival de cinema, deparei-me com a marginalização dessas pessoas e suas histórias. Ao longo dos anos, a história do cinema nacional tem reforçado, em muitos momentos, os padrões forçados de hegemonia dos discursos heteronormativos². Essa realidade influenciou a narrativa das personagens transgênero e contribuiu para a perpetuação da violência alimentada pelo imaginário popular do país.

De acordo com o último relatório do *Transgender Europe* (TEU, 2021), o Brasil é o país que mais mata pessoas transgênero no mundo, uma realidade que deslegitima o art. 5º da Constituição Federal Brasileira (Brasil, 1988), que garante a igualdade e a inviolabilidade do direito à vida. Diante desse contexto alarmante, como pesquisador, meu objetivo é discutir e analisar essas questões por meio de um formato de pesquisa prática, resultando em um documentário audiovisual que servirá como uma referência histórica.

O documentário, concluído após dois anos, consiste em entrevistas direcionadas a pessoas transgênero, coletando suas impressões pessoais a partir das experiências vividas e das narrativas apresentadas nos filmes brasileiros. O objetivo foi registrar a memória espontânea e explorar como essas representações transgênero foram construídas ao longo do tempo.

Um estudo realizado por Silva (2018), ao analisar as últimas décadas do cinema brasileiro, revela e denuncia a forma como personagens transgênero foram retratadas ao longo da história. Segundo o autor, esses personagens “*queers* cinematográficos” foram

¹ ser *trans*, **transgênero**, transsexual, é quando não há conformidade de gênero. Isto é: quando o gênero designado não condiz com a maneira como a pessoa se identifica. Disponível em: <https://zenklub.com.br/blog/autoconhe-cimento/transsexual/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

² Refere-se à heteronormatividade, ao conceito de que apenas os relacionamentos entre pessoas de sexos opostos ou heterossexuais são normais ou corretos.

relegados ao *underground*, existindo apenas no subtexto do que é considerado errado. Essas produções culturais e históricas foram vistas como abjetas, incômodas e perturbadoras. Existe uma necessidade imensa de considerar tudo relacionado à diversidade sexual e de gênero como algo que merece ser desclassificado.

Segundo Mary Douglas, ordenar e organizar as coisas em sistemas classificatórios faz com que os grupos sociais imponham significado ao seu mundo. Por meio desses sistemas, os grupos estruturam e compreendem sua realidade social, cultural e material. Argumenta que todas as culturas possuem sistemas classificatórios que ajudam a criar ordem e significado no mundo. Esses sistemas são essencialmente utilizados para distinguir entre o que é considerado puro e impuro, sagrado e profano, onde as pessoas LGBTI+ estão determinadas. A classificação é fundamental para a coesão social, pois estabelece categorias essenciais para a comunicação e a cooperação entre os membros de uma sociedade. Há uma relação simbólica entre o corpo humano e o corpo social (a sociedade). A pureza e a poluição do corpo frequentemente refletem preocupações sobre a “falta” de pureza e a poluição social. Rituais de purificação e leis dietéticas expressam preocupações com a manutenção da ordem social e a proteção contra o caos. (Douglas, 1966).

A diferença, nesse contexto, que Douglas sinaliza, é vista como um tabu que precisa ser combatido, pois interfere na manutenção da ordem cultural. Mediante a marcação da diferença, essas culturas estigmatizam e expulsam aqueles que não se enquadram nas categorias estabelecidas, reforçando, assim, as fronteiras entre o “eu” e o “outro”. Busco compreender e identificar a imagem marginalizada e pejorativa que foi imposta a toda uma geração de pessoas transgênero, levantando questionamentos cruciais, como: qual foi o contexto da primeira experiência com a personagem transgênero no cinema? Como a abordagem transgênero é vista atualmente? É necessário explorar e articular as transformações desses personagens no âmbito do cinema nacional?

Judith Butler é uma filósofa e teórica *queer* americana, amplamente reconhecida por suas contribuições fundamentais aos estudos de gênero e à teoria *queer*. Nascida em 24 de fevereiro de 1956 em Cleveland, Ohio, Butler, atualmente, é professora no Departamento de Literatura Comparada e no Programa de Teoria Crítica da Universidade da Califórnia, Berkeley. Sua obra abrange uma crítica profunda às concepções tradicionais de gênero e identidade, propondo novas formas de compreensão dessas categorias.

Butler é conhecida por desafiar as noções tradicionais sobre gênero, argumentando que ele é uma construção social e performativa, em vez de uma realidade fixa baseada

apenas em biologia. Em sua obra seminal *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (1990), Butler questiona a dicotomia entre sexo biológico e gênero, introduzindo a ideia de performatividade de gênero. Segundo ela, o gênero é algo que as pessoas “fazem” repetidamente, por meio de performances sociais reguladas por normas culturais, e não algo que as pessoas “são” de maneira fixa ou natural (Butler, 1990).

A trajetória de pesquisa de Butler sobre gênero iniciou-se com uma crítica às omissões e simplificações presentes no feminismo tradicional, que frequentemente ignoravam as experiências de múltiplas identidades. Em *Gender Trouble*, ela argumenta que as identidades de gênero são formadas mediante a repetição contínua de atos que consolidam uma ilusão de estabilidade. Esse conceito de performatividade revolucionou a forma como a academia e diversos movimentos sociais compreendem a identidade de gênero, desafiando as concepções essencialistas e introduzindo uma visão mais fluida e dinâmica da identidade.

A citação de Butler (2003) analisa a problemática da construção do gênero a partir de uma perspectiva cultural, opondo-a ao determinismo biológico. Butler sugere que tanto a biologia quanto a cultura podem ser vistas como destinos inevitáveis se forem interpretadas como leis inexoráveis de determinação de gênero. Esse ponto é crucial para entender a visão de Butler sobre a natureza contingente e performativa do gênero:

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (Butler, 2003, p. 26).

Nesta análise, Butler reflete sobre como tanto a cultura quanto a biologia podem ser vistas como determinantes rígidos, se não desenvolvermos uma compreensão crítica e flexível da formação de identidades. A autora sugere que a percepção da cultura como destino pode ser tão limitadora quanto a percepção biológica, propondo uma reavaliação das normas e estruturas que moldam nossas identidades de gênero.

Judith Butler apresenta uma visão crítica e desafiadora do gênero, destacando as complexidades e nuances da identidade. Sua crítica ao determinismo cultural é uma ferramenta poderosa para entender como construímos e regulamos as identidades de gênero em sociedade. Ao questionar e desestabilizar binarismos e normas rígidas, Butler oferece uma compreensão mais fluida e performativa da identidade, o que pode contribuir para um maior reconhecimento e valorização da diversidade de experiências e expressões de gênero.

Essas indagações foram minuciosamente investigadas por esta pesquisa, que se concentra na construção do imaginário das personagens transgênero no cinema, a partir das impressões e opiniões dos entrevistados, bem como de suas visões sobre o protagonismo trans nesse contexto cinematográfico. Precisamos desconstruir os significados culturais por meio da própria cultura visual.

A representação de pessoas LGBTIs no cenário audiovisual brasileiro tem sido objeto de crescente interesse acadêmico, em particular no que se refere à emergência e perpetuação de estereótipos. Nesse contexto, as contribuições do renomado teórico dos estudos culturais, Stuart Hall, oferecem uma perspectiva analítica relevante para examinar as complexas dinâmicas de poder, identidade e representação presentes nesse cenário.

Segundo Hall, a representação é uma construção contestada que desempenha um papel fundamental na produção e disseminação de significados culturais (Hall, 1997). Suas ideias ressaltam a importância de considerar quem controla a narrativa e como essas representações podem agravar desigualdades sociais preexistentes.

No contexto brasileiro, as representações de pessoas LGBTIs no meio audiovisual frequentemente pecam pela simplicidade e falta de autenticidade, recorrendo a estereótipos que marginalizam e simplificam tais identidades (Butler, 1990). Personagens homossexuais, por exemplo, são frequentemente retratados de forma estigmatizada e unidimensional, contribuindo para a perpetuação de preconceitos arraigados e reforçando padrões heteronormativos na sociedade.

É crucial salientar que as teorias de Hall também fornecem *insights* sobre o potencial transformador da resistência cultural e da criação de contranarrativas (Hall, 1996). Em um contexto de sub-representação das vozes LGBTIs, cineastas, escritores e produtores têm buscado desafiar narrativas convencionais e oferecer representações mais autênticas e inclusivas dessas identidades.

Possibilita-nos compreender que o sentido das coisas é essencial para a formação de nossa identidade. Esse sentido, no entanto, não é fixo; é continuamente reelaborado

conforme nos deslocamos através dos diferentes períodos históricos, nossas experiências individuais e coletivas, bem como pela interação social que temos com a realidade ao nosso redor (Hall, 1997). Recentemente, produções independentes e séries em plataformas de *streaming* têm desempenhado um papel significativo na diversificação das representações LGBTIs no Brasil, desafiando estereótipos e ampliando a visibilidade e compreensão das experiências desses grupos minoritários.

A abordagem teórica de Stuart Hall fornece um arcabouço essencial para analisar as intrincadas interações entre representação, poder e identidade no contexto audiovisual brasileiro, destacando os desafios e as oportunidades de promover representações mais autênticas e diversas das pessoas LGBTIs que sempre são destacadas como minorias, mas como dito pelo autor, políticos não refletem maiorias, eles as constroem, e esse é o princípio de ganho de poder pelo ódio. A diferença e a alteridade (a capacidade de se colocar no lugar do outro) passaram a desempenhar um papel mais significativo nas ciências humanas e sociais. Esse conceito destaca a importância de reconhecer e valorizar a perspectiva do “outro” como um elemento central na construção do conhecimento e na convivência social. Essa capacidade de buscar alteridade é pouco praticada no âmbito humano e social.

Portanto, esse projeto de pesquisa é de extrema relevância, pois busca oportunizar e explorar, de forma socialmente engajada, e com ineditismo, a relação entre a história do cinema brasileiro e seu papel como veículo de disseminação do ódio e do preconceito contra pessoas transexuais.

Salih (2013), em seu livro *Judith Butler e a Teoria Queer*, afirma que o conceito de gênero oferece a chance de interpretar o corpo e influenciar sua conformação cultural, pois na prática, a maioria de nós precisa aceitar e adotar o corpo que já possui fisicamente. O corpo é moldado e interpretado culturalmente pela sociedade por meio do discurso. Quem não seguir esse padrão, automaticamente será alvo de ódio e de dor.

Almejo promover uma perspectiva reparadora e, acima de tudo, um avanço no sentido de reparação histórica e representatividade para a comunidade transgênero. Acredito que, ao examinar criticamente o passado e refletir sobre o presente, poderemos construir um futuro mais inclusivo e respeitoso, no qual todas as pessoas sejam tratadas com dignidade e igualdade.

Nesse viés, essa dissertação tem a intenção de proporcionar uma reflexão profunda sobre o papel da cultura visual mediada pelo cinema brasileiro com ênfase nas

representações de personagens transgênero; levantar discussões fundamentais acerca das violências sofridas pelas pessoas transgênero no Brasil e estudar como o cinema pode atuar como agente de transformação desse cenário; analisar o impacto do cinema nacional na perpetuação de padrões heteronormativos e na marginalização das narrativas transgênero; explorar como o imaginário popular, alimentado pelo cinema, contribui para a opressão de pessoas transgênero; relacionar a violência contra pessoas transgênero à deslegitimação dos direitos previstos no artigo 5º da Constituição Federal Brasileira que garante a igualdade e a inviolabilidade do direito à vida; desenvolver uma pesquisa prática culminando na produção de um documentário audiovisual que servirá de referência histórica sobre as representações transgênero no cinema brasileiro; investigar como os significados culturais no cinema brasileiro construíram e transformaram as representações das personagens transgênero ao longo do tempo; e explorar as teorias sobre como a cultura visual influencia a construção e interpretação dos corpos e identidades de gênero.

O documentário foi feito com o intuito de documentar as impressões pessoais de pessoas transgênero sobre suas experiências e as representações transgênero nos filmes brasileiros; conduzir entrevistas com pessoas transgênero para colher suas opiniões e visões sobre a representação transgênero no cinema nacional; investigar a evolução e transformação das representações de personagens transgênero no cinema brasileiro ao longo da história; examinar o contexto das primeiras experiências cinematográficas envolvendo personagens transgênero e suas implicações; analisar criticamente como as representações transgênero foram tratadas de forma marginalizada e pejorativa no cinema; discutir a importância e a presença do protagonismo transgênero no contexto cinematográfico nacional; promover uma perspectiva reparadora das narrativas transgênero contribuindo para uma maior representatividade e inclusão da comunidade transgênero no cinema; utilizar o cinema como ferramenta para desconstruir preconceitos e ódios históricos, buscando uma narrativa que valorize a diversidade e a dignidade humana; e refletir sobre as lições do passado e as realidades do presente para construir um futuro mais inclusivo e respeitoso, no qual todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero, sejam tratadas com igualdade e dignidade

A dissertação e o documentário visam, portanto, não apenas a aumentar a visibilidade das questões enfrentadas pelas pessoas transgênero, mas também a utilizar o cinema como uma ferramenta crucial para a análise crítica e a promoção de mudanças sociais significativas.

1.1 Trajetória pessoal

Desde minha infância, pude perceber que era uma pessoa singular. Cresci na década de 1990 e, frequentemente, sentia-me deslocado, com a constante apreensão de ser descoberto por não me enquadrar nas expectativas tradicionais para um menino. Sentia-me inferior, sensível e frágil, como se não estivesse à altura da efervescência masculina que testemunhava ao meu redor. Não desejava que descobrissem que eu era a única criança diferente em todo o mundo. Enquanto as outras crianças brincavam, eu preferia passar meu tempo com as meninas, imerso na leitura, na arte de desenhar. A diferença é analisada em termos de formação da identidade e subjetividade. Teorias psicanalíticas, como as de Freud (1905), demonstram como as diferenças sexuais e de gênero são internalizadas e influenciam a construção do “eu”.

Com o passar do tempo, a dolorosa realidade da não aceitação foi se consolidando, e fui gradualmente evitado pelas crianças do meu círculo de amigos. Acredito que minha falta de habilidade nos esportes, resultado do receio de expressar minha verdadeira essência, tenha sido minha condenação. Eles começaram a me rotular com palavras como “viado”, “frutinha” e outros termos, que eu mal compreendia. Lutava para me encaixar e me mesclar com os demais, mas até mesmo usar um *short* mais largo, que poderia apenas sugerir uma saia, enchia-me de pavor, por imaginar a possibilidade de ser confundido com uma menina. A cultura possui na interpretação da realidade e dos comportamentos humanos. Ele também explora como a cultura é utilizada para transformar nossa compreensão, explicação e os modelos teóricos acerca do mundo em que vivemos (Hall, 1997). Por isso, se sentir fora do contexto normativo é tão doloroso.

Em casa, também sofria. Era constantemente vigiado e instado a baixar os braços, a ser menos afeminado e a falar com mais firmeza, além de ser direcionado a realizar atividades consideradas masculinas. O único alento que encontrava era assistir televisão, na qual, como tantas crianças daquela época, eu me deleitava com o programa “Xou da Xuxa” e desenhos animados, era uma busca de significado por meio de imagens para me adaptar. Segundo Ferdinand de Saussure, fundador da semiótica³, os signos são elementos

³ Semiótica é a ciência que estuda os signos. Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/semiوتica.htm>

fundamentais da vida social e, por extensão, da psicologia geral. Saussure argumenta que a diferença é crucial para o significado dos signos; sem a presença da diferença, o significado não poderia existir. É necessário um contraste para estabelecer essa diferença, como, por exemplo, entre branco e preto, masculino e feminino, e assim por diante (Saussure, 1916).

Durante a adolescência, vivi um período angustiante devido ao *bullying* que sofria diariamente na escola. Era agredido, insultado e ameaçado, tanto durante os intervalos quanto na chegada e na saída da escola. Eu tentava ser o palhaço da turma, o representante de classe ou aquele com os melhores resultados acadêmicos, que ensinava os outros, mas nada interrompia os insultos. Nessa fase, os livros se tornaram meus grandes companheiros, transformando-me em um leitor ávido. Sentia-me transportado para outro mundo repleto de possibilidades, percebendo que poderia ser qualquer coisa e que existiam lugares onde era possível viver com dignidade.

Aos 13 anos, comecei a trabalhar, com o objetivo de realizar o que mais amava: ir ao cinema. Gastava todo o meu salário em assinaturas de revistas sobre filmes e sonhava com a possibilidade de assistir a todas aquelas produções cinematográficas. Nesse mesmo período, meu pai passou a trabalhar no cinema nacional, envolvendo-se em longas viagens para integrar equipes técnicas de produção, o que tornava nossa situação financeira ainda mais desafiadora.

1.2 Ativismo audiovisual

O despertar da sexualidade como algo positivo foi impulsionado pelo surgimento da internet e, em particular, pelo *site* “Mix Brasil”⁴, criado em 1994. Esse portal abordava a cultura da diversidade de maneira otimista, oferecendo informações sobre teatro, movimentos, artistas e indivíduos orgulhosos de sua identidade e expressão artística. Além disso, o *site* explorava a história da comunidade LGBTI+ e, ao me deparar com esse conteúdo, percebi que não estava sozinho em meu desejo de promover mudanças. A diferença é essencial para a formação das identidades culturais. A cultura é entendida como um campo de negociação e luta entre diferentes significados e identidades, onde a diferença é continuamente produzida e reproduzida (Hall, 1997). Essa cultura de luta salva vidas.

Foi nesse momento que descobri a existência de um festival de cinema promovido

⁴ Disponível em: <https://mixbrasil.org.br/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

pelo *site* que, desde 1993, apresentava filmes com a temática “gays, lésbicas e simpatizantes” (GLS), termo utilizado naquela época. Saber da existência desse festival de cinema, que normalizava minha condição, despertou em mim uma alegria e uma compreensão da luta, além de mostrar que existiam pessoas vivendo plenamente e com orgulho de sua sexualidade.

Rich (2004) afirma que o festival de cinema é “o último lugar onde um verdadeiro discurso participatório pode ainda valer”, é um espaço onde há a importância da interação e diálogo entre cineastas, críticos e o público. Os festivais proporcionam um espaço para a troca de ideias, permitindo que as pessoas se envolvam ativamente na discussão sobre temas relevantes. Esse ambiente participativo contribui para a formação de uma cultura cinematográfica mais dinâmica, na qual as vozes diversas têm a oportunidade de serem ouvidas e consideradas.

A referência a pessoas de “firmes convicções e mentes abertas” destaca a necessidade de uma abordagem equilibrada para apreciar e compreender a diversidade de obras cinematográficas. A cultura visual, como expressa através do cinema, desafia as fronteiras culturais e promove a empatia ao expor o público a diferentes realidades e perspectivas. Festivais de cinema, ao reunir pessoas com diferentes visões de mundo, oferecem um terreno fértil para a troca de opiniões e a expansão das fronteiras cognitivas.

Comecei a pensar nos festivais de cinema como o último refúgio da democracia neste nosso mundo cada vez mais controlado e manietado, o último lugar onde um verdadeiro discurso participatório pode ainda valer e onde pessoas de firmes convicções e mentes abertas podem vir a trocar opiniões, abrir mão do controle e ser mudadas para sempre pelo que acontece na tela (Rich, 2004).

A menção a “abrir mão do controle e ser mudado para sempre pelo que acontece na tela” destaca a capacidade transformadora do cinema. A experiência cinematográfica vai além do entretenimento, atuando como um meio poderoso de influenciar a percepção e a compreensão do espectador. Os festivais, ao apresentarem obras desafiadoras e inovadoras, proporcionam oportunidades para a desconstrução de preconceitos e a expansão da consciência.

Em síntese, ressalta a importância dos festivais de cinema como espaços cruciais para a promoção da democracia cultural, para a troca de ideias e transformação pessoal por meio da experiência cinematográfica. Esses eventos desempenham um papel fundamental na construção de uma cultura visual diversificada e dinâmica, que, por sua vez, contribui

para a compreensão mais profunda e inclusiva do mundo que habitamos.

Assim, ao tomar conhecimento da existência de filmes reais e positivos com personagens diversos, minha percepção sobre o primeiro personagem LGBTI+ visto por mim em um longa-metragem na televisão mudou completamente. Essa personagem era Lilica, uma transgênero interpretada por Jorge Julião, no filme *Pixote, A Lei do Mais Fraco*, de 1980. Fiquei extremamente chocado e horrorizado com a forma como essa personagem foi representada, sendo tratada como a pior entre os menores infratores e alvo de desrespeito e violência.

Felizmente, existem filmes que abordam esse assunto de maneira correta, colocando protagonistas em destaque e contando histórias positivas. Essa descoberta foi um grande alívio e me deu uma sensação maravilhosa de que o mundo pode ser acolhedor. Finalmente, senti-me representado e percebi que tinha grandes possibilidades de um futuro no qual eu poderia ser eu mesmo.

O verdadeiro inferno reside na repressão, no medo e na mentira em esconder a própria identidade. Mesmo diante de toda a toxicidade apresentada pelos personagens LGBTI+ retratados em filmes comerciais e humorísticos da época, havia espaço para a arte independente.

Havia uma oportunidade de expressão, de mostrar quem realmente eram. Havia um público receptivo e pessoas dispostas a combater o ódio do senso comum e o preconceito. Posso dizer que, graças aos filmes e ao festival Mix Brasil, que já oferecia a possibilidade de assistir a alguns filmes *on-line* naquela época, bem como aos filmes disponíveis em locadoras alternativas, tornei-me mais forte e capaz de afirmar minha condição.

1.3 Audiovisual como ferramenta de pedagogia cultural

A pedagogia cultural é uma abordagem educacional que reconhece a influência da cultura no processo de aprendizagem e no desenvolvimento dos indivíduos. Ao contrário de uma visão tradicional de educação, que muitas vezes desconsidera as diversas manifestações culturais presentes na sociedade, valoriza a diversidade, promovendo a inclusão e o respeito pela pluralidade de saberes e práticas.

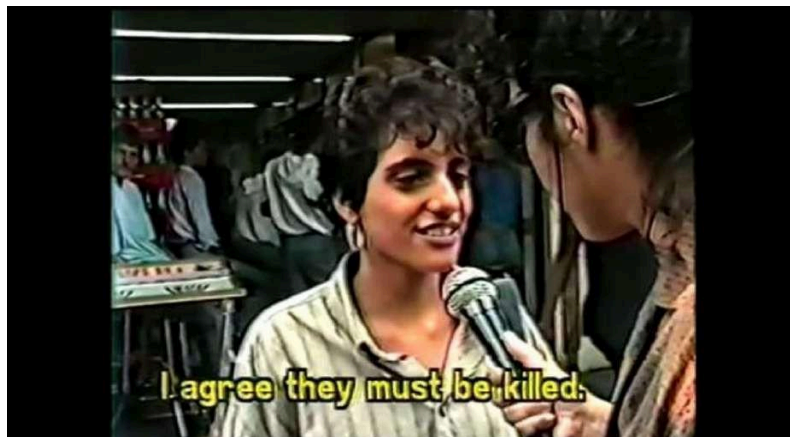
Segundo Costa (2011), essa abordagem pedagógica busca estabelecer conexões significativas entre os conhecimentos prévios dos estudantes e os conteúdos curriculares, reconhecendo a importância de contextos culturais na construção do saber. Ao considerar as

experiências culturais dos alunos, os educadores podem promover uma educação mais relevante e engajadora, estimulando o interesse e a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem.

Ao acessar a postagem de 13 de março de 2017, no blog *Revide*, deparei-me com um documentário marcante e poderoso, intitulado “Temporada de Caça”, dirigido por Rita Moreira e lançado em 1988, realizado durante a época de redemocratização do Brasil após um longo período de ditadura

Desde a cena de abertura, sou confrontado com uma realidade assustadora e perturbadora. A entrevistadora se dirige a uma jovem que caminha pelas ruas de São Paulo e faz uma pergunta simples, mas de extrema importância: “Você poderia nos conceder uma breve entrevista? Você tem acompanhado notícias em jornais, TV ou rádio a respeito dos assassinatos de homossexuais?”. A resposta que se segue é impactante: “Sim, já ouvi falar”. A repórter continua a indagação: “E qual é a sua opinião sobre isso?”. Surpreendentemente, a moça declara: “Eu acho que eles merecem ser assassinados”. Essa resposta chocante é apenas um exemplo das várias entrevistas semelhantes ao longo dos 24 minutos de duração do vídeo, expondo a naturalidade do ódio e repulsa em relação à comunidade LGBTI+.

Figura 1 – *Still* do documentário *Temporada de Caça*



Fonte: cineasta Rita Moreira (1988)

Como espectador, diversas questões surgem em minha mente. Será que esse documentário provocou indignação na época em que foi lançado? E, mais importante ainda, será que ele ainda causa indignação nos dias de hoje? Percebo a importância crucial de uma discussão pública sobre a LGBTfobia no contexto do audiovisual. Essa obra, em particular, busca abordar a questão central, que é a percepção da normalização da ignorância e do

preconceito por intermédio de um registro poderoso. O vídeo cumpre sua função como uma ferramenta de cultura visual, explorando todos os elementos visuais, as formas e maneiras de pensar que moldaram a percepção da vida cotidiana naquela época.

O resultado dessa investigação pela cultura visual é demonstrar como a repressão gera afastamento, ignorância e esquecimento de ideias, ou a tentativa de separar o afeto da ideia. Na sociedade contemporânea, a disseminação do ódio direcionado à comunidade LGBTI+ permanece uma triste realidade, mesmo em tempos nos quais a internet se tornou uma poderosa ferramenta de contraposição.

Recentemente, o portal G1 trouxe à tona um incidente chocante envolvendo o pastor André Valadão, cujas palavras proferidas durante um culto revelaram um nível de intolerância alarmante. Ao afirmar que, se pudesse, “Deus mataria” a população LGBTI+, e encorajar seus fiéis a agirem, Valadão se torna um catalisador para um potencial desencadeamento de atrocidades em nome da fé.

Figura 2 – Pastor André Valadão durante pregação nos EUA



Fonte: Portal G1 globo.com (2023)

Essa manifestação de ódio e incitação à violência é profundamente perturbadora e repugnante. Nossa sociedade já testemunhou inúmeras atrocidades motivadas por intolerância e preconceito, e é essencial que cada um de nós se posicione contra essa mentalidade perigosa. Em um mundo onde a diversidade é um dos pilares fundamentais da convivência pacífica, é dever de todos se opor veementemente a qualquer forma de discriminação.

A declaração do pastor Valadão é um exemplo claro do quanto ainda é preciso avançar na luta pela igualdade e pelo respeito aos direitos humanos. Suas palavras não apenas ferem os indivíduos que são alvos de seu ódio, mas também alimentam o fogo da intolerância em corações e mentes suscetíveis. A religião, quando utilizada para esse fim, torna-se uma ferramenta perigosa. É importante lembrar que a essência da maioria das crenças religiosas é baseada no amor, na compaixão e na aceitação mútua. No entanto, é lamentável que algumas vozes distorçam esses princípios fundamentais para justificar atos de violência e discriminação se utilizando da cultura visual.

Mondzain revela uma abordagem crítica em relação à Igreja como uma instituição temporal, que busca adquirir e preservar o poder. Ao compará-la a ditadores, destaca-se a estratégia da Igreja em criar visibilidades programáticas, ou seja, representações visuais específicas com o propósito de comunicar uma mensagem unívoca.

Contudo, enquanto instituição temporal que quer adquirir um poder e conservá-lo, a Igreja agiu como todos os ditadores, produzindo visibilidades programáticas, feitas para comunicar uma mensagem unívoca. Assim, a imagética (imagerie) serve as operações de incorporação, a imagem é absorvida como uma substância com a qual o incorporado se identifica, com a qual se funde, sem réplica e sem palavra (Mondzain, 2009, p. 36):

Destaca-se o papel da imagética nesse processo, definindo-a como uma ferramenta nas operações de incorporação. A imagem é descrita como sendo absorvida como uma substância, indicando um processo profundo de identificação e fusão por parte daqueles que são incorporados pela mensagem da Igreja. A ausência de réplica e palavra nesse contexto ressalta a unilateralidade da comunicação, sugerindo que a mensagem da Igreja é transmitida de forma imperativa, sem espaço para contestação ou diálogo.

A ênfase na absorção da imagem como substância pode ser interpretada como uma crítica à manipulação simbólica e à influência coercitiva da Igreja na formação da identidade daqueles que a seguem. A Igreja é uma instituição que utiliza estratégias autoritárias na construção e manutenção de poder, destacando a importância da imagética nesse processo de incorporação e identificação.

O registro audiovisual *Temporada de Caça* é um exemplo poderoso que evidencia como a política ultraconservadora no Brasil, respaldada pelo apoio da população, foi utilizada no passado para aterrorizar e assassinar travestis e minorias sexuais, justificando-se em nome da “preservação da família, da moral e dos bons costumes”.

Políticas discriminatórias foram estabelecidas, promovendo uma “limpeza social” e permitindo que assassinatos ocorressem impunemente, com o consentimento da mídia.

O produto audiovisual, criado com a intenção de promover uma pedagogia crítica em relação a um momento histórico eternizado, denuncia as ações perpetradas durante a perseguição do ex-presidente Jânio Quadros e o estímulo ao extermínio de LGBTI+s quando ele esteve à frente da Prefeitura de São Paulo, na chamada “Operação Tarântula”. Aqueles que não são assumidos e orgulhosos de sua identidade são considerados merecedores.

De modo geral, salvo raras exceções, o/a homossexual admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, “o/a enrustido/a”. De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar “outras” identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade. O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais. Revistas, moda, bares, filmes, música, literatura, enfim, todas as formas de expressão social que tornam visíveis assexualidades não legitimadas são alvo de críticas, mais ou menos intensas, ou são motivos de escândalos (Louro, 2000, p. 20).

As pedagogias culturais exercem uma influência significativa na contemporaneidade brasileira no combate ao conservadorismo e na busca pela valorização das diferenças e daqueles que se recusam a se esconder. A cultura, como uma poderosa ferramenta de controle social, pode ser imposta por um regime conservador, transmitindo mensagens específicas, reforçando certos comportamentos e sugerindo a adoção de práticas sexuais específicas em detrimento de outras.

No entanto, é importante ressaltar que a influência da cultura conservadora na sociedade atual não é absoluta. Existem movimentos e iniciativas culturais que buscam romper com esses padrões e promover uma perspectiva mais inclusiva e diversa. A cultura visual desempenha um papel importante nesse sentido, revelando as estruturas sociais e as manifestações culturais que podem contribuir para a disseminação do ódio e da discriminação.

Desse modo, ao utilizar produções audiovisuais, documentários e outras formas de expressão cultural, é possível expor as realidades e narrativas marginalizadas, desafiando os estereótipos e preconceitos existentes. Essas formas de cultura visual têm o potencial de sensibilizar as pessoas, despertando empatia e promovendo a reflexão crítica.

A condição de gênero e sexualidade desempenha um papel fundamental nesse

processo. Ao abordar questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero, a cultura visual pode ajudar a construir uma sociedade mais inclusiva, onde a fraternidade humana possa ser alcançada. Essa abordagem vai além do âmbito pessoal, apresentando também um contexto social e político que precisa ser enfrentado.

No entanto, é importante reconhecer que a disseminação do ódio é mais fácil do que a promoção do amor pelo próximo. A sociedade contemporânea é frequentemente atraída pela superficialidade e por valores menos relevantes, o que pode dificultar a disseminação de mensagens que promovam a diversidade e a tolerância. Esse desafio não é exclusivo da era da internet, mas tem sido agravado pela velocidade e pelo alcance das mídias digitais.

Portanto, para se pôr um fim à perseguição dos diferentes e promover uma cultura visual mais inclusiva, é necessário um esforço coletivo. Isso implica na produção e no consumo de conteúdo cultural que desafie os padrões conservadores; na educação para a diversidade desde os primeiros anos de vida; na valorização de narrativas e vozes marginalizadas e na implementação de políticas públicas que promovam a igualdade de direitos e oportunidades para todos.

Em suma, as pedagogias culturais desenvolvidas pelo audiovisual desempenham um papel importante na luta contra o conservadorismo e na busca pela valorização das diferenças na contemporaneidade brasileira. A cultura visual pode ser uma ferramenta poderosa nesse processo, ao revelar as estruturas sociais e promover a reflexão crítica sobre as normas e os estereótipos vigentes. No entanto, superar as influências negativas e promover uma sociedade mais inclusiva requer um esforço conjunto de todos os setores da sociedade.

2 DIGO FESTIVAL

Depois de um período de tempo, quando finalmente alcancei uma estabilidade emocional e encontrei um parceiro de longa data que reconheceu minha paixão pelos filmes, decidi atender à necessidade de criar e contar histórias inéditas, em Goiás, com a temática LGBTI+. Busquei conhecimento na Casa de Cinema Rosa Berardo, em Goiânia, onde mergulhei de cabeça no estudo cinematográfico. Durante esse período escolar, tive a oportunidade de produzir mais de 20 curtas-metragens em apenas um ano, que conquistaram projeção internacional e foram premiados em renomados festivais, mesmo

com recursos limitados e sendo produções independentes.

A paixão e o desejo de criar eram incontornáveis, alimentando uma ânsia criativa. Filme após filme, me encontrei de corpo e alma nesse processo criativo, buscando transmitir cada história com uma intensidade avassaladora de mais de vinte curtas em um ano. Cada obra era um fragmento do meu coração, uma expressão pura e apaixonada.

E todo esse esforço não foi em vão. Os prêmios começaram a chegar, reconhecendo o poder e a autenticidade das minhas produções. Era como se a vida, generosa, tivesse me recompensado por ter me entregado de corpo e alma a essa arte. A oportunidade de participar de diversos festivais abriu um mundo de possibilidades. Ali, no meio de cineastas e amantes do cinema, eu encontrei a minha tribo. Pessoas incríveis, compartilhando o mesmo desejo ardente de contar histórias reais, histórias que tocavam os corações dos espectadores.

Eram personagens não convencionais, seres que desafiavam os padrões, provocavam reflexões e despertavam emoções. Eles se revelavam sensuais e singulares, rompendo com o senso comum e nos convidando a enxergar a beleza da diferença. Através desses personagens, eu desafiava o mundo a se abrir para a diversidade, a abraçar as nuances da vida e a valorizar a autenticidade de cada ser humano.

No entanto, o ápice dessa jornada foi alcançado no Festival Mix Brasil, onde minha obra mais especial foi agraciada com um prêmio. Um turbilhão de emoções inundou o meu ser naquele momento. Foi como se, em meio a tantos talentos incríveis, minha voz fosse ouvida, compreendida e celebrada. Aquele curta-metragem despertou em mim um amor pelas narrativas diversas, às quais me dedico com devoção desde então.

Há nove anos, tomei a decisão pessoal e corajosa de empreender uma missão audaciosa: criar um festival de cinema no coração do Centro-Oeste, dedicado à celebração da diversidade sexual e de gênero. Assim nasceu o Digo Festival Internacional de Cinema da Diversidade Sexual e de Gênero de Goiás. Esse projeto surgiu como uma resposta enérgica ao ódio e à intolerância que permearam a minha vida, por meio de incessantes episódios de *bullying* e retaliações devido à minha própria identidade.

De acordo com um artigo publicado no jornal *O Diário do Estado de Goiás*, intitulado “Goiás ocupa o 3º grupo de estados com maior número de mortes violentas de pessoas LGBTI+”, em 13 de maio (Santos, 2023), é preocupante perceber que, mesmo nos dias de hoje, ainda há um alto risco nesse contexto. Essa realidade lembra uma versão do estado do Texas, nos Estados Unidos, onde há uma forte presença da indústria agrícola e,

consequentemente, maior prevalência de preconceito em relação à não conformidade com a masculinidade. Essa discriminação pode ser observada no cotidiano, especialmente no tratamento das questões relacionadas à comunidade LGBTI+.

Bessa (2016) destaca uma característica distintiva dos festivais de cinema, especialmente aqueles dedicados ao público LGBTI+ (na época, o termo utilizado era GLBT), ao enfatizar a importância da prática de conversa e debate como parte integrante desses eventos. A abordagem “formativa” mencionada destaca o papel educativo que os festivais assumem, transcendendo à simples exibição de filmes para se tornarem plataformas de discussão e aprendizado. Essa prática contribui para uma dinâmica única de interação entre projeção e audiência, transformando a relação tradicionalmente passiva em uma experiência mais engajada e enriquecedora.

A maioria dos festivais, ao longo de suas edições, desenvolveu uma prática de conversa, de debate, que os distingue dos demais festivais de cinema, dado o interesse “formativo” que lhe é inerente. A aparição nos festivais GLBT de diretores, atores e críticos, bem como o convite a pesquisadores da área da sexualidade, da psique e/ou relacionados com a temática em questão (violência física contra gays, AIDS, etc.), promove outra dinâmica de projeção-audiência, que descaracteriza a tradicional relação passiva e aumenta as chances de esclarecimento ou mesmo de germinação de dúvidas (existenciais ou não) que permitirão um prolongamento da exibição do filme a uma relação maior (engajamento?) com o que se consome em termos de imagem-representação (Bessa, 2016, p. 275).

A inclusão ativa de diretores, atores, críticos e pesquisadores especializados na temática LGBTI+ nos festivais cria um ambiente propício para uma compreensão mais profunda e significativa das obras apresentadas. Ao abordar questões sensíveis como violência física contra a comunidade LGBTI+, saúde física e mental, os festivais não apenas oferecem uma plataforma para a visibilidade dessas narrativas, mas também proporcionam uma oportunidade para o esclarecimento, reflexão e debate público.

A prática de convidar pesquisadores da área da sexualidade, psique e temas relacionados destaca um compromisso com a abordagem acadêmica e a exploração aprofundada das questões apresentadas nos filmes. Esse enfoque contribui para um entendimento mais abrangente das complexidades envolvidas nas narrativas LGBTI+, fomentando uma análise crítica e uma apreciação mais informada por parte do público.

A dinâmica de projeção-audiência nos festivais LGBTI+ descaracteriza a tradicional relação passiva entre espectador e obra cinematográfica, o que é fundamental. A

participação ativa do público, seja por meio de debates, sessões de perguntas e respostas ou interações com especialistas, cria um espaço para a expressão de opiniões, esclarecimento de dúvidas e, em última instância, um engajamento mais profundo e significativo com as representações apresentadas.

Ao enfatizar a importância do prolongamento da exibição do filme através do engajamento contínuo com o público, os festivais LGBTI+ têm o potencial de gerar impactos duradouros não apenas na esfera da apreciação estética, mas também na promoção da compreensão, empatia e conscientização sobre as questões enfrentadas pela comunidade.

Neste espaço se incorporam práticas de conversa e debate, proporcionando uma experiência formativa que vai além da simples exibição de filmes. Esses eventos não apenas celebram a diversidade de narrativas, mas também desempenham um papel crucial na educação, no engajamento e na transformação cultural.

Diante dessa estatística alarmante, decidi direcionar minha pesquisa para a história do cinema brasileiro. Após assistir a milhares de filmes LGBTI+, pude perceber algo significativo: a ausência de pessoas transgênero na direção de longas e na equipe. Em virtude dessa constatação, propus-me aprofundar minha investigação nesse tema e buscar promover justiça para que essas pessoas tenham mais oportunidades e direitos no âmbito cinematográfico.

Percebe-se, em Goiás, a necessidade de abordar o tema em questão e assumir uma postura individual que transcende à subordinação convencional. Ao invés de conceber a ideia de produzir um filme ambiental para o principal festival do estado, ousa-se romper com as noções preestabelecidas, tal como Foucault (1993, p. 146) destaca ao elucidar a conscientização acerca do corpo e do poder que esse exerce, emergindo, inevitavelmente, a reivindicação do próprio corpo contra as imposições do poder.

É justamente essa reivindicação que se fortalece pela resistência, transformação e luta contra as restrições que afetam a condição humana. Trata-se de uma luta que é compartilhada por muitos indivíduos LGBTI+ que almejam a igualdade de oportunidades e reconhecem a importância de debater a condição humana.

A primeira edição do Digo Festival revelou-se uma experiência extraordinariamente intensa, despertando em mim a percepção de uma necessidade ainda mais premente do que a simples exibição de filmes. A partir desse entendimento, o projeto evoluiu de forma notável, transformando-se em um evento de artes integradas, mesmo diante da ausência de

recursos oriundos da legislação de incentivo.

Figura 3 – Foto do I DIGO Festival (2016) na Praça Cívica em Goiânia, GO



Fonte: Divulgação

Impelido por essa necessidade imperiosa, optei por incorporar mesas de discussão que abordam uma ampla gama de temas, como: saúde, direitos, espetáculos teatrais, performances, exposições e todas as formas de expressão que anteriormente não encontravam espaço no estado de Goiás.

Assim, a primeira edição do festival tornou-se grandiosa, inspirada no renomado Festival Mix Brasil, apresentando uma programação repleta de atividades simultâneas. Era imperativo abordar esse assunto em um projeto inédito na região Centro-Oeste do país, como um marco transformador e necessário.

Na segunda edição do festival, deliberei realizar o evento no prestigioso Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás. Contudo, foi com profundo pesar que me deparei com adversidades que desafiaram a nossa existência. As críticas ferrenhas voltaram-se contra a audácia de empregar luzes caleidoscópicas e confeccionar um tapete de tecido na entrada do espaço. A justificativa era que isso incomodava a população em geral. Queriam censurar as nossas luzes. Tivemos que lutar para que o arco-íris artificial e o tapete colorido continuassem e que a edição acontecesse.

Após esse episódio, carecemos de oportunidades de pauta, o espaço nunca mais foi possível para nós. Mesmo após quase 10 anos, estamos relegados ao ostracismo por ousarmos desafiar, por meio de elementos luminosos, por causa de conservadores arraigados, que vivem também no âmbito acadêmico universitário.

Figura 4 – Foto do II DIGO Festival (2017) no Centro Cultural da UFG



Fonte: Marianna Cartaxo (divulgação)

Essas inovações foram inesperadamente proscritas em meio a sessões lotadas e uma participação entusiástica. Esse infortúnio se transformou em um divisor de águas emocional, ressaltando a premente necessidade de empreender algo que desafiasse os paradigmas estabelecidos.

E, assim, prossegui, enriquecendo cada vez mais as edições do festival, proporcionando uma programação intensa e apaixonante. Um marco significativo nessa jornada foi a criação do webinar acadêmico intitulado “Ensaio LGBTI+”, com a participação de renomados convidados e professores universitários, detentores de um vasto conhecimento histórico e experiências concretas sobre nossas batalhas e manifestações.

Entre centenas de filmes inscritos em cada edição, observei uma demanda significativa por produções que abordem a realidade trans, especialmente quando conduzidas por pessoas trans. Durante esse período, recebi filmes para a curadoria que me causaram consternação, muitas vezes criados por cineastas cisgêneros heterossexuais que, invariavelmente, apresentavam narrativas cruéis com desfechos melancólicos e negativos. Longas-metragens dirigidos por pessoas trans, tanto de ficção como documentário, que já se definiam assim no momento da produção, durante esse período, foi algo inexistente.

Desde sempre, fui ensinado que a diversidade e a sexualidade são extremamente perigosas, devido a interesses políticos e de poder. O ataque à sexualidade, portanto, reflete um discurso de censura e apagamento promovido por “educadores” que buscam normalizar a opressão. A preocupação sempre foi apagar a presença daqueles que não se enquadram nos padrões impostos pela cultura visual, por meio do que foi ensinado e do que aprendemos ao

longo da vida.

Trevisan (2018), que é um autor que faz parte da história do ativismo LGBTI+ brasileiro, explica que é necessário desenvolver perspectivas que considerem as diversas narrativas relacionadas à comunidade LGBTI+, com o objetivo de contribuir para a garantia dos direitos desses indivíduos. A abordagem diversificada pode ser uma forma de desafiar as estruturas de poder que dependem da visibilidade para sustentar a autoridade autocrática, assim, a compreensão mais complexa e inclusiva das diversas identidades LGBTI+ pode desempenhar um papel na superação das formas autoritárias de poder.

O pensamento político ocidental sempre abrigou uma corrente a essa identificação pura e simples do poder supostamente familiar em todos os âmbitos, inclusive culturais, sendo portanto, uma necessidade desenvolver olhares pautados nas diversas narrativas LGBTI+, contribuindo para que os direitos desses corpos possam quebrar os domínios da visibilidade que existem para o sustento da autoridade autocrática (Trevisan, 2018, p. 471).

É indispensável promover uma discussão crítica que investigue e denuncie as diversas formas de dominação e ideologias presentes nas representações produzidas. Essa análise deve ser realizada pela cultura audiovisual. Conforme Foucault (1993, p. 100), “a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico”. No entanto, ainda estamos imersos em discursos normativos sobre gênero e sexualidade que remontam, pelo menos, ao século XIX. Essa realidade dificulta a produção de diversidade. Foucault explora como as diferenças sociais (como raça, gênero, classe social, etc.) são instrumentalizadas pelo biopoder e pela governamentalidade para disciplinar e controlar populações. Políticas de segregação racial, estigmatização de certas orientações sexuais e marginalização de grupos sociais são exemplos de como essas diferenças são utilizadas para manter a ordem social e exercer controle.

No imaginário coletivo, é frequente estigmatizar os personagens LGBTI+ como os “vilões” de uma narrativa. Essa percepção está intrinsecamente ligada à crença de que quanto maior a desigualdade, mais problemática será a convivência com esses indivíduos. Entretanto, é imprescindível ressaltar que a igualdade de gênero ainda não se concretizou plenamente, e a associação do feminino com fragilidade ou submissão, amplamente difundida, meramente serve para justificar preconceitos profundamente arraigados.

Essas reflexões me levaram a ponderar sobre a representação dos personagens LGBTI+ nos filmes aos quais tive a oportunidade de assistir, bem como a forma como a indústria cultural aborda e continua abordando essa questão. É necessária uma abordagem

crítica sobre a influência da indústria cultural na sociedade, com ênfase no papel dos artefatos culturais⁵ midiáticos. Os artefatos culturais midiáticos não apenas compartilham informações sobre diversos aspectos da vida cotidiana, mas também os colocam em circulação. Isso implica que a mídia não apenas transmite conhecimento, mas também desempenha um papel ativo na disseminação e amplificação de ideias.

Enfim, percebe-se que, uma vez mais, os artefatos culturais midiáticos não apenas colocam em circulação saberes referentes a vários domínios da vida cotidiana. Eles produzem saberes, produzem condutas e práticas. Possuem capacidade de modelar nosso olhar e colaboram para a produção de nossas subjetividades a partir de determinados interesses em voga no tempo presente (Andrade, 2017, p. 14).

A afirmação de que os artefatos culturais midiáticos produzem saberes, condutas e práticas sugere que a mídia não é apenas um veículo passivo de informação, mas uma entidade ativa na formação de atitudes, comportamentos e formas de pensar na sociedade. Isso destaca a capacidade da indústria cultural de moldar as percepções e valores das pessoas. A mídia tem o poder de influenciar a forma como percebemos o mundo ao nosso redor. Além disso, a referência à produção de subjetividades destaca como a indústria cultural pode contribuir para a formação das identidades individuais e coletivas, influenciando a construção do eu.

Existir uma perspectiva dos interesses em voga no tempo presente sugere que a indústria cultural não é neutra, mas reflete e promove agendas específicas que estão alinhadas com os valores e interesses predominantes em determinado período. Isso implica que as produções midiáticas podem estar envolvidas em moldar a opinião pública de acordo com as tendências culturais e sociais do momento.

Andrade destaca a natureza ativa e influente da indústria cultural, salientando sua capacidade de não apenas refletir a cultura, mas também de participar ativamente na sua formação e transformação. Essa perspectiva crítica convida à reflexão sobre como a mídia molda nossas percepções, valores e identidades, e como pode ser utilizada para atender a certos interesses sociais e culturais específicos.

Como um produtor envolvido diretamente com as diversas manifestações da cultura visual contemporânea relacionadas à sexualidade e gênero, constato que, nos últimos anos,

⁵ Um artefato cultural é qualquer objeto, símbolo, prática ou comportamento que é criado, transmitido e mantido por uma sociedade ao longo do tempo. <https://www.nandafeire.com.br/glossario/artefato-cultural-definicao-e-importancia-na-sociedade/>

ainda são recorrentes os casos de repressão e censura. Essa realidade alarmante reforça a necessidade urgente de um compromisso por parte da educação em dismantlar estereótipos prejudiciais e fomentar o esclarecimento.

2.1 Cinema LGBTI+ no Brasil, desafios e dificuldades

Ao longo dos anos, tive o privilégio de integrar a curadoria de festivais, mergulhando de cabeça em cada edição e absorvendo intensamente cada filme submetido. Essa experiência profunda permitiu-me compreender que a história do cinema nacional tem desafiado, em diferentes momentos, os padrões impostos pela hegemonia⁶ dos discursos heteronormativos. O cinema tem sido uma poderosa ferramenta para abordar as narrativas transgênero e dismantlar a violência que permeia o imaginário popular do país.

Ao refletir sobre o cinema nacional, a sua influência na luta pela igualdade e na desconstrução dos preconceitos arraigados na sociedade, é possível notar que, por meio de narrativas corajosas e autênticas, os cineastas têm iluminado os cantos obscuros da opressão, trazendo à tona as vozes marginalizadas e as experiências transgênero, muitas vezes negligenciadas pela mídia tradicional.

Os festivais de cinema LGBTI+ desempenham um papel fundamental nesse contexto, ao oferecer um espaço dedicado à exibição e à celebração dessas produções cinematográficas corajosas. Por meio dessa plataforma, as histórias transgênero encontram uma voz poderosa e emocionante, capaz de romper barreiras e sensibilizar o público.

Figura 5 – Equipe do II DIGO Festival (2017) no Centro Cultural da UFG



Fonte: Marianna Cartaxo (divulgação)

⁶ A palavra hegemonia, do grego “egemonía”, significa a supremacia entre cidades, nações ou povos. <https://www.significados.com.br/hegemonia/> Acesso em 01 de abril 2024

Como membros atuantes da indústria cinematográfica, especialmente em Goiás, uma região conhecida por suas tendências conservadoras, temos a responsabilidade e a oportunidade de impulsionar avanços significativos na representação inclusiva e autêntica de personagens LGBTI+.

Conforme Rancière (2005), há uma interconexão intrínseca e paradoxal entre a arte e a resistência, rejeitando a ideia de que a resistência na arte é um mero equívoco linguístico que poderia ser resolvido segregando a consistência artística e o protesto político em esferas separadas. A temática da resistência na arte não é apenas uma questão de linguagem, mas sim uma expressão significativa da relação complexa entre a concepção da arte e a concepção da política.

O tema “resistência” da arte, portanto, não é de forma alguma um equívoco de linguagem do qual poderíamos nos livrar mandando a consistência da arte e a protesto político cada qual para o seu lado. Ele designa bem a ligação íntima e paradoxal entre uma ideia da arte e uma ideia da política (Rancière 2005, p. 12).

O tema da resistência não pode ser simplesmente dissociado da arte e da política, ambos estão intrinsecamente entrelaçados. Essa ligação íntima implica que a arte não é apenas uma expressão estética, mas também uma arena na qual questões políticas e sociais podem ser abordadas e contestadas.

O termo “paradoxal” destaca a natureza aparentemente contraditória dessa relação. A arte, muitas vezes associada à expressão individual e à estética, é apresentada como um meio pelo qual se pode realizar a resistência política. Essa abordagem desafia as noções convencionais que podem separar rigidamente o domínio da arte do domínio político.

Assim, a resistência na arte não é apenas uma manifestação incidental, mas sim uma expressão fundamental da interseção entre a estética e a política, desafiando a ideia de que essas esferas devem permanecer independentes. Essa compreensão mais profunda da relação entre arte e resistência ressalta a capacidade da arte de engajar-se ativamente em questões sociais e políticas, contribuindo para a reflexão e transformação da sociedade.

Nesse sentido, é fundamental criar uma conscientização coletiva sobre a diversidade e fomentar a aceitação e a igualdade. Para alcançar esse objetivo, é crucial produzir novas obras que retratem personagens LGBTI+ de forma positiva, atribuindo-lhes protagonismo e assegurando que suas histórias sejam lembradas e reverenciadas.

É possível, então, que a trajetória de representação de personagens transgênero no cinema brasileiro tem sido marcada por desafios e dificuldades. O escasso reconhecimento e a marginalização dessa comunidade nas produções cinematográficas refletem a histórica ausência de representatividade em nosso meio. Esse vazio é tão evidente que, muitas vezes, sou incapaz de recordar o primeiro personagem transgênero retratado no cinema brasileiro.

Bessa (2014), em seu artigo “A teoria *queer* e os desafios às molduras do olhar”, argumenta que, segundo a visão *queer*, uma mulher trans não deve ser considerada menos mulher do que aquela que foi identificada como tal desde o nascimento. A autora destaca que a diferença entre essas identidades é de natureza política, não sendo inerente à ordem natural da condição humana.

Levanta a questão sobre o que significa ser humano em um contexto marcado por buscas e transformações, especialmente no que diz respeito à interação da tecnologia com a subjetividade e o corpo. Sugere, ainda, que as mudanças tecnológicas e as intervenções humanas no tempo e espaço moldam a condição humana, transformando-a em um diálogo constante com outras tecnologias criadas a partir dessas intervenções.

É por isso que, na perspectiva *queer*, uma mulher trans não é menos mulher do que uma que tenha sido assim designada desde o nascimento. A diferença é política e não da ordem da natureza humana, o que nos leva a outro importante raciocínio *queer*: afinal, o que é o humano em um mundo de buscas e transformações que fazem da tecnologia subjetiva e corporal um diálogo com outras tecnologias criadas a partir das intervenções humanas, no tempo/espço de sua condição? (Bessa, 2014, p. 2).

Portanto, existe a importância de compreender o conceito de humano em um mundo dinâmico, onde as tecnologias, como o cinema e as mudanças sociais, influenciam a experiência subjetiva e corporal, desafiando as noções tradicionais e propondo uma abordagem *queer* para entender a diversidade e a fluidez das identidades.

A cultura visual é um campo interdisciplinar que investiga a produção, circulação e recepção de imagens e visualidades em diversas esferas da sociedade. W. J. T. Mitchell, um influente teórico da cultura visual, teve um papel central na consolidação desse domínio acadêmico. Em suas obras, Mitchell examina a intrincada relação entre imagem, cultura e poder, argumentando que as imagens têm um papel fundamental na formação de identidades individuais e coletivas.

De acordo com Mitchell (2019), as imagens não são meras representações passivas da realidade, mas sim agentes ativos que influenciam e são influenciados pelas práticas

culturais e políticas de uma comunidade. Ele ressalta a importância de analisar as imagens não apenas em termos de seu conteúdo visual, mas também considerando os contextos sociais, históricos e ideológicos em que são produzidas e recebidas, aborda a compulsão humana em conceber a relação entre palavras e imagens em termos políticos, destacando essa dinâmica como uma luta por território e uma disputa entre ideologias rivais. Sugere que essa compulsão seja reflexo das relações que estabelecemos entre símbolos e o mundo, assim como entre signos e seus significados, no contexto da representação, significação e comunicação.

Propõe que a forma como interpretamos e atribuímos significado à interação entre palavras e imagens não seja apenas uma prática cultural, mas também uma manifestação das nossas concepções mais amplas sobre o mundo e suas representações simbólicas. Ao relacionar isso com a cultura visual e o cinema, pode-se argumentar que as obras cinematográficas, por exemplo, não são apenas produtos de entretenimento, mas também meios pelos quais construímos e contestamos ideologias, entendemos a realidade e interpretamos símbolos visuais em um contexto mais amplo.

Por que temos essa compulsão de conceber a relação entre palavras e imagens em termos políticos, como uma luta por território, uma disputa de ideologias rivais? [...] mas uma resposta curta pode ser fornecida aqui: o relacionamento entre palavras e imagens reflete, no âmbito da representação, significação e comunicação, as relações que postulamos entre símbolos e o mundo, signos e seus significados (Mitchell, 2019, p. 62).

Assim, a compulsão por enquadrar a relação entre palavras e imagens em termos políticos pode ser interpretada como uma extensão da nossa necessidade de atribuir significados, negociar interpretações e participar ativamente na construção de narrativas visuais, especialmente evidentes em meios como o cinema, onde a interconexão entre linguagem verbal e visual é fundamental.

Nesse contexto, torna-se urgente a criação de narrativas que rompam com os estereótipos e estigmas frequentemente associados à comunidade LGBTI+. É necessário explorar as múltiplas facetas de suas vidas e experiências e mostrar a riqueza e a complexidade desses personagens. Ao adotar essa abordagem, poderemos oferecer ao público uma representação mais fiel e respeitosa, reforçando a importância da diversidade e da igualdade.

Além de seu valor intrínseco como forma de expressão artística, o cinema tem o poder de influenciar a sociedade e moldar atitudes. Dados numéricos reforçam essa afirmação, revelando que filmes com representação diversa e inclusiva tendem a ter maior aceitação e sucesso de público. As atuais oportunidades concernentes ao trabalho, pesquisa, exploração, simulação e previsão no âmbito da transgeneridade ainda se apresentam restritas. Não obstante, vislumbra-se a possibilidade de expansão dessas capacidades para o desenvolvimento futuro, revelando um tom otimista quanto ao progresso na utilização de imagens no contexto científico.

Um domínio onde a imagem prolifera é o domínio científico. Nele, a imagem oferece possibilidades de trabalho, de pesquisa, de exploração, de simulação e de antecipação consideráveis e todavia ainda reduzidas relativamente ao que o seu desenvolvimento atual deixa prever (Joly, 1994, p. 24)

Portanto, ao investir na criação de personagens LGBTI+ e na promoção de histórias inclusivas, estaremos contribuindo não apenas para a evolução da indústria cinematográfica, mas também para a construção de uma sociedade mais igualitária e acolhedora. Cabe a nós, como profissionais do cinema em Goiás, liderarmos esse movimento, desbravando novos caminhos e inspirando uma mudança positiva, mediante obras que emocionem, inspirem e transformem corações e mentes. Em diversos campos do conhecimento, a imagem desempenha um papel fundamental, especialmente no domínio científico. Conforme Joly (1994) destaca, a imagem não apenas apresenta oportunidades vastas para trabalho e pesquisa, mas também abre portas para a exploração, simulação e antecipação de fenômenos complexos. Todavia, vale ressaltar que o potencial da imagem ainda está aquém do que as atuais tecnologias de desenvolvimento podem proporcionar.

Ao analisar a citação de Joly, é possível compreender a importância crescente da imagem na ciência contemporânea. Com o avanço das ferramentas de visualização e análise de dados, os pesquisadores têm a capacidade de extrair informações significativas de imagens, possibilitando avanços significativos em diversas áreas. Desde a visualização de estruturas moleculares até a simulação de fenômenos complexos em modelos computacionais, a imagem é uma ferramenta poderosa que impulsiona a investigação científica.

Além disso, a imagem desempenha um papel crucial na comunicação científica, permitindo a disseminação de descobertas e teorias de forma acessível e impactante. A visualização de dados por meio de gráficos, mapas e infográficos auxilia na compreensão

de conceitos abstratos e na apresentação de resultados de pesquisas de forma clara e objetiva.

Diante desse contexto, é evidente que o domínio científico é permeado pela presença onipresente da imagem, que atua como uma ferramenta multifacetada para a geração e transmissão de conhecimento. No entanto, é importante ressaltar a necessidade de utilizar a imagem com responsabilidade e ética, garantindo sua veracidade e relevância para a construção do saber científico.

2.2 Promoção da conscientização por meio de resultados da pesquisa

Neste momento crucial, em que o Brasil ainda enfrenta uma escalada de violência contra a comunidade transgênero, é imperativo que a arte e o cinema se unam para promover a conscientização e a mudança. Ao fazer a programação de festivais e atuar como jurado, deparei-me com a superficialidade com que o tema das personagens transgênero era abordado.

Na sua pesquisa sobre gênero e cinema no contexto do cinema brasileiro, William Foster (1999) examinou como o gênero é representado. Foi um dos primeiros a analisar criticamente a maneira como as relações entre pessoas do mesmo sexo são retratadas em filmes brasileiros. A análise sobre esses filmes foi feita considerando a interação entre o marxismo e a semiologia, relacionando esses métodos de interpretação cinematográfica com as questões sócio-históricas destacadas pelos estudos de gênero.

Fiquei surpreso ao perceber que anualmente, no Digo, por exemplo, dentre os 600 filmes enviados a cada edição, poucos tratavam da questão da transexualidade na ficção de forma positiva. Não encontrei nenhum diretor ou diretora transgênero que tenha submetido seus filmes. Muitas histórias ainda são contadas por pessoas cisgênero que retratam a narrativa transgênero de forma inautêntica, baseada em estereótipos, marginalizada ou excessivamente sexualizada.

Impelido por essas observações, empreendi uma investigação retrospectiva em minha memória cinematográfica, cujos resultados exponho a seguir. Ao reavivar a lembrança de diversos filmes que testemunhei, constatei recorrentemente que as personagens transgênero eram, com frequência, retratadas de maneira brutal. Inicialmente, eram submetidas a zombarias; em outros contextos, eram excessivamente hipersexualizadas, como se evidenciava nas pornochanchadas; e, por fim, eram

frequentemente submetidas a um desfecho cruel e desfavorável.

O filme *A Casa Assassinada*, dirigido por Paulo César Saraceni e lançado em 1971, marcou-me bastante, por abordar temáticas relacionadas à opressão da feminilidade, destacando personagens como Timóteo, interpretado por Carlos Kroeber, que representa a diversidade sexual e desafia as normas de gênero na narrativa cinematográfica brasileira. Esse personagem, o Timóteo, embora tenha sido considerado pela maioria dos críticos como menor na consolidação da trama, desempenha um papel significativo na construção das diferentes facetas e nuances que compõem uma visão feminina de revolta e vingança na trama do filme.

Ao me aproximar, verifiquei que o Sr. Timóteo, gordo e suado, trajava um vestido de franjas e lantejoulas que pertencera a sua mãe. O corpete descia-lhe excessivamente justo na cintura, e aqui e ali rebentava através da costura um pouco da carne aprisionada, esgarçando a fazenda e tornando o prazer de vestir-se daquele modo uma autêntica espécie de suplício. Movia-se com lentidão, meneando todas as suas franjas e abanandose vigorosamente com um desses leques de madeira de sândalo, o que o envolvia numa enjoativa onda de perfume (Cardoso, 2002, p. 45).

Revela-se uma obra cinematográfica seminal, ao explorar de forma perspicaz as dinâmicas da opressão da feminilidade e desafiar convenções de gênero estabelecidas, especialmente por meio do personagem de Timóteo, interpretado por Carlos Kroeber. Representa a diversidade sexual e questiona as normas de gênero em um contexto brasileiro, enriquece a trama com suas nuances e complexidades, contribuindo para uma visão feminina de revolta e vingança que ressoa profundamente.

Embora muitos críticos tenham minimizado a importância de Timóteo na consolidação da narrativa, é crucial reconhecer o papel significativo que desempenha na obra. Sua representação como personagem marginal não apenas amplia a diversidade de vozes presentes no filme, como também lança luz sobre realidades frequentemente negligenciadas pela sociedade. No entanto, é fundamental destacar que retratar personagens marginalizados de forma estereotipada ou patologizante, como possíveis doentes mentais, pode perpetuar estigmas prejudiciais e não contribuir efetivamente para o avanço social.

O personagem de Timóteo, escondido em um dos quartos da Chácara, é retratado de forma problemática e desengonçada, parecendo ser o “monstro” que a família tenta esconder. Sua vestimenta e aparência desesperadas destacam a luta interna pela aceitação e pela subversão dos valores conservadores da família tradicional de Minas Gerais. Dentro do

romance *Crônica da casa assassinada*, simboliza um aspecto proibido e oculto da família, revelando as tentativas da família de manter uma imagem de normalidade e estabilidade perante o mundo, enquanto esconde a verdadeira natureza diversa e complexa que existe por trás das paredes da Chácara.

Figura 6 - Ator Carlos Kroeber como Timoteo no filme *A Casa Assassinada*, de 1971



Fonte: internet <https://cineugenio.blogspot.com/2014/04/saraceni-e-cronica-da-decadencia.html>

A narrativa do filme desestrutura a concepção tradicional de feminilidade, questionando as ideias associadas à maternidade, docilidade e erotismo contido. As personagens femininas do filme demonstram astúcia e habilidade em navegar pelo pequeno universo doméstico que lhes foi designado, desafiando as expectativas conservadoras. Infelizmente, essa subversão não foi devidamente reconhecida pela crítica da época, que se concentrou em aspectos periféricos, como a baixa participação do público na estreia do filme, em vez de explorar mais profundamente as questões de gênero e sexualidade nele apresentadas.

O filme *A Rainha Diaba*, de 1974, dirigido por Antônio Carlos da Fontoura, é outro filme de destaque. A trama, que envolve a personagem Diaba, uma pessoa *queer* interpretada por um homem cisgênero heterossexual, levanta preocupações sobre a forma como as identidades LGBTI+ são representadas no cinema. O filme parece reforçar estereótipos negativos relacionados, especialmente ao retratar Diaba como um homem homossexual envolvido em atividades criminosas. A associação entre a orientação sexual e comportamentos criminosos pode contribuir para a perpetuação de estigmas prejudiciais.

Figura 7 – Milton Gonçalves, como Diaba, no filme *A Rainha Diaba*, de Antônio Carlos Fontoura (1974)



Fonte: internet <https://oca.observatorio.uff.br/?p=2094>

A presença de elementos *transfake* no filme *A Rainha Diaba* suscita questionamentos acerca da autenticidade da representação da personagem Diaba, sugerindo uma possível percepção de inautenticidade ou artificialidade. Essa dinâmica incita reflexões pertinentes sobre a autenticidade na representação de personagens *queer* no contexto cinematográfico e seu potencial impacto na compreensão do público em relação às experiências reais dessa comunidade. O mencionado filme, ao abordar a problemática da representação estereotipada da comunidade LGBTI+ e explorar a autenticidade na caracterização do personagem *queer* permeado por elementos de violência e morbidez, destaca-se como um exemplo ilustrativo. Percebe-se que, mesmo com a problemática, o filme ainda é visto como algo transgressor mas sem abordar as problemáticas, já que se planeja uma nova distribuição em festivais onde é aclamado, porém, sem discussões importantes.⁷

A obra *Vai, Malandra... seu corpo é instrumento (contra) violento: Figurações da marginalidade no filme "A Rainha Diaba" (1973)*, de Robson Pereira da Silva, publicada em 2018, oferece uma análise crítica sobre a representação da marginalidade e da violência no cinema brasileiro dos anos 1970, especificamente por meio do filme *A Rainha Diaba* (1974), dirigido por Antonio Carlos da Fontoura. Esse texto busca comparar as discussões de Silva com as representações presentes em filmes contemporâneos, principalmente em

7

<https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/noticia/2023/02/quase-50-anos-depois-a-rainha-diaba-encanta-berlim-por-sua-novidade.ghtml>

relação às figuras marginais e *queer*.

O filme *A Rainha Diaba* narra a história de uma chefe do tráfico travesti que controla um submundo de criminalidade e violência nas favelas do Rio de Janeiro. Segundo Silva (2018), o filme retrata os corpos marginalizados de forma instrumental, usando-os como veículos de uma narrativa que oscila entre subversão e reafirmação dos estereótipos de violência e poder associados às figuras marginalizadas.

De acordo com Silva (2018, p. 72), “[...] os corpos representados no filme são carregados de significados que desafiam e, simultaneamente, reproduzem uma lógica de marginalização e objetificação”. O autor argumenta que o filme expõe a violência intrínseca à vida nas periferias urbanas brasileiras, enquanto também utiliza esses corpos como símbolos de uma resistência ambígua e, em muitos casos, derrotada pelas forças opressivas.

Filmes contemporâneos, como *Cidade de Deus* (2002), continuam a explorar a vida nas favelas e temas de marginalização, mas com abordagens que tendem a dar mais voz e profundidade aos personagens marginalizados. Em *Cidade de Deus*, a narrativa se expande para incluir múltiplas perspectivas, oferecendo uma visão mais rica e complexa da vida na periferia (Meirelles; Lund, 2002).

A representação de pessoas *queer* em filmes modernos também mostra uma evolução significativa. Enquanto *A Rainha Diaba* apresenta personagens *queer* em um contexto de criminalidade, filmes como *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho* (2014) e *Tinta Bruta* (2018) tratam essas figuras de maneira mais humanizada e positiva, desassociando suas identidades de estigmas exclusivamente negativos (Ribeiro, 2014; Gerbase; Gerbase, 2018).

Temas de violência e sexualidade ainda são centrais em muitas narrativas, mas há um esforço crescente para retratar essas questões de maneira crítica e conscientizadora. Filmes como *Que Horas Ela Volta?* (2015) abordam a violência estrutural e as lutas diárias enfrentadas pelas classes marginalizadas, propondo uma reflexão sobre desigualdade e direitos humanos (Muylaert, 2015).

Enquanto *A Rainha Diaba* e a análise de Robson Silva refletem uma era específica do cinema brasileiro, marcada pela repressão e pela marginalidade, os filmes contemporâneos têm explorado essas temáticas com maior diversidade e profundidade. As narrativas modernas buscam humanizar e dar voz às figuras

Ademais, é pertinente considerar que, mesmo produzido em um período temporal

distinto, o filme contribuiu de maneira notável para a construção impactante da percepção de um jovem LGBTI+. Esse impacto, compartilhado com outras produções da época, como o filme *Anjos da Noite*, de 1987, dirigido por Wilson Barros, o qual apresenta o monólogo inicial da travesti Lola (interpretada pelo ator Chiquinho Brandão) após assassinar seu amante na banheira do apartamento. Essas narrativas cinematográficas convergem para a construção de um panorama complexo e, por vezes, alarmante, que pode influenciar a visão de jovens pertencentes à comunidade LGBTI+ em relação a si mesmos e aos estereótipos associados à sua identidade.

Figura 8 – Frame do filme *Os Anjos da Noite* (1987)



Fonte: internet <https://estranhoencontro.blogspot.com/2006/08/anjos-da-noite.html>

Os Machões (1972), do diretor Reginaldo Faria, emerge como uma obra cinematográfica notória por seus estereótipos exacerbados, apresentando uma representação caricatural de personagens masculinos. Através da lente desses estereótipos, o filme pode ter contribuído para uma visão distorcida e simplificada das identidades de gênero.

Figura 9 – Flávio Migliaccio, Erasmo Carlos e Reginaldo Faria em *Os Machões* (1972)



Fonte: internet <https://www.papodecinema.com.br/filmes/os-machoes/>

Estou com AIDS (1985), dirigido por David Cardoso, aborda a temática da Aids de maneira particularmente sombria, retratando a condição sexual como um destino inexorável à morte. Esse enfoque fatalista gera percepções negativas e estigmatizantes em relação à comunidade LGBTI+, contribuindo para a disseminação de informações prejudiciais e preconceituosas acerca do HIV.

Figura 10 – Cartaz do filme *Estou com Aids*, do diretor David Cardoso (1985)



Fonte: internet <https://filmow.com/estou-com-aids-t45976/>

Rapazes das Calçadas (1981), dirigido por Levi Salgado, explora a impossibilidade de vivenciar um amor verdadeiro desprovido de interesses. Essa narrativa pode ter reforçado estereótipos prejudiciais sobre relacionamentos LGBTI+, influenciando a percepção de que tais uniões são intrinsecamente problemáticas e carentes de autenticidade. Trata-se de configurar totalmente a marginalidade para quem se atreve a sair do padrão.

Figura 11 – A atriz Lady Francisco em *Rapazes das Calçadas* (1981), de Levi Salgado



Fonte: internet <https://estranhoencontro.blogspot.com/2009/10/rapazes-das-calçadas.html>

Os Imorais (1979), de Geraldo Vietri, é caracterizado por um desfecho perverso e cruel. A representação negativa de personagens LGBTI+ neste filme pode ter contribuído para a perpetuação de estereótipos danosos, reforçando uma visão distorcida e preconceituosa sobre a comunidade, onde o único alento é a morte e o sofrimento da tentativa de autorrepressão.

Figura 12 – Frame do filme “Os Imorais” (1979), de Geraldo Vietri



Fonte: internet <https://www.imdb.com/title/tt0237330/>

Vera (1986), dirigido por Sérgio Toledo, perpetua estigmatizações ao retratar homens trans como aberrações. A escolha de elenco e direção, compostos exclusivamente por indivíduos cisgêneros heterossexuais contribui para a marginalização e desumanização de personagens trans, reforçando preconceitos e limitando a representatividade positiva na mídia.

Figura 13 – Ana Beatriz Nogueira em *Vera*, de Sérgio Toledo (1986)



Fonte: Internet <https://meucinediario.wordpress.com/2014/02/16/vera-ou-a-liberdade-ao-avesso/>

No conjunto, esses filmes, ao veicularem representações distorcidas e negativas da diversidade sexual e de gênero, influenciaram em mim a formação de percepções prejudiciais sobre a comunidade LGBTI+, durante o período da adolescência, contribuindo para a internalização de estigmas, sofrimento e desumanização.

Observa-se um padrão preocupante nas produções cinematográficas mencionadas, destacando a predominância de diretores homens, brancos, cisgêneros, não assumidamente LGBTI+. A ausência de representatividade diversificada na liderança desses filmes pode ter contribuído para a criação de narrativas que não refletem adequadamente as experiências da comunidade e, em vez disso, perpetuam estereótipos negativos.

A falta de uma pesquisa aprofundada e a abordagem superficial desses cineastas em relação à sexualidade e identidade de gênero pode ter levado a representações distorcidas, demonizando os aspectos relacionados à diversidade sexual. Essa falta de sensibilidade na criação de obras pode ter impactado negativamente na percepção pública, contribuindo para a estigmatização e desumanização da comunidade LGBTI+.

A detecção da carência de perspectivas e vozes diversas na concepção dessas obras cinematográficas denota claramente a imperativa necessidade de fomentar maior diversidade e inclusão no seio da indústria cinematográfica. A representatividade, tanto na composição da equipe de produção quanto do elenco, emerge como elemento crucial para assegurar a autenticidade das narrativas e prevenir a perpetuação de estereótipos prejudiciais. Tal abordagem desempenha um papel significativo na mitigação da propensão à ascensão do fascismo e conservadorismo, os quais poderiam vir a se erigir como protagonistas na tessitura da realidade cotidiana.

Durante o governo ultraconservador vivido pelo Brasil sob o bolsonarismo, em 2019, as redes sociais do festival foram alvo de ataques, resultando na perda de seguidores. Como forma de resiliência, decidi realizar cursos de pós-graduação em Marketing e Arte Digital. Isso me levou a promover *lives* semanais com especialistas que discutiam questões LGBTI+, com o intuito de recuperar a base de seguidores. Ao final de cada *live*, sempre perguntava qual foi o primeiro filme LGBTI+ que a pessoa tinha assistido em sua vida. A maioria não se recordava ou não tinha referências, pois essas personagens são frequentemente apagadas.

Por esse motivo, considerando toda a minha trajetória ao assistir uma variedade de filmes, tanto comerciais quanto independentes, senti a necessidade imperativa de conduzir

minha pesquisa com absoluta correção, incorporando indivíduos transgênero para garantir uma visão autêntica daqueles que vivenciam essa realidade. Nesse contexto, nada poderia estar mais alinhado com os alicerces das artes e da poética artística na contemporaneidade do que criar um produto audiovisual.

Destaco, também, minha experiência profissional e minha vivência social, as quais enriquecem esse projeto. Nada seria mais apropriado do que produzir um documentário com um tema que pudesse ser disseminado para o mundo, acompanhado de uma tese fundamentada, assim como meus filmes anteriores alcançaram, mesmo sendo um homem cisgênero⁸ branco.

Silva (2018), em sua análise das últimas décadas do cinema brasileiro, incisivamente discute e denuncia a maneira como personagens transgênero têm sido retratadas ao longo da história. O autor aponta que os “*queers* cinematográficos” foram relegados ao submundo por muito tempo, existindo apenas nas entrelinhas do que é considerado normativo, como ele relata em seu livro *História & Teoria Queer*: “[...] são produções culturais e históricas de constructos tidos, por esse espectro normativo, como abjetos, incômodos e perturbadores” (Silva, 2018, p. 320).

Dentro desse contexto, o retrato marginalizado e pejorativo imposto a toda uma geração é o ponto focal para a compreensão e identificação das primeiras experiências da comunidade com a representação de personagens transgênero no cinema. Qual era o contexto dessas primeiras vivências? Como a abordagem de personagens transgênero é percebida atualmente no cinema? Ainda é necessário articular esforços para explorar a evolução desses personagens no cenário do cinema nacional? Essas indagações servirão como base para investigar o imaginário construído em torno das personagens transgênero no cinema, por meio das impressões e opiniões dos entrevistados e da sua visão em relação ao protagonismo trans nesse contexto.

Torna-se relevante explorar socialmente a relação entre a história do cinema brasileiro e seu papel como propagador de ódio e preconceito contra pessoas trans, além de considerar perspectivas de reparação histórica. Esta pesquisa busca oferecer uma oportunidade para essa exploração, destacando o cinema como uma plataforma para o diálogo e a mudança social.

⁸ Indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu "gênero de nascença". Disponível em: <https://www.significados.com.br/cisgenero/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2024.

A invisibilidade histórica imposta às personagens LGBTI+ nas produções cinematográficas brasileiras é um tema de extrema relevância e que merece ser abordado de forma aprofundada. Ao longo dos anos, a marginalização e a estigmatização da comunidade LGBTI+ tiveram um impacto significativo na quantidade e qualidade das representações na mídia, resultando em produções que são facilmente esquecidas pelo público em geral.

Esse cenário não apenas prejudica a saúde mental daqueles que fazem parte da comunidade LGBTI+, mas também se torna desinteressante para aqueles que não compartilham dessa condição. No entanto, esses já consideram tal realidade marginalizada devido às imposições culturais que lhes são transmitidas desde a infância, inclusive por meio da pedagogia cultural⁹, que também engloba o campo audiovisual.

A falta de representatividade adequada no cinema brasileiro tem consequências profundas para a comunidade LGBTI+. Ao serem excluídos das narrativas cinematográficas ao longo da história, os indivíduos LGBTI+ são negados em sua existência, e suas vivências são apagadas da memória coletiva.

Isso gera um sentimento de invisibilidade e silenciamento, e suas histórias e experiências são marginalizadas e consideradas menos importantes. Como resultado, a comunidade LGBTI+ enfrenta dificuldades em se ver representada de forma positiva e autêntica na tela, o que impacta sua autoestima, identidade e seu senso de pertencimento.

É importante reconhecer que a falta de representatividade não se limita apenas à quantidade de personagens LGBTI+ nas produções cinematográficas brasileiras, mas também à qualidade dessas representações. Muitas vezes, personagens LGBTI+ são estereotipados, retratados de maneira caricata ou limitados a papéis secundários e superficiais. Estamos ainda em uma história recente de filmes que insistem em erros relacionados ao *transfake* ou em contar histórias negativas e marginalizadas.

A cultura visual através da indústria do cinema faz parte dos meios de comunicação e é responsável por espalhar e validar certas categorias ou rótulos atribuídos a pessoas, grupos sociais ou questões. Estamos falando da propagação de medos irracionais ou preocupações exageradas na sociedade, muitas vezes ligadas a valores morais.

De acordo com Freire Filho (2004, p. 49), “os meios de comunicação de massa são a grande fonte de difusão e legitimação dos rótulos, colaborando decisivamente, deste

⁹ O termo **Pedagogia Cultural** remarca mais a dimensão da prática cultural ou artística como meio pedagógico (Martins; Tourinho, 2014).

modo, para a disseminação de pânico morais”.

No terceiro milênio, subsiste a presença de filmes como: *Como Esquecer* (2010), dirigido por Malu de Marinho. Embora o filme aborde temáticas relacionadas à sexualidade e identidade, há uma redução de certos personagens LGBTI+ a estereótipos, comprometendo a autenticidade de suas representações. Outra produção, *Divã* (2009), dirigida por José Alvarenga Jr., uma comédia dramática que explora questões ligadas à busca pela felicidade, recebeu críticas similares, ressaltando que a representação de personagens LGBTI+ tendeu a se encaixar em estereótipos, com desenvolvimentos limitados em suas complexidades.

Qualquer Gato Vira-Lata (2011), dirigido por Tomas Portella e Daniela De Carlo, apresenta uma representação simplista e estereotipada de personagens LGBTI+, frequentemente relegados a papéis secundários e superficiais, sem uma exploração aprofundada de suas narrativas. Especificamente, *Divã* (2009) é citado por oferecer uma representação estereotipada de um personagem *gay*, retratado de maneira afeminada, cujas características são reduzidas a elementos cômicos, contribuindo para a construção de uma imagem superficial e unidimensional.

Outro exemplo digno de menção é encontrado no filme *Bruna Surfistinha* (2011), no qual personagens LGBTI+ são, em algumas instâncias, representados de maneira estigmatizada e associados a aspectos sensacionalistas, comprometendo a autenticidade e complexidade de suas histórias individuais. A obra *Se Eu Fosse Você* (2006) também exhibe uma perspectiva que tende a reforçar estereótipos ao retratar personagens LGBTI+ de maneira superficial e centrada em aspectos humorísticos, limitando, assim, a representação mais aprofundada e reflexiva dessas identidades. Essas representações reducionistas e preconceituosas perpetuam estigmas e reforçam a marginalização da comunidade LGBTI+, contribuindo para a perpetuação de discriminação e preconceito na sociedade.

Uma abordagem mais inclusiva e representativa no cinema brasileiro pode ter um impacto transformador na forma como a comunidade LGBTI+ é percebida e tratada pela sociedade. Assim, recorrendo-se a narrativas envolventes, emocionantes e bem fundamentadas, é possível desafiar estereótipos, promover empatia e estimular a reflexão sobre questões de identidade, diversidade e inclusão.

Ao proporcionar visibilidade e protagonismo às personagens LGBTI+, o cinema pode desempenhar um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa, equitativa e respeitosa. Desse modo, é fundamental que o cinema brasileiro rompa com a

invisibilidade histórica imposta à comunidade LGBTI+ e assumo o compromisso de representar suas histórias de forma autêntica, diversa e multifacetada. Essa mudança requer uma abordagem consciente e responsável por parte dos cineastas, produtores e demais profissionais do audiovisual, que devem estar dispostos a desafiar as normas vigentes e abrir espaço para novas vozes e perspectivas.

2.3 Escolha do tema sobre a representação transgênero

O pioneiro produto audiovisual brasileiro a abordar a transexualidade foi o filme *Augusto Aníbal quer casar*, lançado em 1923 e dirigido por Luiz Barros. Essa obra cinematográfica narra a história da intensa paixão de Augusto Aníbal por uma jovem que, na verdade, é uma figura conhecida como “transformista”, chamada Darwin. A partir dessa primeira incursão cinematográfica, seguiu-se um lamentável padrão de representação negativa das pessoas transgênero no Brasil, onde seus corpos são retratados de maneira sistematicamente marginalizada.

Figura 14 – Still do filme *Augusto Aníbal quer casar* (1923)



Fonte: Internet - <https://www.imdb.com/title/tt0179655/mediaviewer/rm2777986305/>

No livro *A personagem homossexual no cinema brasileiro* (Moreno, 2001), o autor reafirma o contexto estético do cinema da época, no qual a transexualidade é retratada apenas como uma caracterização grotesca, assexuada, cômica e marginalizada, muitas vezes, exagerada. Ele também observa que há um tom exacerbado na representação gestual desses personagens, chegando até mesmo a uma espécie de carnavalização destes (Moreno,

2001, p. 27). Como essa primeira experiência cinematográfica influenciou o imaginário das pessoas entrevistadas?

Durante o processo de submissão do projeto ao comitê de ética, busquei, por meio de perguntas diretas, explorar as experiências das pessoas transgênero e entender como elas percebem a sua representação no cinema nacional. Como pessoa cisgênero, fiquei profundamente chocado e perturbado com a falta de respeito e com a visão negativa que o cinema brasileiro construiu em relação aos personagens transgênero ao longo de sua história. O tema da comunidade LGBTI+ no cinema, frequentemente é abordado de forma generalizada, muitas vezes concentrando-se em produções internacionais com foco em homens homossexuais cisgêneros. A impressão que emerge dessa busca é que não foram encontradas pesquisadoras mulheres ou transexuais que tenham abordado esse tema. Todas as dissertações encontradas foram elaboradas por homens cisgêneros, que, de certa forma, se beneficiam das estruturas patriarcais e normativas, encontrando maior constância e aceitação na academia como porta-vozes da cultura.

De modo geral, salvo raras exceções, o/a homossexual admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, “o/a enrus-tido/a”. De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar “outras” identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade. O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais. Revistas, moda, bares, filmes, música, literatura, enfim, todas as formas de expressão social que tornam visíveis as sexualidades não legitimadas são alvo de críticas, mais ou menos intensas, ou são motivos de escândalos (Louro, 2000, p. 20).

A discussão pública da LGBTfobia no contexto do audiovisual representa um tema de extrema relevância nessas pesquisas, visando à abordagem central relacionada à normalização da ignorância e do preconceito dentro dessa forma de expressão. O cinema desempenha um papel fundamental como ferramenta de cultura visual, englobando uma ampla gama de elementos visuais, formas e modos de pensamento que moldam a percepção da vida cotidiana em determinado período. Neste ínterim, a relação entre educação, pedagogia e cultura na sociedade contemporânea torna-se um objeto de investigação essencial.

É imprescindível destacar a importância de explorar a LGBTfobia no contexto audiovisual, pois essa manifestação de discriminação e intolerância acaba por perpetuar estereótipos e marginalizar indivíduos, com base em sua orientação sexual ou identidade de

gênero. Ao trazer à tona essa discussão, busca-se evidenciar os impactos negativos dessas representações distorcidas e, ao mesmo tempo, enfatizar a necessidade de se promover uma cultura inclusiva e livre de preconceitos.

Dessa maneira, compreender como o cinema e outras formas de produção audiovisual perpetuam ou combatem a LGBTfobia torna-se um campo fértil para análise e reflexão crítica. Assim, por intermédio da investigação aprofundada, é possível examinar os mecanismos e as estratégias utilizadas na construção de narrativas e imagens, almejando-se identificar padrões discriminatórios e compreender como essas representações contribuem para a manutenção de uma sociedade desigual.

Ao abordar a relação entre educação, pedagogia e cultura, tem-se a oportunidade de explorar o papel do audiovisual como agente de transformação social. Por meio de filmes, documentários e produções televisivas, é possível disseminar conhecimento, promover empatia e estimular a reflexão crítica, contribuindo para uma educação mais inclusiva e consciente. A análise aprofundada dessas interações complexas entre cultura e sociedade oferece subsídios valiosos para a construção de um ambiente mais acolhedor e igualitário.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo principal fomentar o diálogo acadêmico acerca da LGBTfobia no contexto audiovisual, oferecendo *insights* fundamentados e embasados para o desenvolvimento de estratégias que visem à desconstrução dos estereótipos prejudiciais e à promoção de uma representação mais fiel e respeitosa da diversidade sexual e de gênero. Ao explorar essa temática com rigor científico e engajamento emocional, almeja-se despertar a consciência coletiva e estimular ações efetivas na luta por uma sociedade justa e igualitária para todos.

O cinema, em sua estética, tem, historicamente, retratado a questão LGBTI+ de forma distorcida, transformando-a em uma caricatura grotesca, assexuada, cômica ou marginalizada. Ao analisar os filmes pesquisados, percebe-se uma tendência a um tratamento exagerado de gestos e comportamentos, chegando até mesmo a uma espécie de espetacularização desses personagens. Essa representação contribui para a perpetuação de estereótipos e a marginalização, fortalecendo as vozes conservadoras que combatem o ativismo e, sobretudo, o “ativismo” (uso da arte como ferramenta de ativismo).

É fundamental refletir sobre esse cenário e buscar uma transformação. O cinema, como uma forma poderosa de expressão artística e narrativa, tem o potencial de criar obras que abordem a diversidade e a complexidade da experiência LGBTI+ de maneira autêntica e emocionante.

Ao romper com a visão estereotipada e caricatural, é possível estabelecer uma nova narrativa que promova a inclusão e a representatividade. Logo, com a ajuda de personagens multifacetados, histórias envolventes e diálogos ricos, o cinema pode contribuir para a desconstrução de preconceitos e a ampliação da compreensão das diferentes identidades de gênero e orientações sexuais.

Além disso, é importante reconhecer o papel do ativismo e do “ativismo” na luta pelos direitos LGBTI+. A arte, quando utilizada como uma ferramenta de expressão e conscientização, tem o poder de impactar as percepções e emoções do público, estimulando a empatia e a reflexão crítica.

A intolerância da sociedade é uma realidade cíclica e ininterrupta. Dentro do imaginário popular, a percepção generalizada associa os indivíduos LGBTI+ como os nefastos “agentes do mal”. Tal concepção baseia-se na ideia de que a convivência torna-se cada vez mais problemática à medida que a desigualdade se intensifica. No entanto, a verdade é que a igualdade de gênero é uma quimera inalcançável, e a associação do feminino com a fragilidade e a submissão, tão arraigadas no senso comum, apenas serve para justificar os preconceitos enraizados.

3 QUEM REALIZA AS PESQUISAS TRANS NO CINEMA?

Durante o processo das disciplinas realizadas, empenhei-me em buscar novas referências autorais e perspectivas provenientes de pesquisas próximas ao campo de estudo que escolhi abordar: “Impressões de personagens transgênero no cinema brasileiro”¹⁰. O propósito desta pesquisa é explorar, por meio do olhar de pessoas transgênero, a maneira como elas são retratadas no cinema nacional. Para isso, é necessário compreender como esses personagens têm sido tratados desde os primórdios da cinematografia, a fim de estabelecer um ponto de comparação e analisar a capacidade da cultura visual como ferramenta na relação entre arte e indivíduo.

No decorrer da busca por referências, ficou evidente que se trata de um tema pouco difundido e pouco explorado. São escassas as pesquisas que discutem a narrativa da transexualidade no âmbito audiovisual. A representação e a visibilidade da comunidade LGBTI+ no cinema brasileiro ainda são limitadas, demandando-se maior espaço e

¹⁰ O documentário pode ser acessado pelo link: <https://drive.google.com/file/d/1rEBRipoFSbidwrYk0K-KcQyJ9GsbM4D8/view?usp=drivesdk>

oportunidades. Essa constatação se repetiu em todas as obras analisadas.

Um projeto bastante interessante e que promove uma organicidade de produções é o Tela Trans, estabelecido em 2021, uma plataforma *on-line* cujo objetivo é formar um registro abrangente do cinema dirigido por indivíduos trans no Brasil, desde os primeiros registros conhecidos até as produções mais recentes.

Este portal, além de disponibilizar a maior parte destes filmes para o público em geral e especializado – curadorus, pesquisadorus, produtorus -, também apresenta os perfis profissionais das pessoas que dirigiram os projetos aqui listados a fim de apresentá-las para possíveis contratantes. Para além de mapear as realizações destas mulheres e homens trans, travestis e pessoas não binárias, o Tela Trans faz um levantamento refinado quanto às regiões geográficas, gênero cinematográfico, carreira e outras informações refinadas acerca destes filmes e pessoas a fim de criar dados importantes e inéditos sobre as condições de realização cinematográfica da população trans brasileira (Tela Trans, 2023).

O Tela Trans é extremamente necessário para que possamos entender os parâmetros dos futuros diretores e diretoras transgênero no Brasil e sua produção. São 35 cineastas como Lu Hiroshi, que inclusive ganhou troféus com seu primeiro filme no DIGO Festival, em 2017, está finalizando um longa-metragem, entre outros. O interessante é que o *site*, também, contabiliza pessoas não-binárias¹¹, que são pessoas que não se sentem pertencentes ao gênero masculino ou ao feminino.

Figura 15 – Diretor Lu Hiroshi no I DIGO Festival (2016) em Goiânia



Fonte: Divulgação

¹¹ VALLE, Leonardo. O que é ser não-binário? **Instituto Claro**, 2023. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/cidadania/nossas-novidades/reportagens/o-que-e-ser-nao-binario/>. Acesso em: Nov. 2024.

O grande agravante é uma agenda política que não é construída por pessoas transgênero no meio acadêmico. O movimento ainda é ínfimo e carente de referências. O processo de pesquisa de obras relacionadas ao tema revelou-se altamente produtivo, permitindo-me compreender como a interseção entre cinema e sexualidade é tratada, tanto no Brasil quanto no mundo, porém, sem protagonismo transgênero.

Entre as descobertas, destacam-se algumas dissertações sobre corpos transgênero no cinema brasileiro: “Entre a repulsa e o fascínio – o corpo trans no cinema brasileiro”, de Luis Henrique de Jesus Martins, da Universidade Federal Fluminense; “Corpos (trans) formados no cinema”, apresentada por Caio Ramos da Silva como requisito para a obtenção do título de mestre na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; a tese de doutorado “Cinema LGBTQ exibido no Brasil: discursos, temáticas e tendências”, de Carlos Frederico Bustamante Pontes, da Universidade Federal de Santa Catarina; e “Transexualidade, Cinema e Linguagem: Dialogando com Kátia”, de Cássia Rodrigues Gonçalves da Universidade Católica de Pelotas.

Qual foi o desenvolvimento dessas pesquisas e quais são as impressões resultantes sobre a representação de corpos divergentes no audiovisual brasileiro?

3.1 Pesquisas sobre o corpo transgênero no cinema

Luis Henrique de Jesus Martins, na dissertação “Entre a repulsa e o fascínio – o corpo trans no cinema brasileiro”, apresenta uma busca em explorar a presença dos corpos trans no contexto cinematográfico brasileiro. Por meio de um mapeamento minucioso de longas- metragens nacionais que apresentam personagens travestis, transexuais e outras identidades de gênero, o autor proporciona uma análise histórica e crítica que se destaca pela qualidade excepcional em retratar a diversidade corpórea de forma abrangente.

Dentre as diversas contribuições presentes nesse trabalho, destaca-se a figura de Jorge Leite Jr., cujas pesquisas pioneiras abriram novos caminhos para o estudo desse tema relevante. O autor, por meio de sua análise detalhada e engajada, lança luz sobre a necessidade de ampliar a visibilidade e o reconhecimento dos corpos trans no cinema brasileiro, desafiando concepções preconceituosas e promovendo um diálogo acadêmico de extrema importância.

A centralidade desta pesquisa está na ideia de categorias trans percebidas como corpos monstruosos, como proposta por Jorge Leite Jr. Um dos objetivos desta pesquisa foi analisar alguma recorrência deste conceito na nossa cinematografia, o que pôde ser confirmado através de uma análise do mapeamento realizado. Outro objetivo foi investigar a construção dessa monstruosidade cenicamente através da análise de três filmes de um período em que se percebe que a representação destas categorias como corpos monstruosos foi mais significativa, comparando-a com um outro contexto histórico onde havia uma maior diversidade de olhares sobre elas. Obviamente, a pesquisa possui algumas limitações devido ao recorte da mesma (Martins, 2017, p. 130).

É necessário refletir sobre a complexidade da representação cinematográfica dos corpos trans, assim como sobre os desafios e as possibilidades de construir um cinema inclusivo, capaz de retratar, de forma respeitosa e autêntica, as diversas identidades de gênero presentes na sociedade. E há, ainda, a questão da monstruosidade atribuída aos corpos diversos, frequentemente vistos pela sociedade como não humanos ou sub-humanos, invisibilizados e marginalizados. No entanto, mesmo diante dessa repulsa, existe um fascínio intrínseco à nossa cultura.

Da mesma forma, se as linhas nas medicinas, psicanálises e mídias que tratam do tema da transexualidade são várias, por que as pessoas transexuais têm que ser uma? Vemos, então, como a nomeação de comportamentos, identidades, desejos ou corpos como «portadores» de complexas doenças ou simples transtornos é menos uma descrição de variações humanas do que uma hierarquização política de graus de humanidade (Leite Jr., 2011, p. 181).

Martins (2017) percebe a necessidade de incentivar a inclusão de pessoas trans na produção audiovisual, proporcionando-lhes protagonismo e autonomia para criar suas próprias histórias, de acordo com suas próprias vivências. A diversidade de perspectivas só será alcançada de fato quando houver diversidade naqueles que produzem essas perspectivas. Isso é algo evidente e que ainda é consistente no dia de hoje. Não se encontrou nenhuma pesquisa que se adentrasse no mapeamento de filmes e análises contemporâneas para aprofundar esses questionamentos.

Caio Ramos da Silva, em “Corpos (trans) formados no cinema”, tem como objetivo central a observação minuciosa de como os elementos narrativos e formais do cinema, ao longo de sua história, têm dado origem a corpos trans. Essa pesquisa revelou-se essencial para compreendermos que, embora tenha havido uma ampliação recente na produção, essa ainda ocorre de forma tímida, ressaltando-se a necessidade urgente de ampliar os espaços

de discussão e reflexão acerca dessa temática, especialmente no âmbito da educação e do cinema.

O texto em questão ressalta a importância de novas pesquisas e parâmetros reais que possam desafiar a hegemonia midiática e cinematográfica, como mencionado por Silva (2018, p. 12): “Em relação à pesquisa sobre essa temática, é importante comentar que se trata de um cruzamento de questões ainda pouco trabalhadas”. Nesse contexto, Silva (2018) percebe a relevância de se buscar informações que não apenas aumentem o conhecimento sobre essas questões, mas também compreendam as lógicas assimétricas presentes, permitindo que os corpos trans sejam encarados como uma ruptura, uma possibilidade de estabelecer novos significados e ressignificações.

A cultura visual desempenha um papel fundamental em todas as disciplinas que exploram a visualidade da cultura contemporânea. Observar o registro histórico cinematográfico é experimentar um exemplo claro de como a cultura visual pode ser utilizada como uma poderosa forma de denúncia. Acompanhar esse processo de transição do papel de espectador para o campo dos estudos visuais representa uma valiosa oportunidade de compreensão de uma determinada época, seus valores e desafios. Pegoraro (2011) enfatiza a importância e o impacto das práticas visuais na evolução da compreensão simbólica humana. A visualidade e a visibilidade desempenham um papel significativo na formação de nossa compreensão do mundo, influenciando não apenas a maneira como observamos as coisas, mas também como agimos em resposta a essas percepções e ao papel da visão na construção do conhecimento e das práticas cotidianas. “Os estudos visuais questionam como e por que as práticas de ver (visualidade e visibilidade) têm transformado nosso universo de compreensão simbólica, nossas práticas de olhar, nossas maneiras de ver e fazer” (Pegoraro, 2011, p. 45).

A busca foi empreendida com o intuito de compreender de que forma a linguagem cinematográfica, enquanto veículo de discursos, enuncia a transgeneridade, sempre suscitando uma reflexão acerca da generalização e da (má) representação. Neste sentido, reitera-se a necessidade de aprofundamento no tema, respaldando-se nas palavras de Lopes (2006), que sustenta a importância das pesquisas de mapeamento nos primeiros estudos de campos pouco explorados, sobretudo aqueles que tangenciam a intersecção entre minorias e produções estéticas e artísticas.

Um aspecto cativante da presente pesquisa reside na indispensabilidade de uma abordagem pós-identitária e crítica quanto à representação do desenvolvimento. Isso

assegurou que o estudo não se restringisse meramente à marginalização da personagem transgênero como elemento primordial, mas também contemplasse as relações de poder que normatizam os corpos. No entanto, observa-se, a meu ver, uma convergência de tragédias presentes em todos os filmes analisados pelo autor.

O conceito de “biopoder”, apontado como uma expressão reveladora, revela-se insuficiente para atenuar as violências sofridas nas narrativas cinematográficas voltadas à comunidade LGBTI+, sobretudo no contexto do cinema brasileiro.

O filme *Agreste* (2023) destaca uma questão relevante relacionada à representação de personagens trans. A escolha de um ator cisgênero para interpretar o protagonista trans, Etevaldo, sem a realização de testes com atrizes trans disponíveis para o papel, levanta preocupações sobre a autenticidade e inclusão na produção cinematográfica.

Figura 16 – A atriz Badu Morais e Aury Porto representando um homem trans



Fonte: Internet <https://www.agrestefilme.com/>

A falta de consideração para a escalção de um ator transgênero para o papel de um personagem trans é um ponto crítico, especialmente em um momento em que a indústria cinematográfica busca uma representação mais autêntica e inclusiva. A utilização de atores cisgêneros para papéis trans, conhecidos como *transfake*, pode ser interpretada como uma perpetuação da marginalização e exclusão de talentos trans no cenário cinematográfico.

O diretor Sérgio Rozenblit e a equipe responsável pelo filme poderiam ter desempenhado um papel fundamental na promoção da diversidade e inclusão, escolhendo atores que realmente representassem a identidade do personagem. Isso não apenas contribuiria para uma narrativa mais autêntica, mas também abriria portas para oportunidades e visibilidade para artistas trans na indústria do cinema.

A decisão de escalar um ator cis para um papel trans pode prejudicar a recepção do filme, pois a falta de autenticidade na representação pode afetar a credibilidade da obra e alienar parte do público, especialmente aqueles que valorizam a representação fiel e inclusiva.

É urgente entender a importância de analisar cuidadosamente as escolhas de elenco e reconhecer a necessidade de oportunidades justas e representação autêntica para comunidades historicamente marginalizadas, como a comunidade transgênero. Essas considerações são cruciais para promover uma narrativa cinematográfica mais inclusiva, que respeite e celebre a diversidade de experiências humanas.

Manter a não oportunização da diversidade alimenta a representação do pensamento ultraconservador e assassino presente na história do cinema brasileiro e revela uma dura realidade contemporânea: o Brasil é, indiscutivelmente, o país com o maior índice de assassinatos de pessoas LGBTI+ em todo o mundo. O mais recente relatório do Observatório de Pessoas Trans Assassinadas (TGEU, 2022) documentou um alarmante total de 1.741 assassinatos ocorridos nos últimos 13 anos, apenas por conta da existência desses indivíduos.

No entanto, é importante ressaltar que esses números estão longe de refletir toda a extensão do problema. O Brasil também se destaca pela subnotificação de mortes e pela perpetuação de estigmas contra a comunidade LGBTI+, como aponta o Observatório de Política Externa Brasileira – OPEB, em um artigo publicado no site *Brasil de Fato*, em 2021 (Pimentel *et al.*, 2021).

Quando se considera que se vive em um país permeado pela LGBTfobia, onde agressões e mortes, muitas vezes, não são registradas em delegacias por vergonha dos familiares, negação dos registros policiais, falta de interesse nas investigações, falta de recursos adequados e outras circunstâncias que dificultam a obtenção de um número real, a magnitude do problema se torna ainda mais assustadora.

De acordo com Silva (2018, p. 154), a simples expressão da transgeneridade já é considerada perturbadora pela matriz heteronormativa e pelos conceitos tradicionais de gênero. Essa situação fica evidente quando se analisa o privilégio acadêmico, o qual, infelizmente, não se estende às pessoas transexuais que desejam pesquisar e compartilhar suas experiências de vida.

O estudo de Carlos Frederico Bustamante Pontes é uma valiosa contribuição para o campo acadêmico. Ao examinar as noções hegemônicas presentes nas representações

cinematográficas, o autor lança luz sobre as questões mais profundas que envolvem a comunidade LGBTI+, destacando a importância da arte e do cinema como agentes de transformação social e cultural.

Assim, necessitamos falar disso agora, pois os discursos de ódio de diferentes ordens continuam a grassar nas sociedades, e em particular na nossa atualmente em virtude da modificação da ordem política estatal, e ase expandir (embora, felizmente, haja também forças individuais e sociais contrárias a eles). Disfarçados de piadas aparentemente inofensivas presentes nas comédias e/ou nas situações dramáticas das tramas filmicas, os discursos preconceituosos, excludentes e discriminatórios de muitas formas continuam a existir de maneira a não favorecer que efetivas mudanças se realizem. Esta tese teve o intuito de contribuir para a denúncia deste estado de coisas no cinema e sua reverberação na realidade (Pontes, 2018, p. 329).

A maioria dos discursos fílmicos, analisados e exibidos no Brasil desde a década de 1980, revela, em algum momento, uma perspectiva negativa e prejudicial acerca das questões relacionadas às identidades LGBTI+. Não foi encontrada, portanto, uma versão otimista e mais positiva da história da diversidade no cinema.

De acordo com Mitchell (2006, p. 8), “A tarefa social da cultura visual é exercer uma crítica sem recorrer ao iconoclasmo”, ou seja, a cultura visual desenvolve a reflexão crítica, direcionando-se menos aos significados das imagens ou dos meios e mais às práticas cotidianas de ver e mostrar. O caminho a ser percorrido consiste na construção de diálogos e na abertura de novas possibilidades. É essencial adotar uma subjetivação positiva, com a liberdade de expressão como arma contra o fascismo, utilizando-a como uma linha de fuga que escapa aos processos de sujeição.

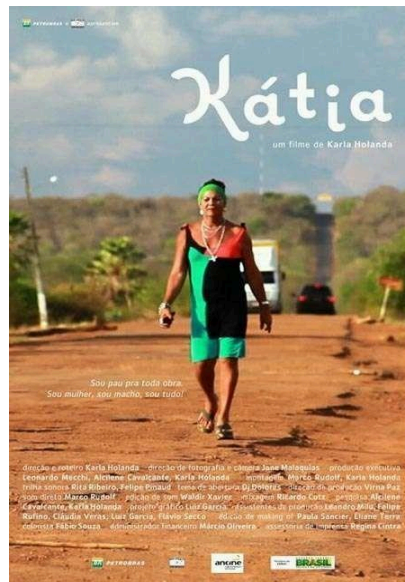
Cássia Rodrigues Gonçalves, em seus estudos apresentados em “Transexualidade, Cinema e Linguagem: Dialogando com Kátia”, questiona ao analisar o filme *Kátia*, sobre a primeira transexual eleita a cargo político no Brasil. O feminismo desempenhou um papel fundamental no questionamento da “biologicidade” das identidades de gênero, ou seja, dos papéis sociais associados a cada gênero. Isso trouxe à luz a importância da subjetividade e da identificação como processos moldados pela construção social, conforme destacado por Hall (2011).

A expressão emblemática “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, presente na obra “O Segundo Sexo: fatos e mitos”, de Simone de Beauvoir, ilustra claramente essa perspectiva. O que traz a necessidade de romper com os parâmetros heterossexistas dentro

do círculo do poder. A cultura desempenha um papel crucial na definição dos padrões sociais corporais, e aqueles que não se enquadram nesses padrões são frequentemente estigmatizados pela sociedade.

O filme *Kátia*¹², disponível no YouTube, dirigido por Karla Holanda e analisado por Cássia, apresenta uma narrativa que exemplifica a força e perseverança da identidade transgênero, destacando o desafio de ser “considerada”. Isso se deve à invisibilidade que o Brasil, como um país extenso, muitas vezes, atribui a essas questões, embora tenha sido possível que pessoas trans ocupassem cargos políticos no Brasil em algum momento.

Figura 17 – Pôster do filme *Kátia*, de Karla Holanda



Fonte: Internet <https://culturacristalina.wordpress.com/2014/12/02/documentariokatia/>

O importante é entender que, mesmo sendo dirigido por uma mulher cisgênero, a obra consegue já quebrar uns paradigmas relacionados à produção cis masculina. A forma como é exibida a vida de Kátia Tapety no seu dia a dia em meio a adversidades de não compreensão da sua condição em sua totalidade, mesmo com gravações não naturalistas, refletem a realidade. O olhar feminino faz toda a diferença no contexto da temática.

Do mesmo modo como foi bastante difícil dar início a este texto, é um tanto complicado tentar finalizá-lo. Para começar, acredito que Kátia faça parte do rol de filmes que, segundo Adelman (2005), promovem a ruptura de códigos estigmatizados, na medida em que é dirigido por uma mulher e sua temática é referente às mulheres que procura dar voz, visibilidade e legitimidade às mulheres, neste documentário especificamente às mulheres trans* (Gonçalves, 2017, p. 72).

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aQok38s7mMA>. Acesso em: 10. Dez. de 2023.

Por meio da política e da conquista da população com sua perseverança em lutar pelos direitos, como mãe e empreendedora, Kátia venceu a exclusão imposta por sua família tradicional na cidade, com foco principal na ajuda do público em geral. Graças a sua trajetória, foi criada a Escola de Formação Política Kátia Tapety. Hoje, temos mulheres travestis e transexuais na política brasileira, como Duda Salabert e Dandara. E, como um exemplo notável, a figura da deputada federal Erika Hilton, que se tornou uma defensora destacada das pessoas trans no cenário político nacional.

É necessária uma maior quantidade de pesquisadores engajados em buscar dados e desenvolver investigações socioculturais de maneira séria e efetiva. A produção cultural, por meio do audiovisual, e todas as suas manifestações, possui um potencial significativo para contribuir com a conscientização e a educação, a fim de fomentar um debate franco entre o poder público e a população acerca da indispensabilidade de se respeitar a orientação sexual alheia.

Portanto, é fundamental continuar a questionar e a refletir sobre essa realidade, mantendo a discussão aberta e intensificando-a, tanto na mídia quanto no cotidiano. É imprescindível que haja visibilidade e verdade nesse processo.

Na minha pesquisa, há um diferencial significativo em relação àquela desenvolvida pelos outros autores cisgêneros: a oportunidade de realizar uma pesquisa qualitativa prática por meio de entrevistas com pessoas transexuais, o que permite retratar de forma concreta e autêntica os sentimentos relacionados ao tratamento de personagens transgênero no cinema brasileiro com um produto final.

Quando discutimos a representatividade na cultura visual, especialmente no contexto de gênero e sexualidade, é importante considerar as reflexões de Guaraci Lopes Louro em sua obra *Gênero, Sexualidade e Educação*. Louro aborda a importância crucial das imagens e representações visuais na construção de significados e na influência da maneira como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor.

Na cultura visual, a representatividade desempenha um papel vital na promoção da diversidade e inclusão. Ao abordar a representatividade de grupos historicamente marginalizados, como pessoas transgênero, por exemplo, é fundamental pensar em como essas representações impactam a percepção social e a construção de identidades. Louro provavelmente destaca a relevância de uma representação autêntica e respeitosa, que vai além de estereótipos e preconceitos, para garantir que essas imagens não apenas reflitam a

diversidade humana, mas também promovam a igualdade e a aceitação.

Além disso, as discussões de Louro sobre cultura visual podem ressaltar a importância de considerar o contexto social, político e histórico em que essas representações são produzidas e consumidas. A análise crítica das imagens presentes na cultura visual, à luz dos estudos de gênero e sexualidade, pode revelar como as narrativas visuais constroem normas, ideais e identidades, influenciando as percepções individuais e coletivas.

Se pretendemos ultrapassar as questões e as caracterizações dicotomizadas, precisamos reconhecer que muitas das observações – do senso comum ou provenientes de estudos e pesquisas – se baseiam em concepções ou em teorias que supõem dois universos opostos: o masculino e o feminino. Também aqui é evidente que a matriz que rege essa dicotomia é, sob o ponto de vista da sexualidade, restritamente heterossexual. Como uma consequência, todos os sujeitos e comportamentos ⁷⁶ que não se “enquadrem” dentro dessa lógica ou não são percebidos ou são tratados como problemas e desvios (Louro, 1997, p. 76/77).

Assim, ao refletir sobre a representatividade na cultura visual somos desafiados a questionar e reinterpretar as imagens que nos cercam, a fim de promover uma representação mais diversa, inclusiva e empática na sociedade e na mídia.

Ao se apoiar a diversidade e exercer o direito ao voto de forma consciente, quebram-se, enfim, de forma coletiva e solidária, paradigmas por meio da transformação social e cultural, pondo fim a um ciclo que perdurou por muito tempo. Por novos olhares e entendimentos sobre as experiências e vivências trans, é possível romper as barreiras impostas pelo cinema hegemônico e proporcionar uma representação mais justa e plural para todos os corpos na tela. Os corpos, gêneros e orientações sexuais são elementos intrínsecos à identidade, moldando-a de maneira singular. A maneira de se expressar no contexto social em que se está inserido influencia diretamente a relação com a sociedade.

A tradição do pensamento político-ocidental sempre aderiu a uma visão simplista e restritiva do poder, ancorada na suposta supremacia da estrutura familiar em todos os aspectos, inclusive no âmbito cultural. Diante disso, surge a necessidade de se adotar perspectivas que abracem as múltiplas experiências transgênero, contribuindo para que os direitos desses corpos sejam reconhecidos e rompam com as amarras visuais que existem para perpetuar a autoridade autocrática.

O livro *Ditaduras e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade* (Cowan, 2015) apresenta a perspectiva de que a visão de subversão de gênero precede à Segunda Guerra Mundial.

Preocupações para com a homossexualidade e a segurança nacional vieram à tona muito antes de 1964, quando autoridades policiais, médicas, legais e políticas procuraram patologizar e controlar a homossexualidade como uma prática perigosa, secreta, degenerativa, e ligada ao gênero; uma prática que estas autoridades associaram, imprecisamente, com a subversão e a (in) segurança nacional (Cowan, 2015, p. 30).

A sociedade, infelizmente, é marcada por um ciclo de intolerância, e a luta pela igualdade de direitos continua. No imaginário popular, ainda persiste a percepção equivocada de que as pessoas transgênero são os “agentes do mal”. Essa associação deturpada é alimentada pela desigualdade existente, que tende a corroer as relações sociais. No entanto, é importante ressaltar que a igualdade de gênero é uma ideia que não encontra espaço no senso comum. A associação do feminino com fragilidade ou submissão serve apenas para justificar preconceitos, como defende a filósofa americana Judith Butler: “Nesse caso, não é a biologia, mas a cultura que se torna o fator determinante” (Butler, 2003, p. 26).

Judith Butler introduziu o conceito de performatividade de gênero em sua obra *Gender Trouble* (1990), argumentando que o gênero não é algo que alguém “é”, mas algo que alguém “faz” repetidamente por meio de performances sociais. Essa repetição de atos e discursos cria a ilusão de um gênero fixo e natural.

No audiovisual, essas performances influenciam como o público percebe as identidades de gênero. Representações estereotipadas de pessoas trans reforçam normas de gênero hegemônicas e perpetuam preconceitos, enquanto representações diversas e autênticas podem desafiar essas normas e promover a realidade.

Em *Undoing Gender* (2004), Butler discute como indivíduos que desafiam normas de gênero enfrentam violência simbólica e material. Isso pode ser aplicado às representações de pessoas trans no audiovisual, onde estereótipos e caricaturas podem contribuir para a desumanização e marginalização.

A documentação dessas percepções e narrativas possibilitará um registro profundo das reflexões passadas, presentes e futuras, enriquecido por uma gama de emoções e memórias afetivas. Desse modo, o tema é trazido à tona, como defendido por Steffen (2016), em sua obra *O cinema que ousa dizer seu nome*. O autor reflete sobre a importância de uma nova perspectiva nos registros cinematográficos, ampliando o olhar e abrindo espaço para vozes marginalizadas.

[...] para que as diversas expressões das sexualidades possam ser refletidas nas telas, sem amarras, sem repressões, sem vergonha de dizer seu nome, de expor seus corpos, de manifestar seus desejos, de celebrar o prazer de afirmar. Com a liberdade que merecem, enfim. O cinema tem papel fundamental nessa batalha (Steffen, 2016, p.13).

O pesquisador em cultura visual assemelha-se a um guerreiro engajado em uma batalha constante, conduzindo múltiplos procedimentos de enfrentamento, escapando de rótulos e receitas metodológicas e surpreendendo o adversário com sua força, conhecimento, disposição e coragem. É preciso transcender o estado de subordinação, rejeitando a domesticação dos sentidos e lutando contra o panoptismo e o poder disciplinador. A conscientização é essencial para a libertação dos indivíduos, capacitando-os como agentes críticos conscientes de seu papel na busca por uma sociedade igualitária que valorize a liberdade e promova a educação e a consciência. Nesse sentido, como educadores, somos inerentemente políticos. É necessário uma revolução.

A resposta reside na possibilidade de, finalmente, erradicar-se o tempo de perseguição aos indivíduos divergentes. A contribuição no combate à violência e à ignorância pode ser feita por meio de ações simples, como reivindicar políticas públicas de inclusão, corrigir expressões preconceituosas e, sobretudo, apoiar iniciativas LGBTI+, tanto como artistas quanto como pesquisadores, utilizando o diálogo como ferramenta por meio da cultura visual. Não podemos nos manter silenciosos, e é essencial cobrar e denunciar situações que envolvam a violência simbólica contra corpos divergentes. Precisamos de pesquisadores diversos e fora do padrão cisgênero.¹³

¹³ Pessoas que se identificam, em todos os aspectos, com o seu "gênero de nascença". Disponível em: <https://www.significados.com.br/cisgenero/>. Acesso em: Nov. 2023

4 A RELEVÂNCIA DESTA INVESTIGAÇÃO PARA O CORPO TRANSGÊNERO E SUA REPRESENTAÇÃO NA INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA

No contexto da construção da imagem, da cultura e do cinema, foi conduzida uma pesquisa aplicada que mergulhou nas vivências de indivíduos brasileiros com identidades transgênero. Esses participantes, sejam eles de identidades binárias ou não binárias, autodefinem-se como heterossexuais, homossexuais, bissexuais ou assexuais.

Essa pesquisa teve como objetivo principal elaborar um roteiro que capturasse as percepções, memórias e os sentimentos dessas pessoas em relação à representação de personagens trans no cinema brasileiro.

A abordagem adotada neste estudo levou em consideração a importância da diversidade sexual e de gênero, buscando compreender as nuances e complexidades presentes na experiência transgênero. Destarte, pelas entrevistas realizadas, foram reveladas reflexões profundas e cruciais para a compreensão das representações no campo audiovisual.

Seguindo os registros de Moreno (2001), é evidente que muitas representações cinematográficas se baseiam em estereótipos, o que acaba limitando a visão e perpetuando preconceitos. Essas reflexões, portanto, são vitais para desvelar as distorções presentes nas obras audiovisuais e promover uma análise crítica do panorama atual.

[...] Dos filmes vistos (67 títulos), podemos extrair algumas ilações culturais e artísticas e fazer considerações sobre determinadas marcas específicas encontradas neles, tanto no discurso como na gestualidade. A maioria dos filmes, 62,68%, apresenta um enfoque pejorativo [...] (Moreno, 2001, p. 280).

Diante dessas constatações, é urgente repensar as representações no cinema brasileiro, dando voz e espaço para narrativas transgênero autênticas e empoderadoras. É necessário quebrar os padrões estabelecidos e construir um cenário audiovisual inclusivo, onde a multiplicidade de vivências e identidades seja genuinamente celebrada.

Ao desvelar a realidade das representações transgênero no cinema brasileiro, essa pesquisa convida a uma reflexão profunda sobre a importância de romper com estereótipos e construir uma indústria cinematográfica mais representativa e acolhedora. Somente assim, abrir-se-ão caminhos para uma sociedade mais justa, inclusiva e emocionalmente envolvente, onde todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero,

sintam-se plenamente aceitas e valorizadas.

Isso leva a refletir profundamente sobre o que a sociedade efetivamente absorveu em relação à representação cinematográfica, negligenciando a diversidade de narrativas, e como o senso comum e a imaginação popular perpetuaram a marginalização desses corpos excluídos.

Surgem questionamentos essenciais: até que ponto essas produções contribuíram para a formação de atitudes preconceituosas na sociedade? Qual a importância de ressignificar essas narrativas? Poder-se-ia, de alguma maneira, buscar uma reparação histórica, por meio da arte do cinema, para essas pessoas marginalizadas? Tais indagações conduzem à busca de parâmetros significativos para se compreender como o progresso dessas discussões pode alterar profundamente a perspectiva atual do mundo audiovisual.

A sociedade tem sido moldada e influenciada, em grande medida, pelas imagens e histórias consumidas no cinema. Os filmes têm o poder de criar e consolidar estereótipos, ao mesmo tempo em que podem desafiar e desconstruir preconceitos arraigados. É nesse contexto que surge a urgência de se questionar o que realmente se aprende sobre a representação no cinema e como esses aprendizados moldaram as percepções sobre diferentes grupos e identidades.

Ao longo da história do cinema, viu-se a repetição de narrativas simplistas e superficiais que marginalizam e estereotipam corpos e comunidades que não se encaixavam nos padrões dominantes. No entanto, à medida que a consciência social avança, é imperativo ressignificar essas narrativas e garantir a inclusão de todas as vozes e perspectivas na tela. É necessário romper com o ciclo vicioso de estereótipos prejudiciais e empoderar os grupos historicamente sub-representados, permitindo que suas histórias sejam contadas de forma autêntica e complexa.

O audiovisual pode desempenhar uma função crucial no contexto da reparação histórica. Ao proporcionar um espaço e visibilidade para as vozes anteriormente silenciadas e marginalizadas, o cinema pode se tornar um veículo fundamental para promover a compreensão, a empatia e, conseqüentemente, fomentar a transformação social. Um exemplo emblemático dessa dinâmica é observado na autorrepresentação de pessoas transgênero, notadamente figuras como Júlia Katharine e Danny Barbosa, que assumem papéis de destaque na direção de suas próprias produções cinematográficas. Esse método de empoderamento artístico surge como a abordagem singular capaz de reconfigurar as representações tradicionalmente estigmatizadas desses indivíduos na mídia audiovisual.

No filme *Tea for Two*, de 2019, a cineasta Júlia Katharine apresenta uma abordagem cinematográfica que destaca uma visão mais natural da sexualidade. O enredo gira em torno de Sílvia, uma cineasta de meia-idade que enfrenta uma crise em sua vida. Na mesma noite em que é surpreendida pela visita da ex-esposa, que a havia deixado alguns anos antes, Sílvia encontra outra mulher que a fascina.

A obra cinematográfica dirigida por Júlia Katharine destaca-se pela representação mais natural e autêntica das relações interpessoais, especialmente no que diz respeito à sexualidade. Ao adotar uma perspectiva única e profundamente humana, a diretora transmite uma mensagem que vai além dos estereótipos tradicionais, proporcionando uma representação mais rica e inclusiva das experiências relacionadas à diversidade sexual. Nesse contexto, *Tea for Two* emerge como uma contribuição significativa para a promoção da compreensão e aceitação das diversas expressões da sexualidade no âmbito cinematográfico.

Figura 18 – Julia Katharine e atrizes no curta *Tea for Two* (2019)



Fonte: Internet <https://www.imdb.com/title/tt10488692/>

Ressignificar as narrativas é mais do que apenas diversificar o elenco ou acrescentar personagens secundários representativos. Trata-se de ir além, de explorar as nuances, os desafios e as vitórias desses grupos, oferecendo representações autênticas e complexas que reflitam a realidade plural em que vivemos.

Danny Barbosa, ganhou o prêmio de melhor curta-metragem no Digo Festival com *Café com Rebu*, de 2020. Fruto do curso AudioTransVisual, aborda as adversidades enfrentadas pela população trans de baixa renda em decorrência da pandemia de COVID-19. Intitulado *Rebu*, o filme destaca as consequências impactantes da doença na vida da protagonista, interpretada por Danny Barbosa. A trama revela as mensagens

trocadas, a ansiedade pela obtenção de auxílio financeiro, e a vida em análise, que se torna uma espera cansativa e frustrante. O enredo também explora a volta ao passado da personagem e as dificuldades enfrentadas durante a pandemia, transformando o orgulho que ela tinha em seu trabalho em uma realidade desafiadora. A analogia com o esmalte “Rebu”, uma cor quente e impactante, reflete a intensidade das experiências vivenciadas pela protagonista diante das adversidades impostas pela crise sanitária.

Figura 19 – Danny Barbosa no set do seu curta *Café com Rebu* (2019)



Fonte: Internet <https://midianinja.org/news/digo-2021-lbt-no-audiovisual/>

O filme se destaca na construção cinematográfica por ser dirigido por uma pessoa trans. A identidade da diretora influencia a narrativa ao trazer autenticidade na representação, quebrar estereótipos, focar nas experiências trans e oferecer uma visão pessoal sobre identidade. Essa perspectiva única resulta em personagens mais complexos e uma abordagem crítica das adversidades enfrentadas pela comunidade trans, especialmente durante a pandemia. A obra reflete uma representação mais autêntica e inclusiva da identidade de gênero no contexto cinematográfico.

O cinema brasileiro, ao longo dos anos, tem oferecido diversas representações de identidades trans, algumas das quais têm sido alvo de crítica por perpetuar estereótipos, enquanto outras têm sido celebradas por sua autenticidade e sensibilidade.

Exemplo positivo: *Alice Júnior* (2019).

Figura 20 – Atriz Anne Celestino Mota em *Alice Júnior* (2019)

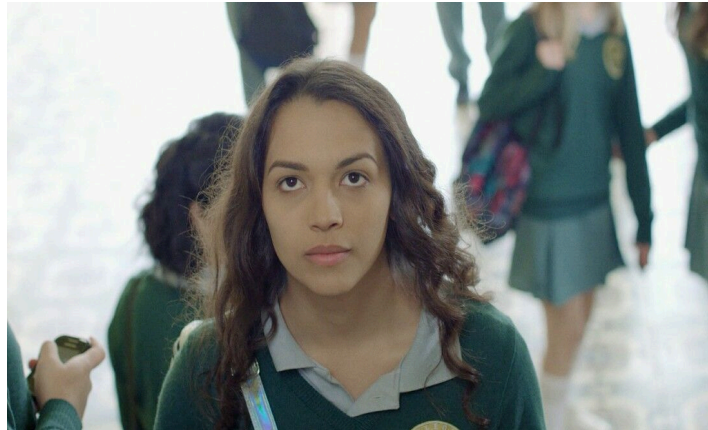


Foto: Olhar Distribuição/ Divulgação

Alice Júnior, dirigido por Gil Baroni, é um filme brasileiro que se destaca por sua representação sensível e autêntica de uma adolescente trans. A personagem principal, Alice, interpretada por Anne Celestino Mota, é apresentada de forma positiva e complexa, desafiando estereótipos comuns e proporcionando visibilidade para as experiências trans.

Exemplo negativo: *O Homem que Virou Suco* (1980).

Figura 21 – José Dumont em *O Homem que virou Suco* (1980)



Fonte: Internet https://www.imdb.com/title/tt0178585/?ref_=fn_al_tt_1

Alguns filmes brasileiros anteriores – como *O Homem que Virou Suco* (1980), de João Batista de Andrade, embora não centrado em uma personagem trans – abordam temas de marginalização e preconceito que podem ser extrapolados para entender as representações de pessoas trans no cinema. Filmes dessa época, de maneira geral, tinham uma abordagem mais problemática, frequentemente estereotipada ou desumanizadora.

Essa busca por uma perspectiva mais inclusiva e igualitária no audiovisual é uma jornada contínua que exige a colaboração de todos os envolvidos no processo de produção, desde roteiristas e diretores até os espectadores.

É preciso quebrar barreiras, questionar convenções e apoiar obras que desafiam as normas estabelecidas. Somente assim, será possível alcançar uma transformação genuína no imaginário coletivo e construir uma sociedade mais justa e representativa.

Portanto, ao se questionar sobre o que se aprende e como se pode evoluir na representação cinematográfica, abre-se caminho para uma nova era de possibilidades. O desafio é redefinir as narrativas, ampliar os horizontes e cultivar a diversidade como um valor essencial. Para isso, é necessário não perpetuar a representação de pessoas transgênero no cinema, como tem sido historicamente marcada por estereótipos, marginalização e inadequações.

É preciso uma análise crítica das narrativas atuais e examinar as representações tradicionais de pessoas trans no cinema, analisar como a marginalização das personagens transgênero impacta sua complexidade e profundidade, muitas vezes relegando-as a papéis secundários ou estigmatizados, explorar as inadequações nas narrativas que frequentemente restringem as experiências trans a uma única perspectiva, negligenciando a diversidade de vivências dentro da comunidade trans.

A evolução e redefinição de narrativas precisa acontecer por meio de novos prismas defendendo a incorporação de novas perspectivas na produção cinematográfica, incluindo a participação ativa de profissionais trans em todos os aspectos do processo criativo. Propor a ampliação dos horizontes temáticos para além das histórias de transição, explorando a multiplicidade de experiências e identidades dentro da comunidade transgênero. Explorar estratégias para quebrar estigmas associados à identidade trans, desafiando a visão tradicional e promovendo uma representação mais autêntica e respeitosa.

É importante reconhecer a diversidade como valor essencial com a inclusão de narrativas não-binárias, abarcando as identidades de gênero dentro da comunidade trans, e o principal é enfatizar a necessidade de envolver ativamente a comunidade trans em consultas e participação nas decisões criativas, assegurando uma representação autêntica e respeitosa.

Somente assim, vislumbrar-se-á um futuro em que o audiovisual seja uma ferramenta poderosa para a desconstrução de preconceitos, a promoção da igualdade e a celebração da rica tapeçaria humana.

Ao explorar a história de uma personagem transgênero, a obra audiovisual pretende lançar luz sobre as experiências vividas por essas pessoas, mostrando sua humanidade, suas lutas e suas conquistas por meio do despertar da consciência audiovisual. Quero que o público que tiver acesso ao projeto se envolva emocionalmente com essa narrativa, quebrando barreiras e superando estereótipos preconceituosos.

No âmbito do contexto apresentado, como desdobramento da pesquisa, foi concebido um produto audiovisual na forma de um documentário, que abre portas para a construção de novas narrativas e a desconstrução de estereótipos enraizados historicamente. As entrevistas realizadas com pessoas transgênero, que são apresentadas neste documentário, revelaram-se revolucionárias ao expor os conflitos enfrentados pelo meio audiovisual, bem como a escassez de memória visual e artística no que tange a essas pessoas.

5 DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: O DESAFIO DA REPRESENTAÇÃO TRANSGÊNERO NO CINEMA BRASILEIRO E A NECESSIDADE DE NARRATIVAS AUTÊNTICAS

Durante os últimos dois anos, empreendi uma jornada de pesquisa prática cujo objetivo era analisar e compreender de maneira profunda um fenômeno específico. Alicerçando-me na necessidade de assegurar a precisão e confiabilidade dos resultados obtidos, desenvolvi um plano de trabalho meticuloso. Este plano, minuciosamente elaborado, serviu como guia fundamental para conduzir uma investigação de alta qualidade, garantindo a coleta de dados ricos e detalhados.

A implementação da metodologia própria desenvolvida revelou-se essencial para extrair *insights* significativos. A aplicação rigorosa dessa abordagem específica proporcionou um panorama abrangente e, por vezes, surpreendente, do fenômeno estudado. Os resultados obtidos não apenas refletem a eficácia da metodologia empregada, mas também conduzem a uma compreensão profunda e reveladora por meio do registro audiovisual.

Destaca-se que os dados coletados não são apenas informativos, mas também conciliam a transcendência da arte com o padrão acadêmico. Eles se desdobram em um universo emocional e cativante, proporcionando uma visão enriquecedora do assunto em questão. Assim, os frutos colhidos por meio da pesquisa prática, não apenas contribuem para o avanço do conhecimento na área, mas também fornecem uma narrativa que se balisa, ao mesmo que transcende, pelas fronteiras do acadêmico.

Figura 22 – A primeira entrevistada, Leandra Gitana, atriz, cigana e *drag queen*



Fonte: elaboração própria (2023)

A presente investigação abrangeu o território brasileiro, inicialmente, concebida para ser realizada por meio de plataformas virtuais para transmissão *on-line* e entrevistas pessoais. Contudo, com o fim das restrições impostas pela pandemia, surgiu uma valiosa oportunidade de conduzir entrevistas presenciais com indivíduos transgênero nos estados de São Paulo e Goiás. Essa mudança permitiu um contato mais íntimo e enriquecedor com os participantes, proporcionando uma compreensão mais abrangente das experiências vivenciadas por eles.

As entrevistas para o documentário, conduzidas por mim como parte da pesquisa, foram realizadas com o aval e a avaliação do Comitê de Ética da UFG. Com o intuito de garantir uma seleção cuidadosa dos participantes, a curadoria foi baseada em um processo de chamamento direto. O período de realização das entrevistas abrangeu os meses de janeiro a julho de 2023, conforme detalhado na tabela abaixo.

Tabela 1 – Curadoria de entrevistados e entrevistadas – local e mês

Nome social e profissão	Local e mês
Leandra Gitana <i>Atriz e drag queen</i>	São Paulo - Janeiro
Katherine Lazar Terapeuta espiritual	São Paulo - Janeiro
Julia Katharine Diretora e atriz	São Paulo - Janeiro
Bernardo de Assis Diretor e ator	São Paulo - Janeiro
Gabriel Lodi Ator, dublador e transativista	São Paulo - Abril
Leona Jhovs Diretora, atriz e transfeminista	São Paulo - Abril
Camilla Miss <i>Atriz e Miss World Trans</i>	Goiânia - Junho
Brenda Oliveira Criador digital	Goiânia - Junho
Cristiany Beatriz Presidente Rede Trans GO	Goiânia - Julho
Rayanne Eduarda Estudante de Direito	Goiânia - Julho

Fonte: Termos de consentimento livre e esclarecido da pesquisa

Optei por alugar um estúdio no bairro da Liberdade, em São Paulo, tendo em vista sua proximidade com as comunidades LGBTI+, mais ligadas às questões culturais no Brasil. Esses dois aspectos se entrelaçam na vivência de muitas pessoas transgênero,

tornando esse local uma escolha estratégica para a realização de algumas entrevistas. Adicionalmente, conduzi entrevistas em um estúdio próprio, em Goiânia, uma cidade importante e diversa em termos de identidades de gênero, onde nasci, proporcionando uma oportunidade única de ampliar a compreensão sobre as experiências transgênero em diferentes contextos sociais e culturais.

Figura 23 – Camilla Miss Mundo – Bastidores gravações em Goiânia



Fonte: elaboração própria (2023)

No total, foram entrevistadas 10 pessoas transgênero, sendo seis em São Paulo e quatro em Goiás. Essa abrangência geográfica permitiu uma análise mais ampla e representativa das vivências dessa comunidade em diferentes regiões do país. Vale ressaltar que as pessoas selecionadas para participar das entrevistas apresentavam diversas trajetórias de vida, muitas delas com histórico no cinema e no teatro, o que acrescentou ainda mais profundidade aos relatos.

Figura 24 – Julia Katharine – Diretora de curtas-metragens e atriz de cinema



Fonte: elaboração própria (2023)

As entrevistas presenciais transcorreram em um ambiente de empatia e respeito, criando um espaço propício para que os participantes compartilhassem suas histórias e desafios pessoais. A ciência do meu envolvimento com o DIGO Festival, enquanto ativista cultural, proporcionou às pessoas entrevistadas um senso de conforto adicional. Esses relatos são fundamentais para a compreensão das sutilezas e complexidades da vivência transgênero no Brasil, contribuindo para uma análise aprofundada dos dados coletados.

Questionário (perguntas direcionadas):

1. Você se lembra da primeira ou do primeiro personagem transgênero que você assistiu no cinema nacional? Se sim. Como foi a experiência?
2. Você se lembra de algum personagem transgênero que você assistiu no cinema brasileiro? Se sim. Como foi a experiência? O que sentiu?
3. Como você acredita que os (as) personagens transgênero foram e são tratadas na narrativa dos filmes brasileiros?
4. Já assistiu a algum filme com um ou uma personagem transgênero em uma sala de cinema ou em público? Como foi a experiência?
5. Pode informar o nome de algum ator ou atriz transgênero no cinema brasileiro?
6. Conhece algum diretor ou diretora de filmes transgênero no cinema brasileiro?
7. Já assistiu a algum filme nacional onde o ou a personagem transgênero foi representada por uma pessoa transgênero? Se sim, como foi a experiência?

8. Já assistiu a algum filme nacional onde o ou a personagem *cis* foi representada por uma pessoa transgênero? Se sim, como foi a experiência?
9. Já assistiu a algum filme nacional onde o ou a personagem transgênero foi representada por uma pessoa *cis* não transgênero? Se sim, como foi a experiência?
10. Você acredita que há personagens transgênero suficientes nos enredos dos filmes nacionais? Consegue citar três exemplos?
11. Você acredita que há trabalhadores(as) transgênero, incluindo o elenco, suficientes na equipe dos filmes nacionais?
12. Você está satisfeito(a) com a forma como o ou a personagem transgênero é retratada no cinema brasileiro? Caso a resposta seja não: Como você gostaria que os ou as personagens transgênero fossem exibidas no cinema brasileiro?

Figura 25 - Bernardo de Assis – Diretor de curtas-metragens e ator de cinema e novelas



Fonte: elaboração própria (2023)

Desse modo, a realização das entrevistas presenciais conferiu uma dimensão emocional e uma riqueza de detalhes à pesquisa, aprimorando significativamente a compreensão sobre as questões enfrentadas pela comunidade transgênero. Os dados obtidos revelam não apenas as dificuldades enfrentadas, mas também as conquistas e a resiliência dessas pessoas, destacando a importância de políticas públicas e ações afirmativas para promover a inclusão e garantir direitos iguais para todos os cidadãos.

No decorrer das entrevistas, percebeu-se que apenas 40% das pessoas conseguem lembrar do primeiro personagem transgênero que viram no cinema nacional. A atriz Rogéria, conhecida como a “travesti da família brasileira”, que faleceu aos 74 anos, teve sua carreira destacada na TV e no cinema desde 1964. Embora tenha sido mencionada em uma das entrevistas, Camila Miss não conseguiu identificar o filme específico ao qual ela estava associada.

Rogéria, cujo nome de nascimento era Astolfo Barroso Pinto, nasceu em 23 de maio de 1943 e faleceu em 4 de setembro de 2017. Sua carreira foi marcada por uma trajetória multifacetada, atuando como atriz, cantora, performer e transformista. Reconhecida como uma figura icônica, Rogéria foi uma das primeiras personalidades transgênero a alcançar grande visibilidade e reconhecimento no Brasil. Essa contribuição significativa para a visibilidade transgênero no cenário artístico brasileiro é destacada por Paschoal (2016), evidenciando o impacto duradouro de sua presença na cultura brasileira.

A atriz desafiou estereótipos e preconceitos em uma época em que a visibilidade e aceitação de pessoas trans eram limitadas. Sua presença carismática e talento artístico contribuíram para abrir portas e inspirar outras pessoas trans a perseguirem suas aspirações na indústria do entretenimento. Além do seu impacto no cinema, Rogéria foi uma figura importante na luta pela igualdade de gênero no Brasil. Sua trajetória artística e engajamento social marcaram significativamente a história da visibilidade trans no país, já que ocupou o espaço como podia.

Figura 26 - Rogéria: atriz, cantora, vedete, ex-maquiadora, a travesti da família brasileira



Fonte: Internet

O ator Rodrigo Santoro foi mencionado três vezes por sua interpretação da personagem Lady Di em *Carandiru – O filme*¹⁴, dirigido por Hector Babenco, mas de maneira contundente, foi citado como um exemplo de *transfake*¹⁵, responsável pelo cancelamento da participação da atriz trans Thelma Lipp¹⁶. Essa substituição foi decisiva para uma depressão, já que a atriz se preparou por meses para o papel, conforme citado pelo entrevistado Gabriel Lodi.

De acordo com o site do MBRTV – Museu Brasileiro de Rádio e Televisão, Thelma Lipp foi modelo, atriz e jurada de TV, além de performista e transexual. No teatro, fez sucesso no espetáculo *O Casulo*, em 1986, e nessa mesma época estreou como jurada no programa *Clube do Bolinha*, na TV Bandeirantes, onde ficou por sete anos. Também atuou no Cinema na produção *Dores de Amor*, em 1987 e atuou na TV também no programa “*Spa Fantasia*” na TV Gazeta, em 2002. Thelma Lipp faleceu em 09 de novembro de 2004, aos 42 anos de idade, de insuficiência pulmonar.

É fascinante que a pesquisa sobre Thelma Lipp tenha levado à descoberta do documentário *Dores de Amor (Douleur D`amour)*, um trabalho suíço-brasileiro de 1987, que explora a travestilidade e a transexualidade nos anos 1980. Dirigido por Pierre-Alain Meier e Matthias Kälin, o documentário apresenta entrevistas com figuras proeminentes como Thelma Lipp, Condessa da Nostromundo, Andréia de Maio, Brenda Lee e Claudia Wonder. Descrito como emocionante e realista, o documentário destaca pessoas inteligentes e guerreiras, oferecendo acesso a um tesouro histórico através do YouTube.

Além disso, o diretor Pierre-Alain Meier, responsável por *Dores de Amor*, também dirigiu o filme norueguês *Thelma*, em 2001. Esse filme, estrelado pela atriz trans Pascale Ourbih, apresenta uma personagem inspirada na modelo e atriz brasileira, Telma Lipp. A trama do filme norueguês destaca uma personagem cheia de vida, alegre e confiante, proporcionando uma representação positiva e vibrante de uma mulher trans.

Essas descobertas ampliam ainda mais o entendimento sobre a influência e o impacto de Thelma Lipp na cultura cinematográfica, tanto no contexto brasileiro quanto internacional. A interconexão entre o documentário suíço-brasileiro e o filme norueguês evidencia a relevância duradoura da história e sua contribuição para a representação positiva de identidades trans no cinema.

¹⁴ Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-52585/>. Acesso em: 22. Dez. 2023.

¹⁵ Entenda o que é *transfake* e conheça 14 atores trans para para acompanhar e celebrar. Disponível em: <https://www.casaum.org/entenda-o-que-e-o-transfake-e-conheca-14-artistas-trans-para-acompanhar-e-celebrar/>. Acesso em: 20. Dez. 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://www.museudatv.com.br/biografia/thelma-lipp/>. Acesso em: 22. Nov. 2023.

Figura 27 - Thelma Lipp foi modelo, atriz e jurada de TV, além de performista e transexual



Fonte: MBRTV – Museu Brasileiro de Rádio e Televisão,
<https://www.museudatv.com.br/biografia/thelma-lipp/>

Há uma breve menção a Roberta Close em um filme de Ivan Cardoso, *O Escorpião Escarlata*, por parte da cineasta Julia Katharine. Roberta Close é uma modelo e atriz brasileira, nascida em 7 de dezembro de 1964. Ela ganhou notoriedade na década de 1980 e é conhecida por ter sido uma das primeiras modelos transexuais internacionalmente reconhecidas. Sua importância para a visibilidade trans no cinema brasileiro está relacionada à sua participação em filmes, especialmente em produções do cineasta Ivan Cardoso. Um dos filmes notáveis é *O Escorpião Escarlata* (1990), no qual Roberta Close interpretou o papel de Bruna Barnes. Essa participação contribuiu para a quebra de estereótipos e para a representação mais inclusiva de pessoas trans no cenário cinematográfico brasileiro.

Conforme Rito (1998), apesar de algumas controvérsias e sensacionalismo em torno da sua vida pessoal, Roberta Close teve um papel significativo ao abrir caminho para a visibilidade e aceitação de pessoas trans no Brasil, incluindo no âmbito cinematográfico, onde sua presença desafiou normas e preconceitos da época. Sua carreira e participação em filmes ajudaram a promover uma maior compreensão e aceitação da diversidade de identidades de gênero na sociedade brasileira.

Figura 28 - Roberta Close – atriz, socialite e ex-supermodelo, brasileira naturalizada suíça, como Brigitte, no filme *Escorpião Escarlate*” de Ivan Cardoso



Fonte: Tik Tok - <https://www.tiktok.com/@missgeorgequeen/video/7288507370035039493>

Às lembranças acerca do tratamento dado às personagens transgênero nas narrativas dos filmes brasileiros, as respostas expressaram um sentimento de tristeza e indignação. Isso se deve ao reconhecimento de que essas personagens, ao longo do tempo, foram consistentemente retratadas de maneira marginalizada ou negativa.

Nenhuma das pessoas entrevistadas recordou ter assistido a algum filme com uma personagem transgênero em uma sala de cinema ou em público. Destacou-se que essas personagens frequentemente são relegadas ao papel de alívio cômico e, muitas vezes, as narrativas não são contadas por indivíduos transgênero. Além disso, observou-se que, mesmo em papéis de atuação, os atores e atrizes trans são frequentemente limitados a pontas ou a papéis pouco representativos.

Katherine Lazar relata ter visto uma mulher trans ou travesti no cinema brasileiro; menciona dois personagens transgênero, um no filme *O Pai, Ó*, com Lázaro Ramos, e outro protagonizado por Lázaro Ramos, mas não recorda o nome do filme. A entrevistada expressa a necessidade de mais representatividade e participação de pessoas trans na construção de narrativas e roteiros.

Em todas as falas se discute a abordagem de personagens trans no cinema brasileiro, é criticada por estigmatizar e marginalizar, muitas vezes retratando-as como prostitutas ou envolvidas com drogas. Até se reconhece uma mudança positiva, atribuída à quantidade de informações disponíveis e a algumas iniciativas culturais que trazem personagens trans para o cinema e televisão, mas apesar das mudanças, as pessoas entrevistadas acreditam que a questão trans ainda é tratada de maneira superficial e que há muito a ser explorado

internamente.

Uma das dificuldades nas entrevistas foi a mistura de produções internacionais ou novelas na memória de cada pessoa entrevistada. Quando se refere a assistir a algum filme com personagem transgênero em uma sala de cinema, percebe-se então uma omissão e o entendimento de que há uma falta de filmes com personagens trans que tenham uma subjetividade mais profunda e não apenas existam como parte do enredo.

A cineasta Julia Katharine, uma das entrevistadas, menciona o documentário *Divinas Divas*, de Leandra Leal, como uma exceção, mas destaca que ainda faltam filmes como *Paloma*, de Marcelo Gomes, que apresentam protagonismo de pessoas transgênero, menciona um filme recente de Diogo Leite, dirigido por um homem cis, protagonizado por um homem trans negro, como uma importante visibilidade para essa comunidade. Com isso, observa-se que, geralmente, homens trans são mais invisibilizados no cinema, em comparação com mulheres trans e destaca a importância de filmes que representem corpos trans de maneira mais diversificada e autêntica.

Figura 29 – Ator Daniel Veiga no filme *Monstro*, de Diogo Leite



Crédito: Filmes de Mentira

Uma parte importante do questionário é saber junto às pessoas entrevistadas o nome de atores ou atrizes trans que atuam hoje no cinema brasileiro. Gabriel Lodi cita Walério Rui, Kikito, Leona Jhovs, e destaca Renata Carvalho como uma das atrizes mais incríveis da atualidade. Ele admira o trabalho de Renata Carvalho e destaca sua força revolucionária ao abrir caminhos, mesmo enfrentando desafios e violência. O entrevistado ressalta a importância de viver na mesma época que Renata Carvalho, destacando sua admiração pelo trabalho dela e a responsabilidade que ela assumiu neste momento histórico.

Figura 30: Renata Carvalho Atriz, roteirista, dramaturga, diretora



Foto de Naiara Demarco/Acervo pessoal Renata Carvalho

Atriz, roteirista, dramaturga, diretora, artista ativista pela representatividade trans no teatro, investiga em cena dimensões estéticas e políticas de vivências travestis na sociedade brasileira¹⁷. Tive a oportunidade de assistir à atuação de Renata no espetáculo *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*, escrito pela artista trans escocesa, Jo Clifford (1950), com direção de Natalia Mallo, e também falar diretamente com a mesma durante a Conferência Nacional de Cultura em Belo Horizonte. Considero que sua investigação sobre a corporeidade travesti é precursora, abrangendo os campos da literatura, história e jornalismo. Essa pesquisa constitui uma disciplina denominada “transpologia”, que se configura como uma forma de antropologia trans. Renata utiliza suas próprias experiências e as experiências coletivas para criar reflexões intelectuais, expressões estéticas e posicionamentos políticos. Essas contribuições formam narrativas que destacam a perspectiva dos corpos trans, validando suas presenças em contextos artísticos e sociais.

¹⁷ Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa565524/renata-carvalho>. Acesso em: 2. Dez. 2023.

Figura 31 - Com Renata Carvalho na 4ª. Conferência Nacional de Cultura LGBTQIA+, em Belo Horizonte



Fonte: elaboração própria (2024)

Meneses (2021), em seu artigo “Artivismo de gênero e mediação sociocultural no manifesto transpofágico de Renata Carvalho”, ressalta que esses artistas assumem papéis ativistas, tanto dentro quanto fora do palco, incorporando uma agenda que é simultaneamente estética e política, exemplificando a vida artística de Renata Carvalho, que se autodenomina “transpóloga”. Isso amplifica sua influência como mediadora sociocultural da transgeneridade.

As atuações como artista e como ativista se articulam em 2017, quando Renata funda, com outras artistas trans e travestis, o Movimento Nacional de Artistas Trans (Monart) e lança o Manifesto Representatividade Trans, que reivindica a inclusão dos corpos trans nos espaços de criação artística. O manifesto demandava que personagens trans no teatro e nas demais artes cênicas fossem interpretadas por atrizes/atores igualmente trans, que muitas vezes eram preteridos por atrizes e atores cisgênero até mesmo para esses papéis. Os resultados dessa demanda, embora tímidos, resultaram em maior presença de artistas trans em espetáculos, coletivos artísticos e produções dentro e fora do mainstream brasileiro (Meneses, 2021, p. 284-285).

O espetáculo *Manifesto Transpofágico* é escrito e representado pela atriz, que utiliza seu próprio corpo como meio de facilitar a compreensão da experiência da travestilidade para uma plateia composta majoritariamente por pessoas cisgênero, embora não totalmente alheias ou politicamente insensíveis aos desafios enfrentados pela comunidade travesti e

transgênero. Essa abordagem visa a estabelecer um diálogo com um público que, embora em sua maioria tenha sensibilidade política para as questões enfrentadas por essa comunidade, ainda carece de familiaridade com a vivência visceral dessas experiências.

Meneses conclui, após analisar todos os segmentos do espetáculo que, embora nas últimas décadas tenha havido um aparente avanço na aceitação das diversidades sexuais, essa aceitação não é uniforme em todos os segmentos da comunidade LGBTI+, especialmente no segmento T e seus subgrupos. Renata, por meio de suas experiências pessoais e coletivas, destaca os desafios de aceitação, restrições de direitos e violências ainda enfrentadas pela população travesti, transexual e transgênero. Ao compartilhar suas vivências no palco, ela oferece ao público a oportunidade de reflexão e um vislumbre mais profundo de sua realidade. Nesse contexto, a ideia de “ativismo” emerge como uma ferramenta de mediação sociocultural, buscando não apenas conscientizar, mas também acalmar os olhares cisgêneros.

A declaração de Linn da Quebrada na revista *Marie Claire*, resume, de maneira concisa, a urgência do ativismo e da luta pela dignidade humana no enfrentamento à transfobia. Ao afirmar que “nós travestis não podemos nos dar ao luxo de sentir medo, senão, não sairíamos de casa” (Rizzo, 2019, p. 1) destaca a necessidade vital de enfrentar os desafios diários impostos pela discriminação, sublinhando a importância de ações e ativismo para promover uma sociedade mais inclusiva e justa.

É crucial compreender que termos como “transfeminismo”, criado por Emi Koyama (2001), representam uma parte essencial da luta diária para mulheres transgênero que ocupam espaços na mídia. Em sua definição, o transfeminismo é “primordialmente, um movimento feito por e para mulheres trans que entendem que a sua liberação está intrinsecamente ligada à liberação de todas as mulheres, e além”. Essa terminologia é determinante para a existência e identidade dessas mulheres trans, destacando a interconexão entre sua libertação individual e a libertação de todas as mulheres.

Cada indivíduo tem o direito de definir suas próprias identidades e esperar que a sociedade as respeite. Isso também inclui o direito de expressar nosso gênero sem medo de discriminação ou violência. Em segundo lugar, temos que ter o direito exclusivo de tomar decisões sobre nossos próprios corpos, e que nenhuma autoridade política, média ou religiosa violará a integridade de nossos corpos contra nossa vontade ou impedir nossas decisões acerca do que fazemos com eles (Koyama, 2001, p. 2).

Renata Carvalho, no artigo “O corpo transvestigênera – o corpo travesti – na arte”, define muito bem a visão do corpo trans e travesti na nossa sociedade e no contexto da

cultura visual. O movimento intelectual e político se assemelha ao feminismo transgênero, ou transfeminismo, que é em prol da desconstrução e redefinição do entendimento entre gênero e biologia; a ênfase na natureza interseccional das opressões; o reconhecimento da história de resistência das travestis e mulheres transexuais, assim como das experiências pessoais da população transgênero em geral.

O corpo transvestigênera, talvez seja o único corpo, que é atacado público e diariamente por parte significativa da Igreja, pela mídia, pelo judiciário, pela medicina, pela arte e ninguém fala nada. Ninguém reclama. Podem fazer qualquer história, de qualquer forma e jeito, pode fazer qualquer vídeo tirando sarro, pode ser peça de teatro, livros, TCCs, mestrados, doutorados, canais no youtube, portais, biografias e até em novelas das 9, que ninguém reclama (Carvalho, 2019, p. 1).

Permanecemos imersos em narrativas que, diariamente, resultam na marginalização de corpos transgênero, e é imperativo promover a travaturgia e o manifesto de representatividade trans concebidos por Renata. Isso nos permitirá cultivar novas perspectivas humanas e tangíveis dentro de nossa realidade, buscando uma sociedade verdadeiramente igualitária. A preservação do feminismo transgênero é crucial, pois amplia a abrangência das questões relacionadas às experiências trans, reafirmando a importância incontestável da solidariedade com e entre todas as pessoas. Esse esforço visa a superar as manifestações de sexismo e machismo que causam sofrimento e impõem limitações ao potencial humano, afetando tanto homens quanto mulheres.

5.1 A percepção da representação

A análise deste questionário permite compreender melhor a percepção e os sentimentos do público escolhido em relação à representação de personagens transgênero no cinema brasileiro. Essas respostas podem influenciar a indústria cinematográfica a buscar uma representação mais autêntica, inclusiva e emocionante, criando um ambiente em que todas as identidades possam ser tratadas com respeito e fidelidade.

Tabela 2 – Objetivos e justificativas

Objetivo	Justificativa
Representatividade	- Dar visibilidade e representatividade às pessoas transgênero.
	- Combater a marginalização e invisibilidade histórica na cultura visual e na sociedade.
	- Abordar a representação de personagens trans no cinema brasileiro, permitindo que expressem sua perspectiva.
Conscientização	- Alertar o público sobre a realidade enfrentada pela comunidade trans no Brasil e sua relação com o audiovisual.
	- Utilizar o documentário como uma ferramenta de conscientização sobre a importância da representação positiva no cinema brasileiro.
Desmistificação	- Desconstruir estereótipos e preconceitos em relação às pessoas transgênero retratadas no cinema.
	- Mostrar que personagens transgênero no cinema brasileiro são frequentemente esquecidos, demonstrando a necessidade de mudança.
Pedagogia cultural	- Explorar o uso da pedagogia cultural negativa presente na representação de personagens transgênero no cinema brasileiro.
	- Estimular a reflexão sobre os valores e as crenças transmitidos pela cultura, usando o documentário como um meio de discussão.

Fonte: elaboração própria.

Todas as pessoas entrevistadas na pesquisa, como o ator Brenda Oliveira, influenciador, recorda personagens trans em novelas, mas a memória falha quando se trata do cinema nacional.

Figura 32 – Brenda Oliveira, Criador de conteúdo digital.



Fonte: elaboração própria (2023).

O cinema tem o poder de refletir a diversidade humana e proporcionar uma experiência emocional única para os espectadores. A representação de personagens transgênero no cinema brasileiro é um tema relevante que merece atenção e análise crítica. Nesta pesquisa, busquei compreender como esses personagens são retratados e como o público se sente em relação a essa representação. Por meio das respostas obtidas neste questionário, revelei percepções e sentimentos que podem influenciar o futuro da representatividade transgênero no cinema nacional.

Algo bastante simbólico foi o noticiado por Ferreira (2023) no portal IG Queer com o título “Ativistas *protestam contra transfake em ‘Agreste’ na 47ª Mostra de SP*”. Ato que aconteceu em outubro de 2023 e que representa a necessidade de mudanças. Ativistas, artistas e coletivos que defendem os direitos trans participaram de um protesto durante a 47ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, em oposição à prática de *transfake* no filme “Agreste”. Além da exibição do filme, o evento contou com a presença do elenco e da equipe de produção, incluindo Leo Moreira Sá, ator, ativista e cofundador do Coletivo de Artistas Transmasculines (Cats), que liderou o protesto na Reserva Cultural, localizada na Avenida Paulista.

Leo Moreira Sá já havia expressado sua posição contrária à prática, destacando que incluir atores trans em papéis secundários enquanto a personagem trans principal é interpretada por um ator cisgênero é uma estratégia recente para justificar o *transfake* em algumas produções cisgênero.

O filme *Agreste*, escrito por Newton Moreno e dirigido por Sérgio Rozenblit, foi lançado no Festival Cine-PE, em Recife. No entanto, a controvérsia surgiu devido à escolha de um ator cisgênero, Aury Porto, para interpretar o protagonista trans Etevaldo, enquanto Leo Moreira Sá, um ator transmasculino, desempenha o papel do coadjuvante Capitão Izidoro.

A representatividade trans nas artes não significa apenas sermos incluídos nas obras com pequenos papéis ou figuração. Incluir artistas trans em papéis irrelevantes onde o personagem trans protagonista é vivido por um artista cisgênero, tem como objetivo legitimar a prática do *transfake* como aconteceu na minha participação no filme ‘Agreste’ (Ferreira, 2023).

Figura 33 – Ato durante a exibição do filme *Agreste*, na Reserva Cultural, localizado na Avenida Paulista



Fonte: Reprodução/Planeta Foda/Rogério Padial

Durante o protesto, a atriz e ativista transfeminina, Renata Carvalho, também fez uma intervenção, confrontando o diretor e o produtor do filme. A situação foi coberta pelo Planeta Foda. Em 6 de setembro, o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades de São Paulo (Ibrat-SP) e o Cats emitiram uma nota de repúdio contra a prática de *transfake* e a ausência de pessoas trans na produção em geral.

Remetemos então a algo que é muito mais sério quando o cerne da pesquisa é a dificuldade em identificar diretores ou diretoras trans no cenário do cinema nacional que tenham dirigido longas-metragens. Katherine Lazar destaca a falta de referências, mencionando as irmãs do filme “Matrix” como exemplos de figuras transgênero, mas não consegue recordar nenhum diretor ou diretora trans que tenha comandado um filme

brasileiro.

Embora alguns entrevistados consigam citar diretores de curtas-metragens trans, como Henrique Bulhões e Laila Sá, como foi o caso do ator e diretor Bernardo de Assis, a lembrança de diretores de longas-metragens é escassa. A ausência de diretores com essa característica em circuito comercial é destacada, indicando um desafio significativo para a visibilidade e reconhecimento de diretores trans no contexto cinematográfico do Brasil.

A discussão central no questionário aborda a falta de representação autêntica de personagens trans no cinema nacional. Quando se questiona se a pessoa já assistiu a algum filme brasileiro em que um personagem trans seja representado por uma pessoa cisgênero e, em caso afirmativo, como foi a experiência, a resposta destaca a percepção de apagamento das existências trans, sugerindo que a escolha de atores cisgêneros para interpretar personagens trans é uma forma de negar a validade dessas vivências.

Gabriel Lodi, um dos entrevistados, menciona o sadismo presente nessa prática recorrente, destacando a preferência pela cisgeneridade e a resistência em retratar a fase pós- transição. Ele critica a falta de contrapartida e exemplifica com a situação no filme *Carandiru*, onde a atriz trans, Thelma Lipp, teria feito testes, mas um galã cisgênero acabou assumindo o papel, indicando uma oportunidade perdida para contar histórias autênticas.

Figura 34 – Gabriel Lodi, Ator



Fonte: elaboração própria (2023).

A entrevista expressa a frustração em relação à escassez de diretores e diretoras trans no cinema brasileiro, apontando para a necessidade de mais representatividade e a falta de progresso significativo na inclusão de narrativas trans nas produções

cinematográficas nacionais. No geral, expressa-se a visão de que não se percebe progresso na representação de personagens trans no cinema nacional. Katherine Lazar, uma das entrevistadas, compara a situação ao conceito de pessoas brancas interpretando pessoas negras, enfatizando a importância de respeitar o espaço de cada corpo e reconhecendo a violência e desconforto associados a essa prática.

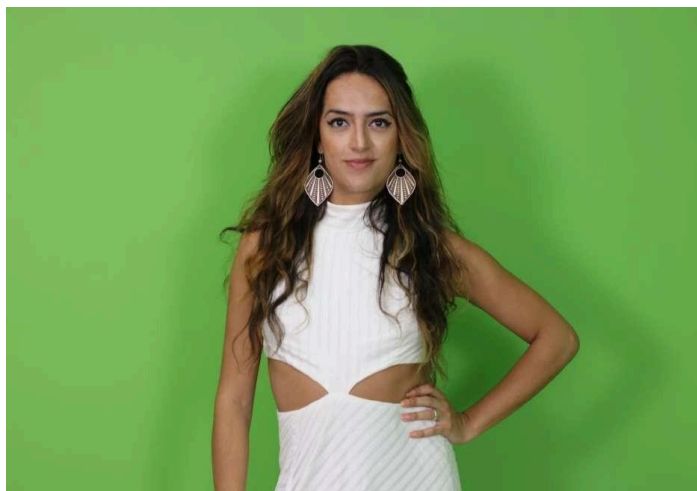
Figura 35 – Katherine Lazar, líder espiritual e terapeuta



Fonte: elaboração própria (2023)

Leona Jhavs destaca sua própria politização e participação na luta pela representatividade, ressaltando que a experiência de assistir a personagens trans interpretados por atores cisgêneros é desconfortável e violenta. A indignação com a persistência desse padrão na indústria cinematográfica é evidente, sugerindo um apelo por mudanças significativas na abordagem da representação trans no cinema brasileiro.

Figura 36 – Leona Jhavs, diretora, atriz e transfeminista



Fonte: elaboração própria (2023)

Outra discussão importante foi o entendimento sobre a falta de representação adequada de personagens transgênero no cinema brasileiro. Observa-se que, infelizmente, as representações existentes, muitas vezes, limitam-se a personagens trans interpretados de forma caricatural, com o objetivo de gerar risos. Destaca-se a escassez de papéis normais e diversificados para pessoas trans, mencionando a falta de representação para trans masculinos e não binários.

Leandra Gitana enfatiza a necessidade de mais espaço e oportunidades para representações autênticas, além de repudiar a ideia de personagens transgênero sendo tratados de maneira cômica. Ressalta a importância de incluir personagens trans em diversos contextos, como professores, personagens românticos, e em papéis que não se limitam a estereótipos. A falta de progresso na representação de personagens trans masculinos e não binários é mencionada como uma questão crítica que precisa ser abordada para uma verdadeira inclusão no cinema brasileiro.

A entrevista aborda, ainda, a dificuldade enfrentada por pessoas trans na indústria cinematográfica em termos de empregabilidade, com experiências de preconceito e resistência durante testes de elenco. Rayanne Eduarda ressalta a importância de desafiar estereótipos e dar oportunidades iguais a todos, independentemente da identidade de gênero. Embora vejamos avanços nas histórias trans femininas, ainda há um longo caminho a percorrer para garantir uma representação mais completa e inclusiva de todas as experiências trans no cinema brasileiro.

Na resposta à pergunta sobre como gostaria que as personagens transgênero fossem tratadas no cinema brasileiro, as pessoas entrevistadas expressam o desejo de que fossem retratadas de forma natural, não estereotipada e sem foco exclusivo nas experiências negativas vivenciadas por essa população. Critica-se a recorrência da abordagem de violência e exclusão nos filmes e novelas, destacando a necessidade de mostrar outros aspectos da vivência trans.

É enfatizada a importância da naturalização dos corpos trans, manifestando descontentamento com roteiros que insistem em abordar temas como transição, urbanização ou fetichização, em vez de destacar a existência comum e não exótica desses corpos. Ele argumenta que a representação de personagens trans deve ir além de suas identidades de gênero, enfatizando que são artistas, antes de tudo.

Ao rejeitar a narrativa de transição como um elemento essencial, sugere-se que as histórias devem ser construídas em torno da existência comum das pessoas trans, tratando-as da mesma forma que qualquer outro personagem.

A conclusão geral é que é importante trazer diversas realidades, não apenas as marginalizadas, e enfatiza o papel da arte e do cinema em construir novas narrativas e possibilidades para as gerações futuras.

5.2 Produção – metodologia, animação e destaques

A fim de proporcionar uma experiência visual envolvente e cativante, escolhi realizar as entrevistas em um cenário com fundo verde, utilizando a técnica de *chroma key*. Essa abordagem permitiu a substituição do fundo pelo escuro do cinema, de forma controlada, proporcionando uma sensação visual aos espectadores com foco total nas pessoas entrevistadas.

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, combinando técnicas de entrevistas semiestruturadas, análise de conteúdo e análise discursiva, com o intuito de validar cientificamente a escolha metodológica e alcançar uma compreensão robusta e detalhada das representações transgênero no cinema brasileiro. A abordagem qualitativa foi escolhida com base na sua eficácia para investigar fenômenos sociais complexos, permitindo uma exploração profunda das experiências subjetivas e contextos sociais específicos (Denzin; Lincoln, 2005). Esse tipo de abordagem foi adequado para analisar as narrativas e percepções dos indivíduos, oferecendo uma compreensão profunda e holística, conforme sustentado por Creswell (2014).

A técnica de entrevistas semiestruturadas foi selecionada como método principal de coleta de dados. De acordo com Flick (2009), as entrevistas semiestruturadas são eficazes em pesquisas qualitativas, pois proporcionam flexibilidade ao pesquisador para explorar tópicos emergentes e relevantes identificados pelos entrevistados. Esse método foi essencial para captar a complexidade das vivências e identidades transgênero, bem como suas representações cinematográficas.

A análise dos dados coletados foi conduzida utilizando uma combinação das metodologias de análise de conteúdo e análise discursiva. Ambas são amplamente aceitas na literatura acadêmica e permitiram uma interpretação aprofundada dos dados qualitativos. A análise de conteúdo foi conduzida com base nas técnicas descritas por Bardin (2011).

Essa metodologia sistematizou e quantificou os conteúdos das comunicações, possibilitando a identificação de padrões temáticos e categorias significativas nos dados textuais. A análise de conteúdo foi particularmente eficaz para examinar a frequência e a intensidade de determinados temas emergentes das entrevistas, facilitando a organização dos dados em categorias que revelaram as percepções e experiências dos participantes.

Complementarmente, a análise discursiva foi utilizada para examinar as práticas discursivas e os contextos sociais que moldam as representações transgênero no cinema brasileiro. Fundamentada nas teorias de Foucault (1972) e Fairclough (1992), a análise discursiva foi capaz de identificar as relações de poder e ideologias subjacentes às representações transgênero, oferecendo uma compreensão crítica sobre como essas identidades são construídas e apresentadas. As normas de gênero e sexualidade são construídas e reguladas através de práticas biopolíticas. A heteronormatividade e a patologização de identidades e práticas não-heteronormativas ilustram como as diferenças na sexualidade são controladas.

A obra de Foucault (1972) proporcionou ferramentas teóricas para examinar como os discursos principais configuram e regulam as identidades transgênero, enquanto Fairclough (1992) contribuiu com uma abordagem estrutural para compreender como os textos e práticas discursivas produzem efeitos sociais e ideológicos. Essa combinação metodológica permitiu uma análise multifacetada e crítica das representações transgênero. As teorias de Foucault Sobre biopoder e governamentalidade oferecem uma inspiração crítica por meio da qual podemos entender as complexas relações entre poder, diferença e controle social. Elas revelam como as práticas de governo e as tecnologias de poder estão profundamente entrelaçadas com a produção e gestão de diferenças sociais, utilizadas tanto para disciplinar corpos individuais quanto para administrar populações em larga escala.

A escolha por uma triangulação metodológica (Denzin, 1978), combinando entrevistas semiestruturadas, análise de conteúdo e análise discursiva, fortaleceu a validade e a confiabilidade dos resultados. A triangulação não só ofereceu uma visão mais rica e detalhada dos fenômenos estudados, mas também mitigou as limitações inerentes a cada método individualmente.

Com base em critérios rigorosos para a seleção das narrativas coletadas e seguindo uma pesquisa orientada, os vídeos resultantes foram cuidadosamente editados. O objetivo foi criar um produto visual final de alta qualidade, que resultou em uma duração total de 24 minutos e 41 segundos, apresentado em formato HD digital, com cores vibrantes e ricas em detalhes. Essa abordagem intenta não apenas comunicar os resultados da pesquisa, mas

também proporcionar uma experiência emocionante e envolvente aos espectadores.

É importante ressaltar que a escolha de um formato de vídeo de até 25 minutos se baseia em estudos que mostram que essa é a duração ideal para manter a atenção do público e garantir a compreensão e assimilação adequada das informações apresentadas. Além disso, a resolução em alta definição (HD) e a utilização de recursos visuais avançados contribuem para a imersão dos espectadores, aumentando o impacto e a efetividade da apresentação.

Optei por incorporar elementos animados entre as entrevistas, contando com a colaboração da Província Estúdios, uma empresa de animação sediada em Goiás. Realizei uma minuciosa decupagem e direção da animação, com o objetivo de proporcionar uma narrativa visual abrangente. Essa abordagem difere do tradicional documentário, que usualmente exibe imagens estáticas ou cenas cotidianas entre as entrevistas. Busquei criar um momento idealizado, retratando o que deveria ocorrer na realidade, ao incorporar as pessoas entrevistadas no ambiente da animação, tratando-as como personagens centrais que emergem na tela.

Figura 37 – *Still* da animação documentário “Impressões da Personagem Transgênero do Cinema Brasileiro”



Fonte: elaboração própria (2023)

A narrativa da animação entre as entrevistas adiciona uma dimensão visual e simbólica à narrativa sobre a representação de personagens transgênero no cinema brasileiro. A ideia de incorporar a animação como uma forma de contar visualmente a história da personagem trans ao enfrentar os desafios da indústria cinematográfica é inovadora e impactante. Utilizar essa forma para registrar essa história é ousada no sentido

de fugir dos padrões convencionais, também, de documentário. Já que a diversidade das possibilidades é o que se discute nesta pesquisa, então, faz sentido que também façamos uso de técnicas diversas.

A animação começa com a personagem trans diante de um cinema gigante e imponente, representando a magnitude da indústria cinematográfica. Ao entrar no cinema vazio, surge a metáfora de um deserto inspirado no cerrado, ressaltando a solidão e desafios enfrentados pela comunidade trans. A personagem cresce em determinação e autoconfiança, à medida que busca adentrar ao cinema.

O título animado, inserido de forma dinâmica, adiciona um toque especial à narrativa visual. A transição da personagem, crescendo progressivamente até atingir o tamanho normal, simbolizando o desejo de igualdade e inclusão, é poderosa.

O cinema cheio e a personagem encontrando um lugar na primeira fila, agora preenchida, destaca a transformação do ambiente ao aceitar diferentes narrativas. A contagem regressiva antes da projeção do filme reforça a expectativa e a oportunidade para a personagem trans.

Figura 38 – *Still* da animação documentário “Impressões da Personagem Transgênero do Cinema Brasileiro”



Fonte: elaboração própria (2023).

Ao se ver na tela interpretando diferentes papéis, incluindo um par romântico, a personagem trans experimenta a realização de seus sonhos e anseios na indústria cinematográfica. O aplauso na sala de cinema simboliza o reconhecimento e a aceitação da diversidade.

Figura 39 – *Still* da animação documentário “Impressões da Personagem Transgênero do Cinema Brasileiro”, atriz Leona Jovhs



Fonte: elaboração própria (2023)

Essa abordagem visual complementa de maneira significativa as impressões e desafios discutidos nas entrevistas, proporcionando uma representação mais ampla e impactante da jornada das pessoas trans na busca por igualdade e oportunidades no cinema brasileiro.

Outra estratégia adotada foi a ênfase em palavras-chave proferidas durante as entrevistas, com o intuito de destacar termos que encapsulam o cerne das respostas. Essa abordagem visa conferir aos espectadores a intensidade das expressões utilizadas pelos entrevistados. Termos como “estigmas”, “apagamentos”, “oportunidades” e outros, cuidadosamente selecionados, possuem uma carga semântica robusta, representando de maneira precisa o contexto das necessidades enfrentadas por esses artistas que buscam inserção no cenário cinematográfico e enfrentam diversas formas de adversidade.

Figura 40 – *Still* da animação documentário “Impressões da Personagem Transgênero do Cinema Brasileiro” – ator Bernardo Assis



Fonte: elaboração própria (2023)

Durante a fase de desenvolvimento do projeto final, foi atribuída uma atenção especial à questão da acessibilidade, com o objetivo primordial de garantir a representação significativa de pessoas trans. Nesse sentido, buscou-se a expertise de Evelylyn Zafférah, mulher trans, responsável pela interpretação do contexto do Rio de Janeiro. Sua participação revelou-se não apenas profissional, mas também marcada por uma expressiva satisfação e emoção diante da proposta, destacando-se como uma das primeiras espectadoras do documentário.

A colaboração de Zafférah foi multifacetada, estendendo-se desde *insights* valiosos durante a fase de pré-produção até seu envolvimento no processo de pós-produção. Sua contribuição não se limitou apenas à interpretação, mas também englobou a oferta de orientações pertinentes ao áudio para o corte final, enriquecendo o conteúdo com sua perspectiva única, e valiosas sugestões. Além disso, o *feedback* positivo fornecido por Zafférah em relação ao tema proposto reforça a relevância e eficácia do projeto.

No que tange à legendagem, buscou-se adotar um padrão que refletisse a preocupação com a acessibilidade. A linguagem híbrida utilizada foi cuidadosamente planejada, visando a proporcionar um entendimento completo do conteúdo proposto. Essa abordagem não apenas atende às necessidades de um público diversificado, mas também se alinha com a visão inclusiva do projeto, ampliando a audiência em espaços onde o documentário será exibido.

Dessa forma, a ênfase na acessibilidade, tanto na escolha da equipe quanto nas decisões de produção, reforça o compromisso do projeto em ampliar a representação e garantir a compreensão universal da narrativa, contribuindo para uma experiência enriquecedora para um público mais amplo e diversificado.

5.3 Transcinema é a revolução

O desfecho de toda a pesquisa revelou a necessidade premente de uma revolução no campo cinematográfico. Para consolidar e disseminar os resultados, elaborei uma página na internet, disponível em www.transcinema.com.br, que aborda detalhadamente essa investigação e expressa o desejo de criar uma trilha sonora original. O impulso para essa iniciativa foi notável, resultando na composição de uma letra que encapsula de forma concisa os principais aprendizados desse projeto.

Com o intuito de dar vida à música, busquei uma voz autêntica e encontrei a cantora trans chamada Cabrilha Trindade, residente em Goiás, que se tornou coautora desta peça musical. Sua participação foi essencial para conferir autenticidade e profundidade à expressão artística, proporcionando uma perspectiva única e significativa ao conteúdo da pesquisa.

Transcinema é a revolução
A que revela
É a vela que o vento sopra
Não a vela que o sopro apagará

Na tela do cinema
Na luz que vai brilhar
Pra transcender a nossa história
Temos que nos representar

Nós somos reais
Eu sou capaz
Pela minha própria voz
Não vão me calar
Eu quero cantar
Eu quero brilhar
Eu quero gritar

Câmera, luz, som
Revolução

Câmera, luz, som
A projeção tem que ser reflexo da nossa ação
A tela é um espelho
A arte imita a vida e a nossa é de urgência
Para isso não existe saída de emergência

Não vamos nos sentar
Nos reclinar e assistir
Caricaturas criadas pra fazer gente sorrir
E esquecer que quando a luz acender
A música está sumindo
E os mesmos nomes subindo
Ainda temos que viver
Comer, temos que vencer
Mas também temos que florescer

Câmera, luz, som
Revolução

A letra expressa um apelo por maior representação e visibilidade de pessoas trans no cenário cinematográfico brasileiro. Ao ser cantada por uma mulher trans, a música reflete a busca por protagonismo e reconhecimento no cinema, um espaço que historicamente tem sido dominado por narrativas e representações cisgêneras.

Figura 41 – Gravação música original “Transcinema”, cantora Cabrilha Trindade



Fonte: elaboração própria, 2023

A referência a “Transcinema” sugere a ideia de uma revolução na qual as pessoas trans assumem papéis mais significativos e autênticos na indústria cinematográfica. A metáfora da vela que o vento não apaga pode representar a resistência e a determinação em não deixar que as vozes e as histórias trans se apaguem ou sejam ignoradas.

A letra destaca a importância de ter representações verdadeiras e autênticas na tela do cinema, para que as histórias trans sejam contadas de forma genuína. A frase “Temos que nos representar” reforça a necessidade de pessoas trans serem autoras de suas próprias narrativas e não serem reduzidas a caricaturas e estereótipos criados por outros.

A parte que menciona “A projeção tem que ser reflexo da nossa ação” enfatiza a importância de as produções cinematográficas refletirem a diversidade e a realidade da comunidade trans, enquanto a referência à falta de “saída de emergência” sugere a urgência dessa mudança.

No geral, a música é um chamado à ação, uma declaração de autonomia e resistência por parte da comunidade trans no contexto do cinema brasileiro. Ela destaca a necessidade de não apenas sobreviver, mas também prosperar e florescer em uma indústria que muitas vezes marginaliza e sub representa essas vozes.

5.4 Divulgação e exibição

Após a realização do documentário, foi programada uma exibição em Goiânia, capital do estado de Goiás, no dia 27 de janeiro, às 19h, no Multicine Cinemas do Shopping

Cidade Jardim, com o intuito de proporcionar a oportunidade para pessoas interessadas, participantes e o público em geral assistirem à obra, visando a analisar as reações e promover discussões sobre o tema. No entanto, constatou-se um considerável volume de comentários negativos nas redes sociais, especialmente no perfil do Instagram do jornal *Mais Goiás*, datado de 25 de janeiro de 2023.

O lançamento do documentário, abordando a representação de pessoas transgênero no cinema brasileiro, suscitou reações diversas, predominantemente desfavoráveis. Alguns participantes manifestaram sarcasmo em relação à produção, enquanto outros desviaram o foco do tema, compartilhando atividades cotidianas, como levar a avó ao jiu-jitsu ou tirar uma soneca. Alguns comentários enfatizaram preocupações de ordem financeira, indagando sobre a fonte de financiamento do documentário e mencionando o elevado preço do arroz. Ademais, observou-se uma expressão de pessimismo, caracterizando o projeto como um “100% fracasso”.

As manifestações negativas destacam a urgência de trazer à tona a questão da identidade transgênero na sociedade. O fato de um documentário abordar a visibilidade dessas pessoas e, mesmo assim, gerar expressões intensas de ódio e insatisfação, ressalta a necessidade premente de diálogo e conscientização em relação às experiências e desafios enfrentados pela comunidade transgênero. Tais reações adversas sublinham a importância de se promover uma compreensão mais aberta e inclusiva, visando a superar preconceitos e estigmatizações associadas às questões de gênero, e enfatizam a relevância de iniciativas que busquem sensibilizar a sociedade para a diversidade de vivências humanas.

Figura 42 – Comentários sobre o lançamento do documentário no Instagram do *Mais Goiás*



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C2hu1MBusjE/>

Como a obra cinematográfica aborda a história do cinema LGBTI+ brasileiro, narrando os desafios enfrentados e as conquistas alcançadas por pessoas trans no cenário cinematográfico, foi importante a estreia se realizar no mês de janeiro, significativo para a cultura LGBTI+ brasileira, por ser um período destacado para a visibilidade trans. Foi importante trazer à tona a falta de representatividade trans na direção de filmes e em papéis de destaque.

Após a exibição do documentário, que contou com a presença de uma média de 20 pessoas, tornou-se evidente que o tema em questão é frequentemente negligenciado, inclusive pela comunidade transgênero. Há uma percepção de que se trata de um assunto doloroso e inacessível, parecendo não ser considerado prioritário para discussão. A revolução no campo do transcinema parece ser uma jornada ainda restrita a um seleto grupo de indivíduos, que estão emergindo nesse cenário. Há um longo caminho a percorrer.

A impressão é de que a importância desse diálogo não é plenamente reconhecida, mesmo dentro da comunidade LGBTI+. A compreensão da necessidade de apoiar projetos com temáticas transgênero é algo que precisa ser construído e fortalecido. É crucial destacar a urgência de fomentar discussões mais amplas e inclusivas, envolvendo a comunidade como um todo, para que se promova uma mudança efetiva na percepção e valorização do transcinema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto está alinhado com a proposta da pesquisa participante, que defende que a pesquisa deve estar a serviço daqueles que estão sendo pesquisados, contribuindo para que essas pessoas possam refletir sobre suas próprias narrativas. Busco, assim, proporcionar um entendimento mais profundo de seus problemas, para que possam agir em prol da proteção de seus próprios interesses. A análise dos corpos divergentes e das identidades ambivalentes revela a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e compreensiva que valorize a alteridade. Somente assim, poderemos criar uma sociedade verdadeiramente equitativa e inclusiva, onde todos os indivíduos têm o direito de existir e expressar plenamente suas identidades.

Não posso deixar de mencionar Gonçalves (2017, p. 8), Sara York, um exemplo de mulher, pai, avó, pesquisadora e professora, a travesti da/na Educação, com história de vida

em Goiás e doutoranda em formação de professores na UERJ¹⁸. Em seu artigo, após compartilhar sua história e batalhas para afirmar sua humanidade em meio a sofrimentos, ela declara: “Era hora de tornar-me protagonista, sobretudo nas falas acadêmicas ricamente apresentadas por meus pares cisgêneros e que falam de dor, mas sem jamais saberem dessa intensidade”. Isso ressalta a importância de conscientizar os sujeitos protagonistas da/nas mudanças, após inúmeros danos causados por instituições, como escola, religião e, até mesmo, pela própria família, no processo de formação de uma identidade, seja ela social, sexual ou de gênero.

A presente análise tem como objetivo discutir e justificar a convergência temática de diferentes aspectos problemáticos presentes no cinema contemporâneo, com foco na representação negativa das pessoas transgênero e na normalização da marginalidade. Essa abordagem abarca questões pertinentes que levantam indagações sobre a representação das pessoas LGBTI+ como um todo, especialmente no que tange à ausência de caracterizações não estereotipadas e deformidades físicas.

Inicialmente, destaca-se a prevalência de representações negativas das pessoas transgênero no meio cinematográfico. É comum observar que as personagens trans são retratadas de forma estigmatizada, perpetuando estereótipos e reforçando preconceitos arraigados na sociedade. Essa abordagem deturpada tem o potencial de reforçar o estigma e a discriminação enfrentados por indivíduos trans, contribuindo para a marginalização e a violência contra essa comunidade. A sociedade, ao operar dentro de moldes binários e reducionistas – frequentemente reforçando estruturas patriarcais e eurocêtricas – exige que os corpos e identidades se encaixem em categorias rígidas e simplificadoras. Esse enquadramento binário perpetua a marginalização dos corpos que não se adaptam a essas categorias, reforçando a exclusão daqueles cujas existências desafiam as dicotomias de gênero, raça, capacidade e outras formas de identidade impostas socialmente.

Nesse sentido, o questionamento dessa abordagem tradicional é fundamental. Ao indagar a lógica por trás da representação negativa das pessoas trans, abrem-se caminhos para a reflexão crítica e para a busca de alternativas mais inclusivas. Por meio da desconstrução desses estereótipos, é possível contribuir para a promoção de uma sociedade mais igualitária e respeitosa com todas as identidades de gênero.

Além disso, a análise dos padrões de normalização da marginalidade no cinema é um aspecto relevante a ser considerado. Ao observar a recorrência de personagens LGBTI+ retratados de forma marginalizada, sem a devida complexidade e profundidade, torna-se

¹⁸ Disponível em: <https://sarawagneryork.com/>. Acesso em: 04. Dez. 2023.

imprescindível questionar as motivações por trás dessa escolha. A ausência de caracterizações não estereotipadas e a ênfase em deformidades físicas em personagens LGBTI+ são sintomáticas de um contexto em que a diferença é frequentemente associada a um desvio da “norma” social. Essas dinâmicas têm profundas implicações para as práticas sociais e culturais. Elas influenciam desde a forma como as políticas públicas são desenhadas até as representações nas mídias e a vivência cotidiana dos sujeitos. A contínua pressão para se conformar a esses modelos de perfeição e normalidade pode ter efeitos devastadores na saúde mental e bem-estar dos indivíduos marginalizados, criando barreiras adicionais para a inclusão plena e equitativa.

Nesse sentido, é crucial refletir sobre a importância de uma representação autêntica e respeitosa das identidades LGBTI+ no cinema. A diversidade de experiências e vivências dessas comunidades deve ser retratada de maneira plural e multifacetada, desafiando estereótipos e preconceitos arraigados. É necessário buscar uma representação mais inclusiva, que valorize a individualidade e a humanidade dessas personagens, contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária e livre de discriminação. Através de uma lente crítica, também no audiovisual, é possível questionar e desafiar essas estruturas normativas que perpetuam a marginalização dos corpos divergentes. Reconhecer a importância da diversidade e promover alteridade genuína pode abrir caminho para uma sociedade mais inclusiva, onde a diferença é valorizada e não punida.

Em suma, a convergência dos aspectos problemáticos presentes no cinema contemporâneo, como a representação negativa das pessoas trans e a normalização da marginalidade, suscitam uma série de questionamentos pertinentes sobre a forma como as identidades LGBTI+ são retratadas. Ao desafiar essas convenções estabelecidas, abre-se espaço para uma análise crítica e para a busca de alternativas que promovam uma representação mais autêntica, inclusiva e respeitosa. Essa reflexão é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual todas as pessoas sejam valorizadas em sua diversidade.

Para alcançar esse objetivo, a linguagem audiovisual é utilizada como uma ferramenta poderosa para registrar os preconceitos e obter uma compreensão única da perspectiva daqueles que, muitas vezes, são marginalizados e pouco vistos. Foi concedida a oportunidade para que pessoas transgênero pudessem responder a perguntas específicas sobre as impressões dos personagens transgênero no cinema brasileiro, o foco central desta investigação.

Dessa forma, com essa abordagem participativa, que valoriza a expressão e o

empoderamento das pessoas transgênero, busco alcançar um impacto significativo, já que se percebe a carência desses personagens no cinema brasileiro. É preciso, portanto, desconstruir normas binárias: desafiar e desconstruir normas e categorias binárias que simplificam e marginalizam a diversidade corporal e identitária; promover representações diversas e inclusivas nos meios de comunicação que valorizem todos os corpos e identidades, além de reconhecer e celebrar a diferença; desenvolver políticas públicas que abordem a disparidade e promovam a equidade para todos, independentemente da conformidade com normas sociais predominantes (Butler, 1990).

Ao embasar as análises na edição do documentário, fica evidente a relevância dessas discussões. Estudos revelam que a representatividade no cinema tem um impacto direto na percepção e na aceitação de diferentes identidades de gênero. Quando as pessoas assistem a filmes que retratam personagens transgênero de forma positiva e realista, isso contribui para a diminuição de preconceitos e estereótipos, promovendo uma sociedade mais inclusiva e tolerante.

Portanto, ao estimular a reflexão sobre a representação transgênero no cinema brasileiro, este projeto busca impulsionar mudanças positivas e fomentar a criação de narrativas que ampliem o espectro de experiências transgênero retratadas nas telas. Logo, pelo diálogo e pela escuta ativa, pretendemos fortalecer o espaço para que essas vozes sejam ouvidas, reconhecidas e respeitadas.

O documentário e a pesquisa foram criados para contribuir para a alteração desse cenário de invisibilidade, proporcionando uma visão mais aberta e inclusiva em relação às pessoas transgênero, a importância de apresentar histórias contemporâneas reais, destacando não apenas a marginalização, mas também as vivências, profissões e realidades humanas desses indivíduos. Não há registro de um longa-metragem de ficção dirigido por um diretor ou diretora não cisgênero. Isso ressalta a necessidade de promover maior diversidade e representatividade nos bastidores da produção cinematográfica brasileira.

Nesse contexto, a linguagem acadêmica se torna um instrumento poderoso para fundamentar as análises e contribuir para o avanço do conhecimento nessa área. Ao adotar uma abordagem embasada em dados, pode-se ressaltar a relevância do tema e fornecer subsídios para pesquisas futuras. Assim, está-se promovendo uma discussão enriquecedora e necessária, que pode influenciar tanto as práticas no campo do audiovisual quanto a forma como a sociedade como um todo enxerga e acolhe a diversidade de identidades de gênero.

No âmbito deste trabalho, busquei abordar a problemática em questão, estabelecendo conexões entre a produção documental e minhas próprias contribuições do presente estudo. Ao invés de simplesmente citar outros autores, a ênfase recai na aplicação prática dos conceitos discutidos, especialmente no contexto do estilo documental adotado, que tem o propósito de proporcionar uma experiência educacional ao público-alvo.

A escolha do estilo de filmagem e das entrevistas como ferramentas de coleta de dados está diretamente relacionada à intenção de gerar conhecimento por meio da vivência pessoal do pesquisador. Ao adotar essa perspectiva genuína, o documentário não apenas destacou as lacunas e desafios enfrentados pelas pessoas trans na indústria cinematográfica brasileira, mas também ofereceu uma narrativa única e impactante. O uso da animação positivista proporcionou uma visão otimista, enquanto as vozes e experiências reais dos entrevistados enriqueceram o documentário com uma análise crítica e reflexiva. Assim, a produção se tornou uma contribuição significativa para a desconstrução de estereótipos e a promoção da diversidade no cinema, desafiando a mentalidade colonialista que, por muito tempo, limitou a representação autêntica das minorias no meio cinematográfico brasileiro.

A experiência em um ambiente extremamente violento desempenhou um papel crucial como estímulo para a condução desta pesquisa, uma vez que o fenômeno em questão se enraíza no cotidiano dos indivíduos envolvidos. Todos os entrevistados compartilharam experiências de violência, não apenas na forma de agressões físicas, mas também na dimensão de não se sentirem representados. Essa violência emerge não apenas das realidades das ruas, mas também da cultura visual permeada pelo audiovisual.

Cada pessoa entrevistada destacou a falta de representatividade como uma forma de violência, contribuindo para um ambiente de exclusão e marginalização. A ausência de diretores trans na indústria cinematográfica e a escassez de personagens com vidas normais nas telas alimentaram a percepção de uma violência simbólica, que se manifesta diretamente na cultura audiovisual.

A pesquisa revelou unanimidade entre os entrevistados, pois todos expressaram a convicção de que são necessárias ações efetivas para melhorar as condições no cinema nacional. Há um consenso de que é crucial estabelecer um protagonismo trans, tanto na frente das câmeras quanto nos bastidores, a fim de combater a violência simbólica e promover uma representação autêntica. As vozes coletadas ressaltam a urgência de medidas que transcendam o discurso e efetivamente transformem a indústria cinematográfica brasileira, proporcionando um espaço inclusivo e verdadeiramente diversificado.

Essa conscientização social e o reconhecimento do lugar ocupado na sociedade impulsionaram o interesse em abordar questões relacionadas à diferença de gênero e às experiências vivenciadas por aqueles que lidam com essa realidade. Além disso, vale mencionar que os diálogos estabelecidos durante a pandemia também desempenharam um papel importante no surgimento da ideia para este estudo.

A pesquisa revela uma gama diversificada de perspectivas e experiências, apontando para a necessidade de uma representação mais autêntica e inclusiva de personagens transgênero no cinema brasileiro. A discussão ressalta a influência significativa do cinema na construção de percepções sociais e destaca a importância de enfrentar desafios persistentes para alcançar uma representação mais equitativa e precisa. As conclusões deste estudo contribuem para a discussão crítica em torno da diversidade de gênero nas produções cinematográficas nacionais. Até quando?

O propósito fundamental deste projeto consiste em catalisar uma transformação significativa no panorama do audiovisual brasileiro, mediante a ampliação do reconhecimento e apreciação das perspectivas e experiências transgênero. Ao viabilizar a audição e o respeito a essas vozes, contribui-se para a construção de uma sociedade mais inclusiva, equitativa e compassiva. O almejo é que esta pesquisa se torne um marco histórico, testemunhando uma era já superada, e que as narrativas sejam redefinidas e protagonizadas de maneira definitiva por indivíduos transgênero no cinema nacional, ocupando posições de liderança em todas as etapas do processo criativo.

A falta de diretores transgênero em papéis de destaque no cinema nacional é um reflexo das barreiras sistêmicas e estereótipos que persistem na indústria. A narrativa trans ainda não encontrou espaço significativo nas produções comerciais, o que impacta diretamente na visibilidade e no reconhecimento desses cineastas.

Este cenário sublinha a importância de esforços contínuos para superar essas limitações, promovendo oportunidades igualitárias e quebrando os padrões estabelecidos. Ao destacar essa carência, a pesquisa reforça a necessidade de ações concretas que promovam a diversidade e ofereçam plataformas para que cineastas transgênero possam contribuir e influenciar positivamente o cenário cinematográfico brasileiro. A mudança requer um comprometimento coletivo em superar obstáculos e construir um ambiente mais inclusivo e representativo na indústria do cinema.

A compreensão desse tema é imperativa, exigindo seriedade e urgência. É preciso que as pessoas reconheçam o lapso evidente e o equívoco em não proporcionar

oportunidades igualitárias e justas a talentos excepcionais em nosso cinema nacional. A falta de representatividade de pessoas transgênero não apenas na indústria cinematográfica, mas em diversos setores da sociedade, é uma falha que precisa ser corrigida.

É crucial almejar uma mudança significativa, não apenas no cinema, mas em todos os aspectos da vida cotidiana. A presença de pessoas transgênero na academia, na política e em diversas classes sociais é vital para construir uma sociedade mais inclusiva e justa. A cultura visual e o cinema desempenham um papel fundamental na transformação de narrativas e na promoção de uma representação autêntica.

Novas perspectivas e experiências aguardam para serem compartilhadas, enriquecendo nosso entendimento coletivo do mundo. A expressão “transcinema”, neste contexto, significa cinema transgênero em uma só palavra, reflete a revolução necessária para romper com as normas estabelecidas e abrir caminho para narrativas mais diversas e inclusivas. Estamos diante de uma oportunidade de redefinir a indústria cinematográfica e a cultura visual, construindo um futuro onde a representatividade trans seja não apenas desejada, mas essencial para a riqueza e a autenticidade de nossas histórias.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, P. D. de. Artefatos culturais midiáticos e pedagogias culturais: uma análise para explorar as qualidades pedagógicas da vida contemporânea. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 38., 2017, São Luís. Anais [...]. São Luís: ANPEd, 2017. p. 1-16.
- ARAÚJO, E. **Documentário Temporada de Caça**, de Rita Moreira. Revide, 2017. Disponível em: <http://revide.blogspot.com/2017/03/documentario-temporada-de-caca-de-rita.html?m=1>. Acesso em: 01 jul. 2022.
- BAKHTIN, M. (1986). *Speech Genres and Other Late Essays*. (V. W. McGee, Trans.; C. Emerson & M. Holquist, Eds.). Austin, TX: University of Texas Press.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1949. v.1.
- BESSA, K. A Teoria Queer e os desafios às molduras do olhar. **Revista Cult**, 2014. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/teoria-queer-e-os-desafios-as-molduras-do-olhar/>, Acesso em: 10. Jan. 2023.
- BESSA, K. Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 28, p. 257–283, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644806>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- BUTLER, J. P. **Gender trouble : feminism and the subversion of identity** / Judith ... Scott with Holley Roberts (Albany: SUNY Press, 1990)
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARDOSO, L. **Crônica da casa assassinada**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- CARVALHO, R. O corpo transvestigênera – o corpo travesti – na arte. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3 n. 1, p. 213-216, 2019.
- COWAN, B. Homossexualidade, ideologia e subversão no regime militar. *In: GREEN, J; QUINALHA, R. (org.). Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EduFSCar, 2015. p. 27-52.
- COSTA, M. V. **Pedagogia Cultural e Práticas Educativas: construindo conhecimentos na diversidade**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- CRESWELL, J. W. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods**

Approaches. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2014.

DENZIN, N. K. **The Research Act: A Theoretical Introduction to Sociological Methods.** New York: McGraw-Hill, 1978

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **The SAGE Handbook of Qualitative Research.** Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2005.

DERRIDA, J. (1967). **De la grammatologie.** Paris: Minuit.

DOUGLAS, M. (1966). **Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo.** London: Routledge.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change.** Cambridge: Polity Press, 1992

FERREIRA, J. C. **Ativistas protestam contra transfake em ‘Agreste’ na 47ª Mostra de SP.** Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2023-10-24/ativistas-protestam-contratransfake-em-agreste-na-47-mostra-de-sp.html>, de 24/10/2023. Acesso em: 10. Nov. 2023.

FLICK, U. **An Introduction to Qualitative Research.** London: SAGE Publications, 2009.

FOUCAULT, M. (1976). **A Vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, M. **The Archaeology of Knowledge.** New York: Pantheon Books, 1972.

FOSTER, W. **Gender and society in Brazilian contemporary cinema.** Austin: University of Texas Press, 1999.

FREIRE FILHO, J. Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias. **ECO-PÓS**, v. 7, n. 2, agosto-dezembro 2004, pp. 45-71.

GONÇALVES, C. R. **Transexualidade, cinema e linguagem: dialogando com Kátia.** Universidade Católica de Pelotas, 2014. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/379>. Acesso em: 10. Nov. 2023.

GONÇALVES Jr., S. W. P. No Mar dos Abandonos: suspiro entre a teoria e prática queer. In: **Rebeh** – Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/95/54>. Acesso em: 20. Jan. 2023.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. (1996). **Cultural Studies: Two Paradigms.** Media Education Foundation.

_____. (1997). **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices.** Sage

Publications.

FREUD, S. (1905). **Three Essays on the Theory of Sexuality**. Leipzig: Deuticke.

HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO. Direção: Daniel Ribeiro. Brasil (SP): Lacuna Filmes, 2014. Drama; Romance (96 min).

JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Edições 70, 1994.

KOYAMA, E. **The transfeminist manifesto**. Eminism.org, 2001. Disponível em: <http://eminism.org/readings/pdf-rdg/tfmanifesto.pdf>. Acesso em: 23. Dez. 2023.

LEITE Jr., J. 2011. **Nossos corpos também mudam**: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, 2011. 240p.

LOPES, D. Cinema e Gênero. *In*: MASCARELLO, F. (org.) **História do cinema mundial**. Campinas: Papirus, 2006.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista** Guacira Lopes Louro – Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

LUFE, S. **O Cinema que Ousa Dizer seu Nome**. São Paulo: Giostri Editora Ltda, 2016.

MARTINS, L. H. de J. **Entre a repulsa e o fascínio**: o corpo trans no cinema brasileiro. 2017. 160f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

MARTINS, R.; TOURINHO, I. **Pedagogias Culturais**. 1. ed. Santa Maria: UFSM, 2014.

MENESES E. S. Artivismo de gênero e mediação sociocultural no manifesto transpofágico de Renata Carvalho. **Revista Extraprensa**, São Paulo, 2021.

MEIRELLES, F.; LUND, K. **Cidade de Deus**. Brasil: O2 Filmes, 2002. (Filme)

MITCHELL, W. J. T. Mostrar o ver: uma crítica à cultura visual. **Interina**, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2006.

_____. ¿Qué es una imagen? *In*: VARAS, Ana García (ed.). **Filosofía de la imagen**. Salamanca, Espanha: Ediciones Universidad Salamanca, 2011, pp. 107-154.

_____. O que é uma imagem. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 52, jul-dez, 2019.

MONDZAIN, M. **A imagem pode Matar**. Lisboa: Vega, 2009, pp. 16-37.

MORENO, A. **A Personagem Homossexual no Cinema Brasileiro**. Niterói, RJ: EduFF

Editora da Universidade Federal Fluminense, Funarte, 2001.

PASCHOAL, M. **Rogéria - Uma mulher e mais um pouco**. São Paulo: Estação Brasil, 2016.

PEGORARO, E. Estudos Visuais: principais autores e questionamentos de um campo emergente. **Revista Domínios da Imagem**, Londrina, ano IV, nº 8, p. 41-52, maio 2011.

PIMENTEL, G. *et al.* Brasil é destaque na subnotificação de mortes e perpetuação de estigmas LGBTQ+. **Brasil de Fato**, 28 jun. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/28/artigo-brasil-e-destaque-em-subnotificacao-de-mortes-e-perpetuacao-de-estigmas-lgbt>. Acesso em: 24. Dez. 2022.

PONTES, C. F. B. **Cinema LGBTQ exibido no Brasil: discursos, temáticas e tendências**. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2018.

QUE HORAS ELA VOLTA?. Direção: Anna Muylaert. Brasil: África Filmes, 2015. Longa-metragem – Drama (112 min).

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**. São Paulo: EXO experimental; Editora 34, 2005.

RICH, B. R.. **The last refuge of democracy: a talk with B. Ruby Rich**, by Jannie Rose, 2004. Disponível em: www.greencine.com/article. Acesso em: 05. Maio. 2023.

RITO, L.. **Muito Prazer, Roberta Close**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.

RIZZO, L. Linn da Quebrada: “Nós travestis não podemos nos dar ao luxo de sentir medo. Senão, não sairíamos de casa”. **Marie Claire**, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://glo.bo/3keh31J>. Acesso em: 26. Dez. 2023.

SALGADO, R. Pastor André Valadão diz em culto que, se pudesse, 'Deus mataria' a população LGBTQIA+ e fala para fiéis 'irem para cima'. **Portal G1 globo.com** 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/07/03/pastor-andre-valadao-diz-em-culto-que-se-pudesse-deus-mataria-a-populacao-lgbt-e-fala-para-fieis-irem-para-cima-dacomunidade.ghtml>. Acesso em: 8. Jul. 2023.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

SANTOS, C. Goiás ocupa 3º grupo de estados com mais mortes violentas de pessoas LGBTI+. **Diário do Estado de Goiás**. Globo.com de 13 de maio de 2023. Disponível em: <https://diariodoestado.com.br/goias-ocupa-3o-grupo-de-estados-com-mais-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-275545>. Acesso em: 01. Jul. 2023.

SAUSSURE, F. de. (1916). **Curso de Linguística Geral**. (Charles Bally e Albert Sechehaye, Eds.). Paris: Payot.

SILVA, C. R. **Corpos (Trans) Formados no Cinema**, Dissertação (Mestrado)

– Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

SILVA, R. P. da. Vai Malandra... seu corpo é instrumento (contra) violento Figurações da marginalidade no filme “A Rainha Diaba” (1973). *In*: ETO, Miguel Rodrigues de Sousa; GOMES, Aguinaldo (org.). **História & Teoria Queer**. Salvador: BA Editora Devires, 2018.

SOUZA, H. da C. A. de; JUNQUEIRA, S. R. A.; REIS, T. (org.). em **Ensaio sobre o perfil da comunidade LGBTI+**. Curitiba: IBDSEX, 2020. (Coleção Livres & Iguais). Disponível em: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/redes/valorizacao_diversidade/cartilhas/LIVRO%20-%20%20LIVRES%20E%20IGUAIS%20-PESQUISA%20LGBTI%20B.pdf. Acesso em: 10 dez 2023.

STEFFEN, L. **O cinema que ousa dizer seu nome**. São Paulo: Giostri Editora, 2016.

TELA TRANS. Disponível em: <https://telatrans.com/sobre-nos/>. Acesso: em 10. Dez. 2023.

TGEU. **Projeto de investigação TvT**. Trans Muder Monitoring / Observatório de Pessoas Trans Assassinadas (TGEU, 2020). Disponível em: <https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring>. Acesso em: 20. Ago. 2021.

TINTA BRUTA. Direção: Filipe Matzembacher e Marcio Riolon. Brasil (RS): Avante Filmes; Besouro Filmes, 2018. Longa-metragem – Ficção (118 min).

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2018.

VALLE, L. O que é ser não-binário? **Instituto Claro**, 2023. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/cidadania/nossas-novidades/reportagens/o-que-e-ser-nao-binario/>. Acesso em: 10. Nov. 2023.